

Governo esvazia cabaz de compras

O Governo anunciou ontem, pelo voz do ministro do Comércio, que o Cabaz de Compras vai ser esvaziado continuando apenas a ser subsidiados quatro produtos essenciais: leite, pão, arroz e açúcar.

Os restantes entram no regime de preço declarado dizendo o Governo que os subsídios assim poupados serão utilizados no aumento das pensões de reforma e dos abonos de família dos estratos populacionais mais desfavorecidos.

Mas esta mudança não passa, por ora, de filosofia, pois o Orçamento para este ano não prevê verbas compatíveis com o anunciado reforço de refor-



Alexandre Vaz Pinto

mas e abonos numa proporção mínima aos subsídios não gastos com o cabaz moribundo. Pág. 10

Lisboa quatro dias sem gás

Lisboa vai ficar sem gás durante quatro dias, em consequência da greve da Petroquímica marcada para dois períodos de três dias intervalados: 17/19 e 24/26. A paralisação da Petroquímica foi decidida pelas Federações dos Escritórios, Químicos e Quadros que marca-

ram entretanto uma conferência de imprensa para explicarem as razões da greve e, em especial, do corte no abastecimento de gás à cidade de Lisboa. O gás deixará de circular nas canalizações nos últimos quatro dias de greve, ou seja, a 19, 24, 25 e 26 de Março.

ram entretanto uma conferência de imprensa para explicarem as razões da greve e, em especial, do corte no abastecimento de

gás à cidade de Lisboa. O gás deixará de circular nas canalizações nos últimos quatro dias de greve, ou seja, a 19, 24, 25 e 26 de Março.

Três "generais": Governo, exportadores e um comerciante

Exército de 45 mil pipas na guerra do vinho do Porto

A comercialização de metade da colheita de vinho do Porto do ano passado pelas mãos de uma única pessoa desencadeou uma guerra com várias frentes em

que o Governo não será parte menos importante, na sequência de uma «nota oficiosa» a propósito ontem divulgada. Estando, como estão, em causa avultados

interesses, que no caso presente envolvem mais de dois milhões de contos, não é de estranhar tudo o que até agora já tivemos possibilidade de ver. Para já,

temos a acusação do homem que concentrou os poderes de comercialização 45 mil pipas de vinho do Porto: os exportadores terão feito pressões Pág. 20

Hoje:

Ler/Escriver

Como prometeramos, publicamos hoje o segundo número de «DL- ler/escrever», um recomeço de uma tradição do nosso jornal, que sempre esteve intimamente ligado às artes e à cultura. O suplemento literário de hoje inclui um poema inédito de José Gomes Ferreira, (na foto) artigos de Luís de Miranda Rocha, Ernesto Sampaio e Fernando Guerreiro. Declarações do romancista e político chileno Teitelboim, de quem se anuncia a edição portuguesa de «A Semente na Areia», actualidades literárias, etc.



Preparando o Congresso

Militantes de base do MDP queixam-se da actual imagem política do partido

Militantes da Base de Escritórios (com a distrital de Viana do Castelo) queixam-se da imagem do MDP/CDE, «subalternizada», com «uma subjectiva conotação estrutural com o PCP», defendendo que o MDP se apresente sozinho nas próximas eleições. Este, um dos dois documentos (o outro é do Secretariado Nacional) a debater no próximo congresso, em Abril, do MDP/CDE. Pág. 4

Moço que desviou "Boeing" da TAP convidado a filmar em Hollywood

Pág. 8

Concurso "DL"/81

No aniversário do
Diário de Lisboa
um presente
para todos
os leitores!

Para além dos 60 presentes especiais que o «DL» vai oferecer, no 60.º aniversário, aos seus leitores mais afortunados, todos receberão um prémio: um álbum, um verdadeiro álbum com 120 páginas e capa a 4 cores que será o primeiro de uma série.

Que Álbum? O leitor verá dentro de poucos dias: estamos certos de que vai gostar

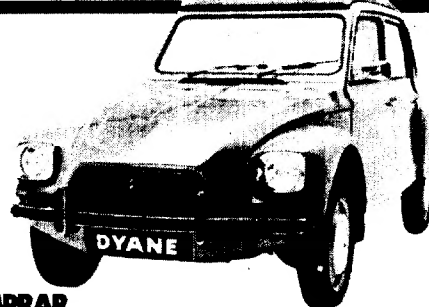
Compre o "DL" e concorra
60 PRÉMIOS 3 AUTOMÓVEIS

O Diário de Lisboa na Índia

Representada da Índia, onde esteve durante cerca de um mês, a nossa redatora Lourdes Pires escreve hoje na pág. 2 sobre a Conferência dos Países Não-Alinhados, a que assistiu, em Nova Deli.

Amanhã, no mesmo local, publicaremos a segunda parte da sua reportagem sobre a Conferência. Um ministro alagado, em resposta a um representante do «New York Times», afirma que os soviéticos abandonarão o país logo que Cabul decida nesse sentido.

COMPARE A DYANE...



ANTES DE COMPRAR

Compare o seu conforto inultrapassável... Compare o seu espaço interior e o espaço da sua bagageira. Compare a sua magnífica estabilidade. Compare a sua espantosa simplicidade mecânica e de condução.

PONTO POR PONTO A DYANE GANHA SEMPRE!

ANTES DE COMPRAR

Compare o seu preço. Compare a sua economia em combustível e em manutenção... Compare a sua forma de pagamento...

CONTO POR CONTO A DYANE GANHA SEMPRE!

NO COMPARAR É QUE ESTÁ O GANHO!

CITROËN DYANE

Conferências dos Países Não-Alinhados em Nova Deli

I — A Paz e a Segurança estão ameaçadas

«O Não Alinhamento não significa neutralidade nem indiferença. Envolve o activo e livre exercício do julgamento de certos princípios. A Paz não é passiva...» afirmou a sr.^a Indira Gandhi, na sessão comemorativa do 20.º Aniversário da Primeira Conferência dos Países Não-Alinhados. Vinte anos depois em Nova Deli, os princípios defendidos (pelo menos em teoria) eram praticamente os mesmos que os fundadores do Movimento consagraram na Declaração de Belgrado.

O primeiro-ministro da Índia, ainda a propósito da Paz, terminou o seu discurso com uma citação do poeta Sriajini Naidu: «A verdadeira paz não é a negação, não é a paz do cobarde, não é a paz do morto... mas a paz militante, dinâmica e criativa que exalta o espírito humano.»

Desta vez foi a Índia, grande e misterioso país, terra de altos contrastes, da filosofia de Buda e de Mahatma Gandhi, representativa de um sétimo da população mundial, o anfitrião da Conferência dos Países Não-Alinhados. Durante cinco dias no Vigyan Bhavan (Palácio da Cultura) de Nova Deli, os ministros dos Negócios Estrangeiros de 95 países discutiram, entre outras matérias, os pontos «quentes» da situação política internacional. Trata-se dos casos Camboja, Afeganistão, Oceano Índico, Caraíbas. E da guerra entre o Iraque e o Irão.

Em 1961, por iniciativa dos estadistas, já ausentes da vida, Nehru, Nasser e Tito, reuniram na cidade de Belgrado os vinte cinco países que deram expressão ao Movimento dos Não-Alinhados. Nessa época o colonialismo, embora a caminho da decadência, ainda se mantinha de «pedra e cal». A guerra fria, por outro lado, ameaçava transformar-se numa guerra real. Daí que os fundadores do Movimento se tenham empenhado convictamente na luta pela Paz. E dela se tenham tornado símbolos.

«Os impérios coloniais na Ásia, África e América Latina vão desaparecer da história» dizia a Declaração de Belgrado, num tom quase de profecia. Os últimos impérios agonizavam, sem hipótese de reconstrução.



O general Costa Gomes e o sr. Romesh Chandra, presidente do Conselho Mundial para a Paz e Cooperação

Até já no de Portugal, o último dos últimos, as lutas de libertação se começavam a desencadear.

«Antevê-se uma nova guerra fria. Lamentavelmente certas forças políticas tentam desencadear conflitos perigosos para a Paz...» - sublinhou Isidoro Malmierca, ministro dos Negócios Estrangeiros de Cuba, país que neste momento detém a presidência do Movimento dos Não-Alinhados.

O representante de Cuba referiu-se aos acontecimentos do Afeganistão, à guerra entre o Iraque e o Irão que «servem de pretexto para colocar no Oceano Índico o maior arsenal bélico jamais visto». Focou também o fracasso da Conferência de Genebra no respeitante à questão da Namíbia que continua a ser vítima das «maiores violências» e ainda os ataques «cinicos e brutais» contra Moçambique e a Etiópia «movidos pelas forças mais agressivas do imperialismo».

Isidoro Malmierca, na sua longa alocução, não se esqueceu de condenar o que se passa em determinados pontos da América Latina, onde «as tiranias militares recebem apoios descarados dos Estados Unidos». Sobre El Salvador, Nicarágua e Grenada para o perigo de

uma «invasão». Aliás na Declaração de Nova Deli são feitas referências às tensões que na América Central e na zona das Caraíbas ameaçam a Paz e a Segurança, assim como a independência de alguns países daquelas regiões.

Os ministros, no Documento final condenaram as pressões exteriores que visam impedir a consolidação das revoluções da Nicarágua e de Grenada e as ingerências nos assuntos de El Salvador. Sem subterfúgios apoiaram as reivindicações, formuladas pelo povo cubano, relativamente ao bloqueio praticado contra Cuba e à entrega da base de Guantanamo àquele país, a que de facto pertence. A Conferência manifestou-se, também, sobre a questão de Porto Rico que «tem direito a escolher o seu futuro político». E declararam esperar que o Governo dos Estados Unidos aplique e respeite rigorosamente os tratados sobre o Canal do Panamá.

Enfim! na Conferência de Deli falou-se muito de Paz e da necessidade de dessanviamento». Fizeram-se recomendações e críticas demasiado suaves. Mas no concreto nada se resolveu. Sentiu-se um vazio e uma certa fluidez em todos aqueles discursos, no conteúdo

dos textos, nas emendas apresentadas... Sentiu-se uma certa procura do compromisso.

Curiosamente o general Costa Gomes, com quem me encontrei no Palácio da Cultura de Nova Deli, onde integrava a delegação do Conselho Mundial para a Paz, dizia-me: «Acho que a Conferência é importante na medida em que tenta suavizar certos antagonismos existentes no mundo. No entanto, penso que não vai trazer elementos novos para a solução dos problemas mundiais visto que nela não estão presentes as superpotências, especialmente as duas grandes, sem as quais nada se pode fazer...»

Apesar da unidade proclamada no Movimento é indubitável que no seu seio há choques transparentes. Na verdade nada existe de comum entre Cuba e o Paquistão do general Zia. Nem entre Moçambique e a Malásia. Nem entre a Argentina e a Etiópia... De qualquer maneira o prato da balança inclinou-se ligeiramente para o lado dos países progressistas e seus aliados liberais. Deu-se na Declaração final mais ênfase à condenação da «excessiva» presença dos Estados Unidos na base de Diego Garcia do que à «crise afegã». A chamada intervenção soviética não ficou expressa no documento com a virulência que os paquistaneses propunham. Nem sequer com a subtilidade que a Índia sugeria. Criticou-se, sim, a permanência de «tropas estrangeiras» no Afeganistão.

Entretanto o representante do Irão, Behzad Nabavi, um jovem com menos de trinta anos, barbudo e trajando um casaco de caqui esverdeado, todo sorrisos para a imprensa que o promoveu a vedeta da Conferência, frisou que o seu país, quanto ao problema do Afeganistão era bastante radical. Exige «a retirada imediata das forças militares da União Soviética». Esta posição fundamenta-se, segundo o porta-voz do Irão, no facto do actual governo do Afeganistão não representar verdadeiramente o povo. Coerente com esta tese o Irão propôs, na Conferência de Nova Deli, que o Governo de Cabul fosse expulso do Movimento dos Não Alinhados. Exigência do mesmo teor foi formulada em relação ao Iraque.

«O neocolonialismo, repudiado em 1961, na Conferência de Belgrado penetrou, através das multinacionais, na maior parte dos países que conquistaram a independência» salientou Isidoro Malmierca. Mais uma vez repetiu que, não obstante as palavras de apelo à unidade, os blocos desenham-se dentro do Movimento com nitidez. Muitas vezes é impossível cumprir as regras defendidas em Belgrado, Cairo, Lusaca, Agel, Colombo e Havana. Regras que traduzem a linha dos Países Não-Alinhados. E que deveria ser a sua essência. Uma delas coincide em dar prioridade à unidade de maneira a ultrapassar as diferenças de sistemas sociais, de religião, de crença, de níveis de desenvolvimento e de interesses.

O ministro cubano adiantou que «se em 1961 havia perigo da guerra, hoje, vinte anos depois a situação é a mesma». A Conferência analisou a situação política internacional como «muito complexa e tensa». Os

çadas pelos Estados Unidos, entraram nos últimos tempos num frenesim de agressividade. Foi reactivada a guerra fria e cresceu a corrida aos armamentos.

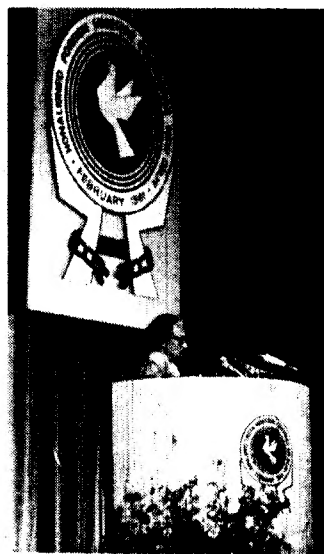
Com vista a um desbloqueamento da situação a República Popular da Coreia propôs que fosse inserido na Declaração Política um parágrafo que sugeria a «dissolução de todos os blocos militares, a evacuação das bases e das tropas estrangeiras estacionadas noutros países assim como o estabelecimento de zonas desnuclearizadas». Efectivamente a criação de «zonas de paz» em diversas partes do mundo foi de novo anunciada em Nova Deli como um dos princípios fundamentais do Movimento.

Igualmente o secretário-geral das Nações Unidas traçou um quadro bem negro do perigo nuclear que paira sobre a humanidade. Segundo Kurt Waldheim calcula-se que, durante 1980, os ensaios com armas nucleares realizaram-se à medida de um por semana. O que é uma enormidade! A potência total dos actuais arsenais nucleares equivale a um milhão de bombas como a de Hiroshima. Numa época em que a fome faz estragos em vastas regiões do mundo, nada mais irracional que a existência, no nosso planeta, de maior poder explosivo do que alimentos» - concluiu o secretário-geral das Nações Unidas.

Considerações correctas, estas, as pronunciadas pelo sr. Kurt Waldheim. É imoral, obscuro até, que 800 milhões de pessoas vivam numa situação de pobreza absoluta. É criminoso que, só em 1978, as estatísticas deem como mortos de fome 12 milhões de crianças com menos de cinco anos de idade.

É doloroso saber que com o dinheiro de um tanque de guerra se poderiam construir escolas para milhares de crianças. Por tudo isto: pelo desigual aproveitamento das riquezas naturais, pelas diferenças na repartição da mesma riqueza, pelos rios de dinheiro desbaratados na compra de armamento e na construção de bombas nucleares, quase nos apetece comentar que a ideia de progresso acaba por ser uma «terrível burla».

Lourdes Féria



Indira Gandhi, primeiro-ministro da Índia na sessão de abertura da Conferência dos Países Não-Alinhados...

antagonismos degradaram-se consideravelmente desde a sétima Cimeira de chefes de Estado dos Países Não-Alinhados efectuada em Havana. As crises sucedem-se quase em cadeia. E as forças imperialistas, encabe-



CAMARA MUNICIPAL DO SEIXAL ANUNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE Fornecimento e montagem de equipamento rádio-telefone

PREÇO BASE 1 230 000 \$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA 3 075\$00

LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS:

LOCAL: Paços do Concelho de Seixal, Secretaria da Câmara Municipal

As propostas devem ser apresentadas no prazo de vinte dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no «DIÁRIO DA REPÚBLICA», e a sua abertura terá lugar às 21 horas na primeira reunião pública da Câmara que se seguir ao termo do prazo fixado.

O caderno de encargos e as condições técnicas encontram-se patentes todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, na Secretaria desta Câmara Municipal.

Paços do Concelho do Seixal, 23 de Fevereiro de 1981

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Eufrazio Filipe Garcez José

«NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES EM PORTUGAL»

MOVIMENTO NACIONAL DE OPINIÃO

SEGUNDO ENCONTRO PREPARATÓRIO

S.N.B.A. — R. BARATA SALGUEIRO, 36 — LISBOA
QUINTA-FEIRA, 12 DE MARÇO — 21 HORAS

- Bases do Movimento
- Abaixo-assinado nacional
- Comissão coordenadora
- Sessão pública em 27 de Março, no Pavilhão dos Desportos

Presidência de Rui Grácio. Intervenções de Emidio Martins, Eurico da Fonseca, Abran-ches Ferrão, Carlos Candal, Silas Cerqueira.

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA ALIMENTAR

Rua Alexandre Herculano n.º 23-2.º Santarém



CONVOCATÓRIA

De conformidade com o Artigo 65.º e para cumprimento do Artigo 31.º, alínea b) dos Estatutos do Sindicato, convoco a Assembleia Geral a reunir em sessão ordinária, no próximo dia 29-3-81, pelas 10 horas na sede do Sindicato, em Santarém, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

APRECIACÃO E APROVAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS DO ANO DE 1980 E O PARECER DO CONSELHO FISCAL.

NOTA: A Assembleia funcionará à hora marcada, nos termos do Artigo 35.º, com a presença de qualquer número de sócios.

Santarém, 10 de Março de 1981.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Mendes

ponto a ponto



● Geralmente considerada uma das maiores manifestações culturais e artísticas realizadas no nosso país, a Festa do «Avante!»/ 81 já tem data marcada: 4, 5 e 6 de Setembro. O local é o mesmo dos dois últimos anos, ou seja o Alto da Ajuda.

● O Presidente da República recebeu hoje, às 11 horas, uma delegação do secretariado da CGTP-Intersindical Nacional. Ontem, além do encontro — que noticiámos — com uma representação da UGT, Ramalho Eanes recebeu em audiência o chefe do executivo da Região Autónoma dos Açores, Mota Amaral.



● O novo executivo da freguesia da Sé (Porto), é composto por um elemento do PS (que preside) e quatro elementos da APU. A respectiva eleição teve lugar anteontem à noite, tendo-se ainda procedido à eleição da mesa da Assembleia, que é integrada por dois elementos do PS e um da APU.



● O embaixador da URSS em Portugal, Arnold Kalinin, foi ontem recebido, em audiências separadas, pelo Presidente da República e pelo Primeiro-Ministro, a quem fez entrega das conclusões do recente Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em que Brejnev fez um conjunto de propostas visando a manutenção da paz e o reforço do desanuviamento.



● O ministro dos Assuntos Sociais, Carlos Macedo, deu ontem posse à Junta Central das Casas do Povo, cujo conselho directivo integra Alcides Gouveia (presidente), Ângelo Frederico, Salter Cid e Maria da Graça Gago Vitorino (vogais). Nos discursos da praxe, o ministro referiu «a necessidade da descentralização e da regionalização e disse que a posse do conselho directivo da Junta Central das Casas do Povo não expressava qualquer tutela do Estado», enquanto Alcides Gouveia sustentava que «mais importante do que a Junta são efectivamente as Casas do Povo».

● O general Artur Beirão deverá tomar posse como comandante da Região Militar de Lisboa na próxima semana, confirmando-se assim a notícia que demos anteontem, em primeira mão. Por outro lado, o brigadeiro Aurélio Trindade, que foi chefe de gabinete de Ramalho Eanes na EMGFA, acaba de ser colocado na direcção da Arma de Infantaria, como inspector.



GENTES E PAISAGEM

Dias Melo

E em Santo Amaro, à noite, em casa, ao serão, depois da ceia, continuava Mestre Júlio falando.

A luz, no alto, caía sobre a toalha branca da mesa. A loiça, acabada de servir, levava-a a mulher para lavar na cozinha. A mãe ia-se, arrastando os pés, para o seu quarto, deitar-se. O filho mais novo saíra, mal acabara de comer. E mal acabara de comer, saíra para sua casa, logo ao lado, a mulher do filho mais velho, no mar ao chicharro. E nós os dois estávamos ali... Na parede ao fundo, o modelo elegantíssimo de um iate que seria para cento e tal pés e cuja construção se não chegou a concretizar. Pelas grandes janelas rasgadas na parede ao lado, a porta para a rua no canto à direita, — o clarão das lâmpadas alumando no escuro, até à meia-noite, a freguesia.

Mestre Júlio fala de coisas dos outros tempos. De quando não havia estrada. De quando os estafetas do correio passavam por aqueles caminhos horríveis, levando e distribuindo as malas, de mistura com coisas que lhes encomendavam, por todos aqueles lugares — de manhãzinha vindos da Piedade, da Ribeirinha, da Terra Alta e idos para a Prainha de Baixo, a Prainha de Cima, S. Miguel Arcanjo, S. Roque, até ao Cais do Pico, à tardinha em sentido inverso e com destino oposto, mais de trinta e dois quilómetros para cada lado. Calçados com albarquinhos de coiro de porco. Vestidos com roupinhas de cotim leve. Encharcados, batidos pela chuva,

batidos pelo vento, em dias de Inverno rijo. Rijo e frio. Rijo e negro.

Mestre Júlio fala disto com sua voz forte e pausada. E a Mulher, acabada a lida na cozinha, vem, senta-se a remendar, a pespontar, serenamente. Olha-nos, simpática. Baixa seus olhos grandes, seus olhos limpidos, seus olhos belos, para o trabalho que faz. E também conta.

Conta de quando a mãe dela caiu à cama com uma febre tifóide. Meu Deus! Que coisa paavorosa, uma febre tifóide naquelas eras! Hoje, meia dúzia de cápsulas de clorofenicol — e pronto. Mas naquelas eras e num desterro daqueles!... Quantos morriam! O pai todos os dias ia ao Cais do Pico, aí uns vinte quilómetros de ida e outros vinte de volta, que era no Cais do Pico que estava o médico e no Cais do Pico era que estava a farmácia. E ele ia dar parte ao médico, e ele ia buscar medicamentos à farmácia. Todos os dias — por mais de um mês, que uma febre tifóide, se não matava, era coisa que dava para durar e esticar. Durar e esticar no tempo. Durar e esticar nos doentes que, alimentados quase só a água fervida, acabavam, se escapavam, por ficar reduzidos à pele e ao osso e mais transparentes que uma folha de papel de seda fina.

E Mestre Júlio volta a falar. Fala de quando, num Verão de há muitos anos, teria ele doze, o velho iate «Santo Amaro» chegou à tardinha, vindo do Faial. O mestre esquecera os documentos na Delegação Marítima, na passagem pelo Cais do Pico.

Precisava de quem os fosse buscar que, sem eles, não podia sair, na madrugada seguinte, na sua viagem de ilha em ilha, de porto em porto por aquela costa de S. Jorge abaixo, até à Terceira mais adiante, passadas as vinte e nove milhas do Canal, do Topo do Monte Brasil, até S. Miguel no fim, lavradas as noventa e quatro milhas de Porto Pipas à doca de Ponta Delgada. O pai, o ti Matos (marinheiro do «Santo Amaro» disse-o noutra crónica) mandou-o a ele, ao seu Júlio... As tardes eram grandes (estávamos no mês de Junho, talvez em Julho) mas o sol já ia bem a descer no céu muito azul. Mestre Júlio, menino, tinha medo da noite. Principalmente — tinha medo da noite no Ministério, por cá de S. Miguel Arcanjo, aquele descampado enorme de pedras negras que foram lava de vulcões. E Mestre Júlio corria, corria, corria... Correu por aqueles caminhos, sempre a direito até à Prainha de Baixo, sempre a subir da Prainha de Baixo à Prainha de Cima, e ele a correr sempre a correr, até ao Cais do Pico, até à Delegação Marítima. E a correr, sempre a correr (ai que se vinha a noite no Ministério!) veio do Cais do Pico, da Delegação Marítima, a Santo Amaro. Correu tanto — nem que tivesse asas nos pés! — que chegou ainda com ar de dia.

— Aquilo é que era penar!
E penar por riba dessas águas

salgadas... E a mulher pede-lhe: — Aquela história daquela viagem do barco do teu bisavô a S. Miguel...

Mestre Júlio não sabe o nome do barco. Sabe que era um barco à vela — então nem se sonhava com motores. Sabe que era um barco de boca aberta. Sabe que o único instrumento de navegação era uma bússula rudimentar a bordo e as estrelas no céu. Foram com um carregamento de fruta, pêssegos e damascos (abundavam no Pico), para S. Miguel, há-de haver, deixa cá ver, aí uns cento e cinquenta anos, e eram cerca de cento e cinquenta milhas. Foram com um noroeste bom, as velas todas no ar, as velas todas enfunadas, por aí fora em popa. E chegaram a S. Miguel e venderam seus pêssegos e venderam seus damascos, fizeram seu negócio, arrecadaram seu dinheirinho. O pior é que noroeste é noroeste — bem a encher de proa para quem vem de S. Miguel para o Pico. E passou-se um dia, e outro, e mais outro, e mais outro ainda — e o vento sempre trancado para noroeste. E o mestre, o bisavô de Mestre Júlio:

— A gente tem que se ir embora, se não os vinténs que ganhámos ficam todos enterrados nesta terra com o que a gente paga pela comida que come. (Não seriam muitos, os vinténs

Continua na pág. 6



UM DEBATE NACIONAL

Começa a abrir caminho na opinião pública e a penetrar nos círculos de militância política a ideia de que a questão da revisão constitucional não se reduz a um problema de técnica jurídica. E que, essencialmente, não se trata mesmo de uma questão do foro exclusivo dos constitucionalistas. Por mais sabedores, competentes e astutos que sejam os portugueses doutos na matéria, o problema concerne os cidadãos no seu conjunto e todos somos chamados a ter opinião sobre a lei fundamental.

Quando assentaram arraiais nas Necessidades, para darem cumprimento à tarefa para a qual tinham sido eleitos, os constituintes de 1821, ninguém lhes perguntou qual era a sua habilitação em matéria de Direito Constitucional. A sua autoridade promanava do voto popular. Dos eleitores tinham recebido o mandato e o poder constituinte. Pedia-se-lhes uma Constituição. E foi uma Constituição que eles fizeram. Outros se encarregariam de a interpretar, de a situar técnica e doutrinariamente, de determinar as suas fontes teóricas. Uma coisa o trabalho dos deputados constituintes, outra a vocação dos constitucionalistas.

Não confundamos as funções, as tarefas, as instâncias. O debate teórico tem incontestável interesse. Mas tem, incontestavelmente, os seus limites. E é necessário que, ultrapassando-o sem o ignorar, sejam os cidadãos que em círculos amplos, em assembleias de trabalho, em grupos de estudos, discutam e apreciem as ideias que vêm à tona do debate político em curso, dando uma contribuição efectiva para que não venha a ser um comércio privado entre especialistas e facções políticas a revisão da Constituição.

Não pode a revisão constitucional ser considerada um prolongamento da campanha pessoalista e nervosa desencadeada contra o general Ramalho Eanes por ocasião da sua recandidatura. A vitória de Dezembro e que foi uma vitória do regime democrático, terá que ser tida em conta quanto ao seu significado político, quanto às suas consequências.

A opinião pública deverá ser esclarecida de que as falsas questões, ou as questões menores, que preenchem uma grande parte das divagações sobre matéria de revisão constitucional, constituem diligências no sentido de alcançar uma maioria conjuntural que permita dois objectivos: a) negociar a revisão constitucional nos seus aspectos fundamentais; b) constituir uma maioria de «estabilidade nacional».

Há quem o preconize com subtis jogos de palavras, há quem frontalmente o diga. Louve-se a frontalidade da deputada Helena Roseta que, sem subterfúgios, em o «Povo Livre», órgão oficial do Partido Social Democrata, se refere ao impedimento: «a crise no seio do PS». Sem o Partido Socialista — considera Helena Roseta — «é difícil chegar-se ao Parlamento aos 2/3 necessários para sair do impasse constitucional».

Difícil ou mesmo inviável. Sem o Partido Socialista entrar no jogo, ou sem ser atraída a esse jogo uma parte do Partido Socialista. Hipótese que sorri a muita gente dos sectores do

«centro» e da «direita» — esperanças em divisões que, com a redução do potencial político do Partido Socialista, implicariam uma debilitação grave das forças democráticas e de progresso social globalmente consideradas.

O desvio, que se pretende, da discussão geral da questão da revisão constitucional para um aspecto particular — o dos poderes do Presidente da República e da sua competência como Comandante Supremo das Forças Armadas — é um artifício para criar no Partido Socialista, ou numa parte do Partido Socialista, a pretensão da legítima defesa do princípio da supremacia do poder civil, explorando preconceitos e ressentimentos anti-eanistas, uma corrente favorável a uma negociação PSD-PS com vista à revisão constitucional. Negociação que para alguns se confinaria a este propósito, que outros admitem que possa evoluir para um «acordo de regime».

Desviar a discussão da questão constitucional ou abordá-la na perspectiva das relações entre o poder civil e o poder militar que não tem validade política e constitucional, que é uma situação de facto, ou, se quiserem, uma situação de força, é desfigurar o problema político da revisão constitucional e perder de vista as preocupações que deverão presidir à institucionalização de uma democracia pluralista. Mas por outro lado, não se poderá ignorar que este — o das relações entre a sociedade civil e a sociedade castrense, entre o Estado e a instituição militar — é um terreno difícil, minado pela longa vigência do Governo despótico firmado nas estruturas militares e policiais que lhe ofereciam apoio, base de sustentação, potencial repressivo.

O 25 de Abril — acto militar valioso que a adesão popular potencializou, e que pelo povo, o povo, foi revolução — veio ainda confirmar esse poder militar, reforçar a presença militar, prolongar a originalidade do exclusivo presidencial dos militares desde 1926.

Não será legítimo envenenar a questão da revisão constitucional com uma falsa querela entre militares e civis; entre o Conselho da Revolução e a Assembleia da República titular do poder constituinte; entre o Presidente da República e os partidos. Mas não será prudente ignorar as sequelas de uma tradição antidemocrática que produziu os seus efeitos e as naturais deformações da consciência cívica no meio militar.

Meio militar — escrevemos. E agora reparamos como é fácil deslizar, aceitar quase, clivagens estranhas à democracia pluralista. Em democracia não deverá existir meio militar por oposição à sociedade civil; não existe, como um enquistamento no tecido social, uma sociedade castrense.

Os militares são cidadãos. E não têm outra arma política que o seu voto como cidadãos nos actos eleitorais. Da natureza da instituição militar deriva a necessidade da sua isenção partidária. As Forças Armadas não têm partido, são apolíticas. Estão ao serviço da nação. Servem e defendem a Constituição da República.

Este carácter apolítico, os limites e as características desse serviço nacional, implica a subordinação ao poder civil. Mas, note-se, o poder civil não é um poder diferente do poder militar. É o Poder. Em Democracia não existe poder militar como poder-de-Estado.

Mais uma razão, portanto, e uma razão clara, nítida, compreensível, para que as Forças Armadas sejam colocadas na exclusiva dependência do Presidente da República. Ele é, pela letra da Constituição, o Comandante Supremo das Forças Armadas, seja um «cidadão militar», seja um «cidadão civil». Basta ser o Presidente da República.

20/MARÇO/1981

STICE

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

ELEIÇÕES

DOS CORPOS GERENTES

LOCAIS E MESAS DE VOTO

A Mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos comunica que ao abrigo do n.º 2 do art.º 11.º do Regulamento Eleitoral foram constituídas as seguintes mesas de voto tendo em vista as eleições para os futuros Corpos Gerentes a decorrer no próximo dia 20 de Março de 1981:

- | | | |
|--|---|---|
| - Sede do STICE
R. J. A. Aguiar, 66-2.º
Lisboa | - Salão das Furnas
R. Raul Carapinha (ao fundo)
Lisboa | - R. Direita
Massamá |
| - Sind. Trab. Ind. Celulose, Gráfica e Imprensa
Lg. da Trindade, 16-1.º
Lisboa | - Cessionários Lab. Novil
R. Centro Cultural, 13
Lisboa | - Junta de Freg. de Aqualva
Cacém |
| - Sind. Trab. Ind. Vidreira
Cç. da Estrela, 135-1.º-Dto.
Lisboa | - Soc. Musical Instrução Libertada
R. Cidade do Galvão, 51
Lisboa | - R. Elias Garcia, 48-1.º-Dto.
Cacém |
| - Sind. Trab. Correios e Telecomunicações
Av. Liberdade, 240-1.º
Lisboa | - Laboratórios Atral
Vala do Carregado | - Sindicato do Comércio
R. Tenente Valadim, 57-1.º-D
Caldas da Rainha |
| - Sind. Trab. Comércio
R. Almirante Barroso, 3
Lisboa | - Laboratórios Azevedo
Casa da Guarda
Alfragide | - Sind. Com. e Serviços
R. 1.º de Dezembro, 27-2.º
Santarém |
| - Sind. Trab. Comércio e Serviços de Lisboa
Av. República, 29
Lisboa | - Hoechst Portuguesa
Mem Martins | - União Sind. Torres Novas
Alcárcovas de Cima, 1-A-1.º
Evora |
| - Sind. Trab. Ind. Aliment.
Hid. Carbono do Sul
Av. A. A. Aguiar, 25-c/v-D
Lisboa | - Laboratório Iberfar
Est. das Palmeiras
Queluz de Baixo | - Difarsul
Lg. D. José I, 100
Estremoz |
| - Sindicato das Bebidas
Av. Miguel Bombarda, 96-1.º-Dto.
Lisboa | - Laboratórios Laquifa
R. Heróis Chaimite, 14-11-4
Odivelas | - União Sindicatos de Faro
Faro |
| - Sind. Electricistas do Sul
Av. Almirante Reis, 74-F
Lisboa | - Medicamenta, SARL
Est. de Barcarena
Queluz de Baixo | - Delegação STICE Coimbra
Av. Fernão Magalhães, 171-1.º
Coimbra |
| - Federação Sind. Trab. Ind. Eléctricas
R. Santa Justa, 61-2.º
Lisboa | - Merck Sharp & Dohme
R. Consiglieri Pedrosa
Queluz de Baixo | - Sind. Const. Cível e Madeiras
R. Chão Mestre, 4
Viseu |
| - Instituto Luso Farmaco
R. do Quelhas, 8
Lisboa | - Laboratórios Normal
Mem Martins | - Paracelsia, SARL
R. Antero Quental, 639
Porto |
| - Instituto Pasteur de Lisboa
Av. Marechal Gomes Costa, 11-9
Lisboa | - Om Portuguesa
Est. da Buraca
Alfragide | - Manso Preto, Lda.
R. Camões, 97
Porto |
| - Laboratório Sanitas
R. D. João V, 24
Lisboa | - Sterling Farm. Portuguesa
Carrascal de Manique
Tires | - Castilho & Ca.
R. Sá da Bandeira, 80
Porto |
| - Unifarma
Av. de Pádua, 11
Lisboa | - Laboratórios Vitória
R. Elias Garcia
Venda Nova-Amadora | - Deleg. STICE no Norte
R. Constituição, 319
Porto |
| - Soc. Port. Prod. Wander
Av. Infante D. Henrique, 11-35
Lisboa | - Clube Recreat. Cult. e Desportivo
R. D. Manuel I
Cointa (Palhais) | - Sind. Trab. Ind. Celulose Gráfica
Imprensa do Norte
R. Sampaio Bruno, 12-3.º
Porto |
| | - Delegação STICE Amadora
R. Elias Garcia, 344-3.º
Amadora | - Sind. Trab. Comércio
R. do Souto, 9
Braga |
| | - Desport. Operário Rangel
R. Elias Garcia
Venda Nova-Amadora | - Sindicato Bancários
R. dos Camilos
Régua |
| | - Grupo Desport. Recreat. de Massamá | |

NOTAS IMPORTANTES:

- De acordo com o n.º 3 do art.º 13.º do Regulamento Eleitoral, os votos serão enviados para casa dos associados;
 - Haverá boletins de voto em todas as mesas;
 - Será enviado um comunicado a todos os sócios e no qual se informa o local e mesa onde devem votar;
 - O comunicado acima referido será também distribuído nas empresas e recomenda-se a sua leitura. Não deixes que os outros escolham por ti! Participa nas eleições!
- Lisboa, 9 de Março de 1981.

Pe'l'A Mesa da Assembleia Geral
Joana Teixeira

Ministro iraquiano em Lisboa

• Contactos ao mais alto nível e "assuntos políticos não especificados"

Para uma curta visita de menos de dois dias, e sobretudo para conversações com autoridades portuguesas sobre assuntos que interessam a Lisboa e Bagdad, encontra-se desde ontem em Portugal o ministro dos Estrangeiros do Iraque, Sadonn Hammadi.

Ontem, à sua chegada ao aeroporto e em declarações liminares aos jornalistas, o responsável pela diplomacia iraquiana disse que vinha ao nosso país para conversações com o seu homólogo português, Gonçalves Pereira, e com o ministro da Indústria e Tecnologia. Já ontem, Hammadi encontrou-se com o titular do MNE português, que o obsequiou com um jantar. Nas suas declarações à chegada, o ministro iraquiano disse que os assuntos a tratar são assuntos de natureza política, mas não adiantou pormenores.

Hammadi e comitiva vêm de Londres, aonde foram em missão diplomática relacionada com a actual situação de guerra em que o Iraque se encontra envolvido com o Irão. Falando desta missão, em que estavam igual-

mente empenhados outros países islâmicos, o ministro iraquiano disse que ela «não falhou: prossegue ainda o processo de negociações, mas a arbitragem sobre o Canal Chattel-Arab está fora de questão. Trata-se dum assunto de soberania», acrescentou.

Na agenda portuguesa, Hammadi tem um encontro de trabalho com o ministro da Indústria e Tecnologia. Os dados sobre assuntos a tratar não são conhecidos. Da agenda constará inevitavelmente o fornecimento de petróleo do Iraque a Portugal, mas faltam sobre o que de Portugal interessa ao Iraque. Todavia, e uma vez que o próprio Hammadi, à sua chegada, falou de «assuntos de natureza política», parece dedução fácil que tais assuntos se prendem com a actual situação de guerra em que o Iraque vive presentemente.

As relações entre Portugal e o Iraque são excelentes. O próprio ministro iraquiano disse-o ontem na Portela. São, evidentemente, muito melhores do que as existentes entre Portugal e o Irão, desde logo por causa do petró-

leo. Quarenta por cento do petróleo que Portugal importa é do Iraque que vem. No conflito que opõe abertamente Teerão a Bagdad, Portugal tem mantido, e manterá, por certo, uma situação de aparente ou pelo menos declarada neutralidade. Todavia, tal posição não impede Lisboa de assegurar e melhorar as suas trocas concretas com o Iraque.

De assinalar que o ministro iraquiano tinha marcado, para hoje ao princípio da tarde, um encontro com o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão. Ainda hoje, esta tarde, Hammadi deslocar-se-á a Belém para ser recebido pelo Presidente Eanes.

Algum mistério, pelo menos aparente envolve esta visita, desde logo pelo facto de o ministro não ter especificado os assuntos de natureza política que vinha tratar. Todavia, amanhã, o próprio ministro dará uma conferência de imprensa num hotel da capital portuguesa. A ANOP anuncia-o, citando embora fonte extra-oficial, de onde se desprende que este encontro com os jornalistas ainda não pode ser dado como certo.

"Secretariado" e "Escritórios" de Lisboa

Dois documentos a discutir no Congresso do MDP/CDE

Secretariado Nacional e as bases dos Escritórios (e distrital de Viana do Castelo) são, respectivamente, os autores dos dois documentos a discutir no Congresso do MDP/CDE que se realiza nos próximos dias 4 e 5 de Abril.

No texto do Secretariado que divulgámos há mais de duas semanas, coloca-se a questão «que democracia, que unidade», defendendo o Secretariado do MDP/CDE uma grande abertura a todas as forças democráticas.

Idêntica posição é tomada no documento — que revelamos também em primeira mão — dos militantes do MDP/CDE dos Escritórios. Este texto, no entanto, vai mais longe. Sublinha:

Relações com o PCP — O MDP/CDE — escreve — define-se em relação ao PCP, como estruturalmente autónomo, conjuntamente aliado e pontualmente divergente. A aliança conjuntural, no seio da APU, não tem carácter orgânico, é funcional ao nível das autarquias e aleatória ao nível legislativo, de acordo com a situação política.

Relações com o PS — O MDP/CDE define-se em relação ao PS, como estruturalmente próximo

(quanto ao programa actual do PS), conjuntamente divergente (por o PS ter hegemonicamente uma prática social-democrata e anticomunista e reclamar-se farisaicamente, como único partido socialista, não o sendo), e pontualmente convergente (nas acções unitárias e mutuamente coerentes).

Sozinho às eleições?

Queixando-se de que «a vocação unitária do MDP/CDE o obriga a constantes apagamentos e subalterização na imagem pública, daí resultando uma subjectiva conotação estrutural com o PCP e a sua marginalização nos órgãos de Comunicação Social», os militantes dos Escritórios defendem que o MDP se apresente sozinho às eleições legislativas de 1984. «Para que o MDP/CDE se afirme e promova a dinâmica que corresponde ao 5.º partido que é, deve realizar um novo trabalho político e apresentar-se isoladamente nas eleições legislativas de 84, a fim de realizar a sua nova contagem e, uma vez realizada, regressar à aliança eleitoral, em futuras eleições, no seio

da APU, alargada permanentemente a outras forças democráticas.»

Quanto à organização, defende esta proposta que o Secretariado Nacional não «deve ser composto de mais de 50 por cento de elementos de Lisboa»

Secretariado

Também já foi publicado a «Resolução sobre a organização» do Secretariado Nacional do MDP/CDE ao Congresso. Neste documento, o secretariado propõe a «manutenção da Comissão Nacional e Encontro Nacional com a composição e funcionamento semelhantes às actuais; alargamento do Secretariado Nacional para cerca de 30 elementos (em lugar dos actuais 20), mantendo a sua vocação de órgão de direcção política efectiva».

Por último, no documento do Secretariado propõe-se a «criação de comissões permanentes do SN, como uma Comissão Política e uma Comissão Executiva».

Dois documentos em debate no Congresso do MDP/CDE não em conflito mas com «nuances» no que respeita a alianças.

Técnico de Manutenção Electrónica PRETENDE-SE ADMITIR

Jovem com:

- Curso Industrial
- Conhecimentos de electrónica digital
- Situação militar resolvida

Resposta a este jornal ao n.º 801

Embora apoiando recondução de Soares

Jaime Gama defende acordo entre "sectores mais válidos"

«É politicamente necessário que Mário Soares assuma de novo uma liderança ofensiva, autónoma e criadora, responsável, renovadora e plenamente democrática do partido no seu conjunto», afirmou o líder socialista Jaime Gama, em entrevista publicada esta manhã no semanário «Tempo».

Jaime Gama, cujas posições políticas não permitem integrá-lo em nenhum dos grupos actualmente em confronto nesta fase pré-Congresso do Partido Socialista, admite também que «ainda não estão esgotadas as possibilidades de lutar por um entendimento entre os sectores mais válidos de cada um dos grupos em confronto».

«Uma vitória de qualquer das partes com o esmagamento da outra, adianta também Gama, será fatal para o PS».

Sobre as moções de estratégia, aquele dirigente, que na última reunião da Comissão Nacional do PS se destacou no combate à proposta de texto sobre a revisão constitucional apresentada por alguns elementos do Secretariado, afirma que elas «são mais moções de justificação táctica dos grupos que se defrontam no interior do partido, do que propriamente moções de estratégia sobre o futuro do partido na sociedade portuguesa».

Como vem sendo habitual, Gama demarca-se dos principais grupos em confronto, em termos de projecto político, sem no entanto deixar de afirmar a necessidade de se consolidar a posição de Mário Soares. Mas sobre este aspecto, sublinha também que «o estilo de liderança de Mário Soares terá que sofrer, de uma vez por todas, várias correcções de fundo, se ele quiser assumir um papel à altura das circunstâncias e das possibilidades».

«Cabe aos militantes do partido, diz ainda Jaime Gama, não aderir incondicionalmente na espiral de afrontamento que se está a gerar no interior do PS e contribuir para um desanuviamento saudável, para a redução de tensões e para os consensos possíveis».

Documentos

Entretanto, foram hoje divulgados pela ANOP um documento de elementos «históricos» a apoiar Mário Soares e uma carta de António Macedo, também de apoio ao secretário-geral, documentos cuja existência o «DL» anunciara ontem em primeira mão.

A carta de Macedo, mais do que um documento de apoio político, é uma manifestação de solidariedade e companheirismo entre Macedo e Soares, os quais têm desde sempre ocupado as cúpulas socialistas. O documento dos históricos, subscrito por Fernando Abranches Ferrão, Tito de Moraes, Manuel Alegre, Gustavo Soromenho, Palma Carlos, Cal Brandão e Raul Rego e Catanho de Meneses considera necessário defender a unidade do partido das «forças estranhas» que se empenham em dividi-lo e esvaziá-lo da sua mensagem de socialismo e de democracias.

Entretanto, fontes próximas de Soares anunciaram que dez dos 54 presidentes de Câmara socialistas apoiaram a moção de Soares. Para além dos dois que já ontem anunciámos — o de Matosinhos e o da Guarda — idêntica atitude adoptaram os líderes das edilidades de Condeixa-a-Nova, Gavião, Lagos, Soure, Figueira, Mangualde, Monforte e Montemor-o-Velho.

O ex-presidente da Câmara de Loures, derrotado pela APU nas últimas eleições autárquicas, Rigo Calado, também anunciou o seu apoio a Soares. Outro apoio para o secretário-geral socialista, este provavelmente muito incómodo para Mário Soares, é o do director do semanário de direita «Tempo», que num editorial hoje publicado considera que seria uma «catástrofe» a derrota de Soares no Congresso.

Entretanto, o PS anunciou que o seu secretário-geral foi ontem convidado a visitar Cabo Verde por Aristides Pereira, o que fará em meados do próximo mês.

Guerrilheiros de El Salvador adquiriram armas em Lisboa?

Uma grande parte das armas utilizadas pelos guerrilheiros de El Salvador foi possivelmente comprada em Lisboa — afirmou um jornalista da ITV-News durante uma reportagem transmitida ontem à noite no canal comercial da televisão britânica.

O repórter disse que Portugal vende ilegalmente armas do Exército que tem em excesso, mas sublinhou ser possível que muitas dessas armas tenham sido ilegalmente vendidas aos guerrilheiros salvadorenos através de negociantes de armas que operam a partir de Lisboa.

«As autoridades portuguesas» — indicou — «negam isto».

O jornalista afirmou que, de facto, «não interessa quem se apresente: qualquer pessoa, desde que tenha o documento certo, pode adquirir a quantidade de armas que entender. Tudo o que é preciso» — acrescentou — «é um documento, o chamado certificado 'end-user', passado por um governo qualquer ou pela embaixada, autorizando a compra de armas».

Na reportagem foi ainda citada a firma portuguesa «Montagrex»

e entrevistado o seu administrador Carlos Simas, que negou saber sobre o que fosse sobre armas, afirmando também que não sabia o que era e que nunca tinha visto uma espingarda FN. Contudo, segundo o repórter, mais tarde Carlos Simas acabou por declarar que representava quatro fábricas europeias de armas e que estava autorizado a fazer contratos de venda de armas em nome do Exército português.

Carlos Simas é major, na reserva, do Exército português. Em 11 de Março de 75 fugiu para o Brasil na sequência do golpe militar. Foi reintegrado nas Forças Armadas em Abril de 76, entrou em licença ilimitada em 78 e passou à reserva em 1980.

A reportagem da ITV-News foi suscitada por uma outra efectuada junto dos guerrilheiros salvadorenos, e na qual o jornalista afirmava que a maioria das armas por eles utilizada era comprada em Portugal.

Concluiu o repórter britânico: «Digam o que disserem as autoridades portuguesas, há um comércio ilegal de armas em Portugal, e muito lucrativo».

Ministro francês de visita

Encontra-se desde ontem em Lisboa o ministro francês do Trabalho, Jean Matteoli. Veio para uma visita oficial de três dias, em resposta a um convite do secretário de Estado do Emprego do Governo Português, Luís Morales.

Trata-se também duma visita de trabalho. Matteoli chefiava uma delegação de técnicos franceses

que vêm discutir com as autoridades portuguesas a adaptação da lei laboral portuguesa à legislação comunitária, a situação e a formação profissional dos emigrantes portugueses em França, e o desenvolvimento da cooperação entre os dois países nos domínios da formação e do emprego.



MUNICIPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 11/81

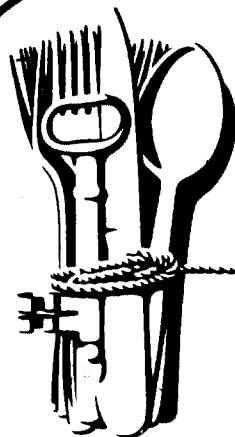
Despejos administrativos

Faz-se saber que os móveis e outros haveres, provenientes dos despejos administrativos abaixo indicados e que se encontram depositados nos depósitos da 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, na Avenida 24 de Julho, 171, serão vendidos em hasta pública, conforme o preceituado nos Editais n.ºs 142/66 e 261/69, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de um ano a contar da data do presente edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

Entidades que realizaram os despejos	Nomes dos despejados	Locais onde se efectuaram os despejos	processos de despejos
Polícia Municipal	Fernando Costa (falecido)	Rua D, n.º 15-Bairro da Musgueira Norte (barraca)	-
Polícia Municipal	Ignorado	Largo de Sapadores	-
Polícia Municipal	Ignorado	Quinta Marquês de Abrantes (barraca)	-
Polícia Municipal	Ignorado	Quinta de D.ª Leonor, Bloco 11 (casa abarracada n.º 39)	-
Polícia Municipal	Ignorado	Quinta da Argolinha à Curraleira (barraca n.º 20)	-
Polícia Municipal	Ignorado	Estrada de a Damaia, junto ao n.º 14	-
2.º Bairro	Carlos Bernardo Fernandes Teixeira	Rua dos Sete Moinhos, n.º 76 R/ch-Dt.º	422/80
Polícia Municipal	Alfredo da Cunha Almeida	Quinta do Narigão, barraca n.º 1468	-
Polícia Municipal	João Guedes (falecido)	Rua D, n.º 4, — Bairro da Musgueira Norte (barraca)	-
Polícia Municipal	Ignorado	Quinta do Vale Poim	-
Polícia Municipal	Ignorado	Bairro Novo das Galinheiras	-
Polícia Municipal	Ignorado	Bairro Novo das Galinheiras	-
Polícia Municipal	Henrique Hélder da Silva Moura	Casa do guarda do Palácio dos Coruchéus	-
4.º Bairro	Víctor Manuel Pinto dos Santos	Rua da Margem, n.º 7-D	11/80

Paços do Concelho de Lisboa, em 2 de Março de 1981
O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL,
Nuno Krus Abecasis



SINDICATO DOS TRABALHADORES
NA HOTELARIA, TURISMO,
RESTAURANTES E SIMILARES
DO SUL

ELEIÇÕES EM 15 DE ABRIL DE 81

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo dos Art.ºs 32.º e 82.º, alínea b) e para os fins constantes da alínea a) do Art.º 31 dos Estatutos, convoca-se a Assembleia Eleitoral, para reunir quarta-feira dia 15 do próximo mês de Abril, com a seguinte ordem de trabalhos:

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES

A Assembleia Eleitoral é constituída por todos os sócios que nesta data tenham dezoito anos, estejam no pleno uso dos seus direitos sindicais e tenham pago as suas quotas nos meses de Dezembro de 1980 e Janeiro de 1981.

A Assembleia Eleitoral funcionará descentralizada, em mesas regionais e de empresa de média e grande dimensão, onde seja possível a colocação de mesas de voto.

- Os locais e horas de funcionamento das mesas de voto serão divulgados oportunamente.
- A identificação dos trabalhadores poderá ser feita pelo Cartão de Sócio, Carteira Profissional e na sua falta por meio de Bilhete de Identidade ou qualquer outro documento de identificação com fotografia.
- Os Cadernos Eleitorais encontram-se afixados à disposição dos associados para consulta na Sede e nas Secções Distritais. As irregularidades verificadas devem ser comunicadas até ao dia 26 de Março inclusive.
- Aconselhamos todos os trabalhadores a consultar os Cadernos Eleitorais, para verificação da correcta inclusão dos seus nomes.
- A apresentação de candidaturas deverá ser feita até às 19 horas de 31 de Março de 1981.
- As listas candidatas podem apresentar suplentes até aos limites máximos seguintes:

a) Mesa da Assembleia Geral	3
b) Direcção	6
c) Conselho Fiscal	2
- Os Boletins de Voto serão entregues junto das Mesas de Voto

TRABALHADORES DA HOTELARIA

É um dever votares no teu Organismo de classe, no próximo dia 15 de Abril de 1981. Votando, estarás a defender os teus interesses. Só a tua participação, poderá garantir a continuidade dum verdadeiro Sindicalismo Unitário, Democrático, Independente e de Classe.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(Maria Manuela Antunes Barreto)

"Já não temos pão para dar aos nossos filhos..." — avisam trabalhadores desempregados da zona da Reforma Agrária

Cerca de 2500 trabalhadores agrícolas desempregados dos concelhos de Montemor-o-Novo, Vendas Novas e Mora, concentrados na Praça da República, naquela primeira localidade, fizeram saber aos órgãos de soberania e à opinião pública nacional que a situação «de miséria e fome» em que se encontram nas suas casas «não pode manter-se por muito mais tempo, porque nós já não temos pão para dar aos nossos filhos».

Na manhã aprovada por unanimidade, enviada aos órgãos de soberania, aqueles trabalhadores recordam, ainda, que a economia nacional «se encontra numa situação bastante difícil» e afirmam não entender «por que razão se encontram milhares e

milhares de hectares de terra abandonada e subaproveitada» além das «centenas de barragens, cuja água não foi aproveitada e as terras por elas regadas não foram cultivadas nem semeadas».

«Não se percebe por qual razão — sublinham ainda os trabalhadores desempregados — ficaram milhares de quilos de azeitona por apanhar, que dariam milhares de litros de azeite que o país tanto necessita, e o povo tão caro paga, quando se encontram milhares de trabalhadores sem trabalho e a passar grandes dificuldades para arranjar o seu pão e o dos seus filhos.»

«Esta situação — lê-se também na moção — foi aqui criada contra a nossa vontade.»

Segundo encontro do Movimento Contra as Armas Nucleares

Como informámos na nossa edição de ontem, terá esta noite lugar, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a partir das 21 horas, o segundo encontro preparatório do Movimento Nacional Contra as Armas Nucleares em Portugal. Na sequência do primeiro encontro, efectuado no passado dia 20 de Fevereiro, a sessão de hoje terá por objectivo apreciar e aprovar as bases do Movimento e, ao mesmo tempo, decidir sobre o lançamento de um projecto de abaixo-assinado nacional tendo em vista impedir a eventual instalação ou passagem de armas nucleares no

nosso país.

Na reunião desta noite podem participar todas as pessoas ou associações interessadas nos objectivos do Movimento. Presidirá Rui Grácio, estando previstas intervenções de Emídio Martins, Eurico da Fonseca, Eurico da Costa, Abranches Ferrão, Carlos Candal, além de outras individualidades. Entretanto, o Movimento dispõe já de sede própria na Avenida Barbosa Du Bocage, 86-1.º, com o telefone 776070, onde podem ser pedidas informações sobre propaganda e organização de núcleos de apoio.

Continuação da pag. 3

ganhos; alimentavam-se principalmente de leite que compravam em cima do cais...)

E velas a riba, e fizeram-se ao mar, um dia, à tardinha, por aquele sudoeste fora, sempre por aquele sudoeste fora... e o bisavô de Mestre Júlio ao leme. Veio a noite, veio a madrugada, e o visavô de Mestre Júlio, para ir passar por uma madorna, a dar o leme a um marinheiro:

— É aguentar sempre neste caminho. Se o vento rondar, chamem por mim. — E foi-se deitar na sua esteira, debaixo do

leito da proa.

E passou a madrugada, e dealbou um novo dia, o sol rompeu dos rubros de fogo do nascente, e o bisavô de Mestre Júlio acordou, e o bisavô de Mestre Júlio voltou ao leme — e lá foi com o barco metido sempre a sudoeste. Só mar. Não se enxergava nem vislumbre de terra em todo o círculo do horizonte. E já a companhia se olhava com olhos de dúvida, e já a companhia se olhava com olhos de medo. E o bisavô de Mestre Júlio sem nunca se arredar do seu rumo, que o vento era o mesmo noro-

Reunião esta noite

Direcção do SJ aprecia única lista apresentada às próximas eleições

Os dirigentes do Sindicato dos Jornalistas decidiram adiar para esta noite a decisão sobre a validade de única lista concorrente às eleições (comunistas e próximos) do próximo dia 26.

Vitor Serpa, do SJ, afirmou à ANOP, no termo de uma reunião que ontem debateu o assunto, que os Estatutos do Sindicato prevêem um prazo de 72 horas para a assembleia geral se pronunciar sobre a questão.

Assim, esta noite, decorre uma reunião entre o presidente da Assembleia Geral do SJ, Jacinto Baptista, e um membro da lista apresentada, neste caso António dos Santos, de «A Capital», que a encabeça.

A única lista apresentada às eleições para os corpos gerentes do SJ, que tem a sigla «Defender a liberdade, construir a unidade», é ainda constituída por Carlos Pinhão, do trisemanário «A Bola», e Ribeiro Cardoso, do

«Diário de Lisboa».

Em princípio, é provável que as eleições sejam adiadas para apresentação, nos prazos legais, de novas candidaturas.

ANOP solicita inquérito ao CI

O Conselho de Informação para a ANOP vai reunir-se, em sessão extraordinária, na próxima segunda-feira, a fim de apreciar um pedido de inquérito que lhe foi dirigido pela direcção da Agência.

Este pedido de inquérito tem por base a sequência de acusações de censura interna dirigidas pelo Governo Regional da Madeira à ANOP.

Jorge Lemos (PCP), presidente do Conselho de Informação, contactado pela ANOP, afirmou que o CI tem sido uná-

nime em defender «a independência da Agência».

Lemos sublinhou ainda ser «intolerável que o Governo Regional da Madeira tente exercer chantagem sobre a ANOP e os seus jornalistas».

Casa da Imprensa — saldo positivo de 500 contos

A Casa da Imprensa pode encerrar agora o futuro «com menos pessimismo» — assinala o Relatório e Contas da Direcção cessante, recentemente distribuída e referente ao ano de 1980.

A Direcção entende que tal se ficou a dever aos resultados positivos da sua «política de recuperação e equilíbrio económico», à compreensão da massa associativa, a ajudas do Ministério da tutela e a inscrição das principais empresas jornalísticas como sócios subscritores.

O exercício encerrou com

saldo positivo de um pouco mais de 500 contos, mas a Direcção acentua que «os gastos com a acção médico-social tendem a anular, a muito curto prazo, o esforço pedido aos consócios para combater os efeitos inflacionistas dos custos da Saúde e Administração».

A Casa da Imprensa, que completou três quartos de século de existência, volta este ano a organizar a «Grande Noite do Fado», dia 20, no Coliseu dos Recreios.

CR/«DL»

O nosso camarada Manuel Anta foi eleito para preencher uma vaga existente no Conselho de Redacção do «DL», provocada pela saída do nosso também camarada Rogério Rodrigues, que actualmente integra o corpo redactorial do quinzenário «JL».

"Flashes"

● Os Prémios da Paz e da Amizade «Abki Ipekci» foram atribuídos, em Atenas, pela primeira vez. Constituídos sob proposta do engenheiro grego Andreas Politakis, em memória do director do diário turco «Miliyet», assassinado nos princípios de 1979. Aqueles prémios distinguiram reportagens, artigos e textos literários sobre as relações entre os povos turco e grego, escritos «com objectividade, imparcialidade e num tom edificante». Galardoados: o turco Ibrahim Camli e o grego Heracles Tzathas.

● Foi assaltada, em Paris, pela Polícia de Choque francesa, uma estação de rádio livre (não legalizada), o «Canal 75», que emitia em modulação de frequência desde segunda-feira da semana passada. Localizada num bairro operário da capital, a

estação apoiava a campanha presidencial de François Mitterrand e tinha sido inaugurada por Georges Sarre, vereador socialista do Município de Paris

● No próximo dia 19 do corrente, às 18 e 30, no Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, e por iniciativa do director dos Serviços Portugueses da BBC, é proferida uma conferência sobre o tema «Uma perspectiva nova para a Europa».

● Os trabalhadores não jornalistas da ANOP suspenderam a greve com início previsto para as 8 horas de hoje. A suspensão da greve foi determinada por uma reunião entre representantes dos trabalhadores e o Conselho de Gerência da empresa.

Gentes e paisagem

este. Pela tardinha, é que mandou a companhia para os panos: Vamos virar de bordo

Aí viraram, agora numa bolina cerrada de proa enfiada ao Norte, o barco afinava bem para o vento. Assim andaram por toda aquela noite, assim andaram por todo o outro dia, e a companhia — terra, quem é que a avista? — cada vez mais se olhava com um medo maior dentro de si.

Quando chegou de novo a tarde, o mestre, o bisavô de

Mestre Júlio, mandou a um marinheiro:

— Sobe à ponta do mastro de proa a ver se vês terra.

E outro marinheiro, por entre os dentes a tremerem de pavor: — Terra... só nas unhas.

Porém, mal o que esgata-nhava pelo mastro acima acaba de chegar a ponta, grita: — Terra! Terra à vista!

E Mestre Júlio conclui: — Vinham rachando à Calheta de Nesquim. Aquilo é que era

saber fazer cálculos bem feitos! E o vento era ainda de noroeste.

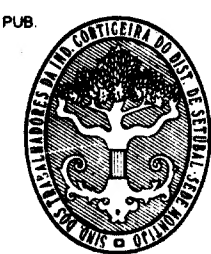
E a noite vai crescendo, e as horas vão passando. A mulher de Mestre Júlio ocupada com suas costuras. Mestre Júlio com mais um cigarro nos lábios grossos, o isqueiro Bic a dançar-lhe nas mãos caídas no tempo da mesa.

Eu — olho o modelo do grande iate, na parede ao fundo, as lâmpadas que, para lá das grandes anelas rasgadas na parede ao lado, alumiam a noite derramadas pelo escuro da freguesia.

E Mestre Júlio, puxando uma fumaça mais:

— Bom... é tempo de irmos dormir.

No quarto que me destinam, na frente da casa, na boa cama em que me estendo, adormeço, embalado pela cantilena do mar ali ao pé, adormeço a sonhar com velhos caminhos, com andanças por velhos caminhos, com o flagelo das tifóides (tive uma também) — e com barcos, e com iates, e com marinheiros e com viagens, longas viagens, dos tempos idos.



Sindicato dos trabalhadores da Indústria Corticeira do Distrito de Setúbal
Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento às normas estatutárias, convoco a Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 21 de Março de 1981, pelas 14.30 horas, no salão paroquial, em Montijo, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º — Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas do exercício de 1980.
 - 2.º — Apreciação, discussão e votação do Orçamento Ordinário para o exercício de 1981.
 - 3.º — Assuntos de ordem vária
- Nota: As contas referentes a 1980 encontram-se à disposição dos sócios, na sede do Sindicato.

Montijo, 10 de Março de 1981

O PRESIDENTE DA M.A.G
a) António Palhas Delgado



SINDICATO DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO DISTRITO DE SETÚBAL
Assembleia Geral

Nos termos do Art.º 30.º dos Estatutos deste Sindicato, convocam-se todos os trabalhadores nele associados para uma Assembleia Geral a realizar no salão da Casa do Povo de Alcácer do Sal, dia 29 de Março (domingo), às 15 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º — Discussão e aprovação do Relatório e contas de 1980;
- 2.º — Discussão e aprovação do Orçamento para 1981;
- 3.º — Deliberar sobre o preenchimento das vagas nos corpos gerentes;
- 4.º — Deliberar sobre a actualização da quotização para o Sindicato;
- 5.º — Diversos.

Alcácer do Sal, 10 de Março de 1981

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Francisco da Silva



AV. RESSANO GARCIA, 34-D — TELF. 53 57 20
RUA AUGUSTA, 55 — TELF. 328901
LISBOA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DO PORTO

6.º JUÍZO ANÚNCIO

2.ª Publicação
EXECUÇÃO DE SENTENÇA N.º 119-B/77

2.ª SECÇÃO

Exequente — J. Baptista e C.ª, Lda. Executada — Venténica — Máquinas e Ferramentas, Lda, sociedade comercial por quotas com última sede conhecida na R. José dos Santos Pereira, Lotes 12 e 14, Lisboa. Cita-se a executada para no prazo de 5 dias, decorridos 30 dos editos, a contar da 2.ª e última publicação desse anúncio, pagar à exequente a quantia de 112.376\$70, valor de condenação com juros de mora vencidos à taxa anual de 5 por cento e custas pagas pela exequente, bem como os juros vencidos

até efectivo reembolso, nomear bens a penhora ou deduzir oposição à referenciada execução, sob pena de devolução à exequente do direito de nomeação de bens a penhora.

Porto, 2 de Março de 1981

O JUIZ DE DIREITO,
António Manuel Guimarães Sa Couto
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
Francisco Antunes Gonçalves

Julgamento da rede bombista

“Requiem” para Ramiro no silêncio de Mota Freitas

Escutado atentamente por Alpoim Calvão, uma presença inesperada (?) no Jardim do Tabaco, Ramiro Moreira esboçou ontem à tarde, no 5.º TMT, o seu «requiem». Ou seja, escreveu o seu testamento na história que a direita portuguesa um dia fará dos seus «heróis». E para Ramiro a «campa» (biográfica) será rasa, sem louros nem hipócrito, para quem não teve a «coragem» para assinar o papel definitivo de «pau mandado», carne para canhão, bomba para toda a obra; tão-somente operacional, mas sem o direito de se assumir como projecto ideológico e humano. Porque para a direita os Ramiros apenas lhe servem, enquanto isso mesmo, «paus maduros», operacionais para todo o crime. E Ramiro numa determinada fase da sua detenção pareceu querer assumir-se como homem, como cidadão. E falou, contando grande parte da história tenebrosa dos bastidores da rede bombista. Por isso mesmo foi condenado, primeiro aos 21 anos de prisão, e agora ao des-

prezo (carregado de ódio) dos seus pares. De Mota Freitas (o maior neste momento colocado no Quartel da Região Militar Norte) a Ribeiro da Silva (autor do assalto à Standard Eléctrica detido na Penitenciária de Lisboa). Que do pedestal falido em que se arvoram responderam (e respondem) ao tribunal com o seu silêncio de «costas quentes», enquanto Ramiro se esfalou em três sessões a tentar defender a sua nova tese. A de que toda a gravação é uma fraude. Matando assim a sua única prova de dignidade. Em holocausto a um reassumir de prestígio junto dos seus antigos patrões e dos seus antigos comparsas na rede do terror: os cérebros obscuros e os réus visíveis do processo em julgado.

Gravação silenciada

Agora mais em concreto: na sessão de ontem à tarde os juizes do 5.º TMT indeferiram o requerimento apresentado pela acusação para que a gravação recolhida pela Polícia Judiciária



Luso Soares: requerimento indeferido pelos juizes do STMT

Militar, contendo as declarações de Ramiro Moreira fossem escutadas, em tribunal, para se aquilatar se a voz de Ramiro era idónea ou tolhida pelos vapores do álcool ou pelos fumos da droga. Justificação: o direito português não reconhece força de prova à «verdade» da fita magnética. Tese, aliás, já anteriormente defendida pelo Supremo Tribunal Militar.

Lavrada esta decisão, assistir-se-ia à continuação do depoimento de Ramiro Moreira a instâncias da acusação (Fernando Luso Soares e Levy Baptista). Com Ramiro Moreira a

negar tudo, incluindo factos tão evidentes como a existência de duas agendas onde referenciava as matrículas de carros, com notas como: «carro comuna, matrícula... que transporta Lopes Graça». Uma razão para algumas das matrículas: «algum carro em que viajasse algum elemento feminino que lhe interessasse». «Isto sem pretender fazer graça», dizia Ramiro.

Findo o depoimento de Ramiro, o juiz-auditor Rui Cunha chamaria os onze réus presentes (um a um) recebendo de cada um deles sempre a mesma resposta: «Não pretendo prestar declarações. Delego a defesa no meu patrono!». Enfim, o tal desprezo a Ramiro (o único que falou). Até porque todos eles, à excepção de Ribeiro da Silva, estão em liberdade plena (que heroicidade) e só Ramiro está detido (percebe agora, Ramiro, o que é isso da luta de classes?). O julgamento prossegue na próxima quarta-feira, a partir das 15 horas, com a audição das primeiras vinte testemunhas, num total de quatrocentas.

Manuel Geraldo

Bois e vacas vão ter “bilhete de identidade”

Bois, vacas, touros, novilhos e bezerras, enfim, todo o gado bovino (um milhão e 300 mil cabeças) vai ter «bilhete de identidade». A criação do «bilhete de identidade» para os animais é uma medida que visa dificultar o contrabando de gado entre Portugal e Espanha.

Uma comissão de agricultura da Assembleia da República deslocou-se recentemente à região de Trás-os-Montes, surgindo esta medida na sequência dessa visita, que habilitou os deputados do sector a encararem a resolução do problema, muito em particular criar condições para evitar a «importação» de gado bovino doente, na maioria das vezes tuberculoso.

O criador terá uma ficha com uma fotografia de cada animal. Cada cabeça de gado terá, por seu turno, o número correspondente gravado numa orelha. Nas zonas fronteiriças, nomeadamente em Trás-os-Montes, certas propriedades ficam parte em Espanha e parte em Portugal, e são atravessadas por uma linha invisível chamada fronteira. «As vacas, claro, tanto pastam de um lado como do outro» — prosseguiu Aurélio Mendes, membro da dita comissão e deputado do PSD.

«Com as casas, de resto, sucede o mesmo, havendo habitações que têm, por exemplo, a

cozinha em Portugal e a sala em Espanha — disse ainda o parlamentar social democrata. Acontece que o dono de um animal que é abatido por estar afectado de brucelose ou tuberculose recebe um subsídio do MAP.

Em Espanha, até há pouco, as coisas passavam-se de forma semelhante, mas, em 1980, as indemnizações referidas deixaram de ser pagas — explicou depois. Assim, os espanhóis donos de gado doente colocam-no à venda a baixos preços, nomeadamente nas feiras das localidades espanholas vizinhas da fronteira, onde aparecem a comprá-lo negociantes portugueses, acrescentou.

A Feira de Vén, na Galiza, por exemplo, teve grande incremento nos últimos tempos, devido ao fluxo de comerciantes portugueses, que saem de Portugal pela fronteira de Chaves.

Dessa maneira, os negociantes portugueses de gado conseguem receber dinheiro de indemnizações pelo abate de gado doente que trazem em contrabando de Espanha — explicou Aurélio Mendes.

Com a criação dos bilhetes de identidade para os animais pretende-se travar a «burla e o suborno ligados a este contrabando» — declarou o mesmo deputado.

CONSTRUÇÕES RUIVO DO MONTE UMA CASA À MEDIDA DO SEU BOLSO

Construímos e vendemos óptimos andares e vivendas, nas melhores zonas residenciais de Setúbal.

CONSULTE-NOS JÁ PELO TELEFONE — 24128
Ou visite o n/Departamento de Vendas todos os dias na
RUA CIDADE DA BEIRA, LOTE 58-A
SETÚBAL

DIA 19/3/81 — FESTA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Oferecemos um valioso brinde a todos os compradores que adquiram um andar nesse dia.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES

Secção Regional do Sul ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCAÇÃO

Nos termos do Estatuto convoco a Assembleia Geral Ordinária, para as 21.00 horas, do dia 18 de Março na sede da SRS, com a seguinte,

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 — Discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal
- 2 — Informação sobre o «Congresso AAP 81». Apreciação da Proposta das Secções Regionais e Conselho Directivo Nacional.

Lisboa, 9 de Março de 1981

O PRESIDENTE DA MESA
Fernando Peres Guimarães



MUNICIPIO DE LOURES CONSELHO MUNICIPAL

A fim de se proceder à eleição do Conselho Municipal de Loures para o ano de 1981 vão reliaçar-se as seguintes reuniões concelhias repartidas por sectores de actividade, locais e datas segundo o calendário que se segue:

CALENDÁRIO DE REUNIÕES

organismos	local	DATA/ HORA
6.ª, 13/3 e Grupos de Teatro	Colectividades de Cultura da Póvoa de St.º Adrião	Sala da J. Freg. Às 21.30
Colectividades de Desporto	Sport Grupo Sacavenense	6.ª, 13/3 -SACAVÉM
Às 21.30		
Comissões de Moradores	Refetório dos Trabalhadores da Câmara — LOURES	6.ª, 13/3 Às 21.30
Bandas de Música	Câmara Municipal	6.ª, 13/3 — LOURES
Às 21.30		
Creches, Casas de Repouso Jardins de Infância e Delegações da Cruz Vermelha	Câmara Municipal — LOURES	6.ª, 13/3 Às 21.30
Associação de Moradores e Cooperativas de Habitação	Associação de Moradores de St.º Antonio dos Cavaleiros	6.ª, 13/3 Às 21.30
Comissões de Trabalhadores	Delegação Sindical dos Metalúrgicos — SACAVÉM	5.ª, 12/3 Às 19.00
Delegações Sindicais	Delegação Sindicato dos Metalúrgicos — SACAVÉM	5.ª, 12/3 Às 19.00
Associação de Reformados	Cooperativa -A Sacavenense- — SACAVÉM	Sáb. 14/3 Às 16.00
Associação de Inquilinos	Câmara Municipal — LOURES	Sáb., 14/3 Às 16.00
Cooperativas de Consumo e Produção	Unicentral — MOSCAVIDE	Sáb., 14/3 Às 21.00
Associações de Condóminos	Câmara Municipal — LOURES	Dom., 15/3 Às 10.00
Organismos da Juventude	Câmara Municipal — LOURES	Dom., 15/3 Às 10.00
Associações de Proprietários	Câmara Municipal — LOURES	Dom., 15/3 Às 10.00
Associações de Mulheres — LOURES	Câmara Municipal Às 14.30	Dom., 15/3
Associações de Apoio à Família	Câmara Municipal — LOURES	Dom., 15/3 Às 14.30
Associações de Pais	Escola Secundária de LOURES	Dom., 15/3 Às 14.30
Associações de Estudantes	Escola Secundária de LOURES	Dom., 15/3 Às 14.30
Imprensa Regional	Câmara Municipal — LOURES Associações de Industriais	2.ª, 16/3 Às 21.30 Câmara Municipal
3.ª, 17/3	— LOURES	Às 21.30

Para participar na reunião respectiva, onde tem direito a um representante, cada organização deve credenciar um dos seus membros explicitamente para o efeito.

de ontem para hoje

Explosão em Macau: vitimados cinco emigrantes chineses

Uma violenta explosão num paiol de pólvora da ilha de Taipa, em Macau, vitimou esta madrugada seis imigrantes clandestinos chineses (cinco homens e uma mulher). Os corpos só foram encontrados esta manhã por residentes da fábrica de Iek Long. Estavam no meio dos destroços da pequena cabana de madeira, circundada por um alto paredão de pedra e cimento, onde se costuma fazer a mistura da pólvora na fábrica.

Para os peritos, a pequena oficina isolada, onde apenas se encontravam pequenos resíduos de pólvora acumulada ao longo dos anos, funcionou como «um enorme panchão», quando os imigrantes inadvertidamente riscaram um fósforo para acender um cigarro ou uma fogueira para secar as roupas que traziam.

Casa da Moeda: recuperados numa fundição os caracteres roubados

CHARACTERES GOTHICS

Depois de uma longa e difícil busca, os caracteres gothics foram encontrados numa fundição de ouro em Macau.

Muno José Soares de Mendonça Holim
de Moura Barreto
Marquez e Duque de Loulé

Dom Antonio Alves Martins bispo de Vizeu

A Polícia Judiciária recuperou ontem em Lisboa valores históricos furtados na Casa da Moeda e vendidos a uma fundição como sucata de chumbo a 42 escudos o quilograma. Foram presos três homens com idades compreendidas entre os 23 e os 32 anos considerados autores do furto. O espólio, pertença da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, é constituído por raríssimos caracteres tipográficos avaliados em vários milhares de contos. Os caracteres fabricados especialmente durante os últimos três séculos por técnicos portugueses e estrangeiros teriam — segundo a PJ — sido vendidos a uma fundição com vista à fusão e reaproveitamento. Informados sobre o verdadeiro valor dos caracteres os responsáveis pela fundição transportaram-nos para a sede da PJ.

Naufrágio do «Cabinda»: corpo de imediato aparece em Casablanca

As autoridades marroquinas anunciaram ontem o aparecimento de mais um corpo dos doze tripulantes do cargueiro português «Cabinda» que se afundou

ao largo de Casablanca no dia 28 de Dezembro último. Trata-se do imediato José António Flores Gomes, de 43 anos, natural da Póvoa de Varzim. A localização deste cadáver elevou para três o número de corpos recolhidos.

«Liberdade de Seda» no Parlamento: desvio de gado preocupa trabalhadores

Preocupado com o gado (bovino, ovino e suíno) que lhe foi retirado pelo MAP e pela GNR, a UCP «Liberdade de Seda», de Alter do Chão, enviou ontem uma delegação a Lisboa, que foi recebida em S. Bento pela Comissão Parlamentar de Agricultura, Silvicultura e Pescas. A Comissão irá agora elaborar um relatório sobre o assunto a ser enviado ao Governo em documentos que os trabalhadores lhe apresentaram.

A caminho do aeroporto: autotanque despista-se em Faro

Um autotanque com 34 mil litros de gasolina de avião despistou-se ontem à tarde, num cruzamento a cerca de dois quilómetros de Faro, quando se dirigia para o aeroporto daquela cidade, virando-se em seguida. O acidente apesar do aparato, não causou danos pessoais. Segundo o comandante dos Bombeiros Voluntários de Faro que seguia na retaguarda da viatura, esta teria batido antes no lancil, o que provocou alguns rombos no tanque do combustível donde jorraram cerca de seis mil litros de gasolina. A viatura seguia a baixa velocidade.



Cabaço e Portugal: aquele abraço!

Uma tasca do Bairro Alto foi o local escolhido para a Redacção do «DL» homenagear com um almoço, dois camaradas dos seus serviços de apoio, Filipe Portugal e António Cabaço, de pé na «foto», que agora atingiram a idade de reforma. Pequenos discursos, uma enorme fraternidade, e também uma certa tristeza por ver «partir» Portugal e Cabaço, companheiros inesquecíveis do nosso quotidiano. No final do almoço cravos vermelhos selaram aquele abraço.

Por ter desviado um avião

Rui Rodrigues convidado a filmar em Hollywood

Rui Rodrigues, o jovem que em Maio desviou um avião da TAP para Madrid, foi contactado por um produtor de cinema norte-americano para fazer um filme sobre a sua história, segundo revelou o próprio.

Trata-se de uma empresa muito conhecida nos Estados Unidos e que já financiou diversas películas de realizadores famosos, designadamente Stanley Kubrick e Steven Spielberg, autor de «Encontros Imediatos do Terceiro Grau».

A entrevista decorreu em casa do agente do produtor, em Lisboa, que possuía uma série de recortes de jornais norte-americanos sobre «o mais novo pirata do ar da História».

«A ideia — afirmou Rui Rodrigues — é que seja eu a interpretar o meu próprio papel».

Nascido às 7 horas do dia 7 de Julho de 1963, Rui Rodrigues tornou-se uma figura pública na noite de 6 de Maio de 1980, ao desviar para a capital espanhola um avião da TAP da carreira Lisboa-Faro.

O seu objectivo era a Suíça, mas acabou por se render no aeroporto de Madrid.

Entregue às autoridades portuguesas, Rui Rodrigues esteve detido nos calabouços da Polícia Judiciária e na Penitenciária de Lisboa.

«Não percebia nada de leis — disse — mas apareceram logo uma série de advogados, alguns muito conhecidos, a oferecerem-se para tratar do caso».

A lei é bastante severa no que diz respeito ao desvio de aviões, mas Rui Rodrigues, ainda menor, conseguiu, em Outubro, sair em liberdade condicional e é nessa situação que aguarda julgamento.

«A minha vida mudou»

A marcação do julgamento — adiantou — está ainda dependente de um relatório psiquiátrico.

Rui Rodrigues deixou entretanto as aulas que frequentava quando desviou o Boeing da



TAP, dedicando-se agora ao que considera a sua «grande vocação»: o jornalismo.

Além de colaborar em diversos jornais e de um projecto de programa radiofónico sobre Ovilogia, outra das suas paixões, tem já assegurado o ingresso na Redacção de um matutino lisboeta.

Paralelamente escreve um livro sobre a sua aventura.

«Quando ainda estava na cadeia várias editoras ofereceram-se para publicar um

livro com a minha história» — referiu.

Uma conhecida editora discográfica propôs-lhe, inclusivamente, a gravação de uma canção sobre problemas da juventude, com música de Rui Veloso.

Rui Rodrigues pensa, no entanto, que o facto de ser conhecido e de ter aparecido nos jornais, na rádio e na televisão não o transformou.

«A minha vida mudou, não há dúvida — reconhece — mas aquilo que quero ser — um repórter — é uma ideia que já tenho há muito tempo».

«As vezes ser conhecido é uma coisa terrível» — salienta — outras vezes, porém, é engraçado».

«Quando fui ao Carnaval de Loulé — conta — encontrei lá duas senhoras que iam no avião que eu desviei. Falaram-me muito bem e até fizeram questão em dançar comigo».

«Fiquei também amigo dos pilotos e ainda há pouco tempo estive a jantar com um deles», concluiu.

Trabalhadores do Lixo reunidos em plenário

Terminou a noite passada a greve de 48 horas dos cantoneiros de limpeza que, segundo fonte ligada ao Sindicato dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa, registou uma adesão da ordem dos 98%.

Com esta paralisação, e devido ao facto de não se proceder

à recolha do lixo de domingo para segunda-feira, amontoaram-se nas ruas de Lisboa cerca de 2400 toneladas de detritos.

Um dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da CML disse que a administração daqueles serviços emitiu uma ordem interna

requisitando todos os trabalhadores do sector, assim como toda a frota de camionagem para entrar ao serviço às 23 horas de quarta-feira.

Os delegados sindicais, reunem-se no fim da tarde para análise da situação e preparação de um plenário, aberto a todos os

trabalhadores, que se efectuará no dia 16.

Será nesse plenário que eventualmente serão tomadas decisões sobre novas formas de luta, se até lá a administração não encetar o diálogo», disse o mesmo dirigente sindical.

oficina teatro dança

apresenta

ORPHEU

de 15 de Março a 29 de Março

MUSICA AO VIVO

TEATRO

EXPRESSÃO DRAMÁTICA BAILADO

Todos os dias às 21.30 h (excepto 3.ªs e domingos) Sábados e domingos às 16 h

águeda sena

joão lagarto

seme lufti

helena reis

maria joão serrão

josé lopes e silva

paulo brandão

gracinha candeias

nuno carinhas

fátima nisa

maria joão martins

helena bara

stephen bland

linda gaylord

teresa resende

guilherme filipe

OLHO DE CHACAL de 30 de Março a 13 de Abril

ACONSELHAMOS A ADQUIRIREM OS BILHETES COM MAIOR ANTECIPAÇÃO

COMÉRCIO INTERNACIONAL E ACTIVIDADES PROMOCIONAIS SARL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral Ordinária desta sociedade para reunir em Lisboa, na Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, 1, 2.º, 1000 Lisboa, no dia 25 de Março de 1981, pelas 10 horas, para:

1 — Discussão, alteração ou aprovação do relatório, balanço e contas apresentados pelo Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1980;

2 — Recomposição dos órgãos sociais da empresa;

3 — Alteração da sede social da empresa;

4 — Tratar de outros assuntos de interesse para a sociedade.

Lisboa, 10 de Março de 1981.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Pelo Instituto das Participações do Estado,

Júlio Henriques das Neves

17000\$00 — 2 HORAS

Somos uma Empresa que trabalha em moldes Europeus. Estamos numa fase de expansão e seleccionamos pessoas de ambos os sexos para os nossos quadros de trabalho. Os candidatos/as devem ter mínimo 18 anos, 5.º Ano ou equivalente. Telefonar para 563121.

Via Venexa

SAPATOS — MALAS
ALTA QUALIDADE

NOVAS COLECCÕES

DE PRIMAVERA E VERÃO

CENTRO COMERCIAL DE BENFICA

Est. de Benfica, 739 - Loja 5-F 1500 LISBOA



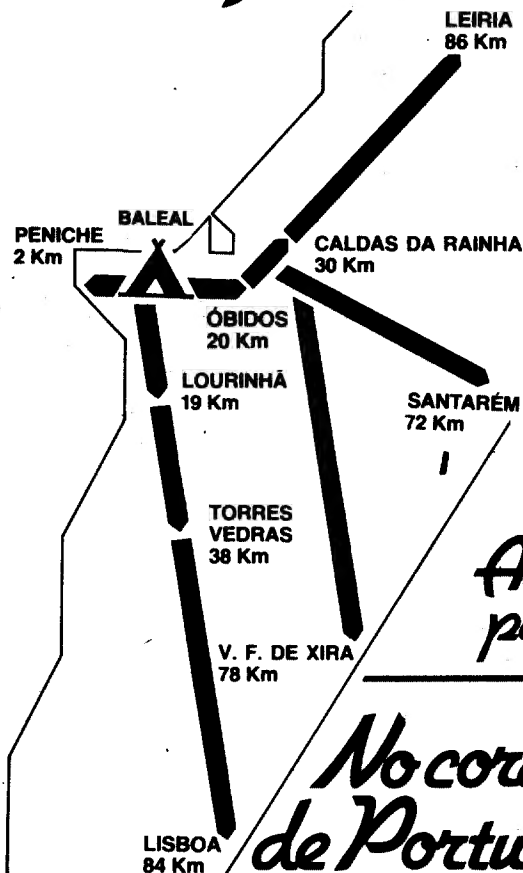
BALEAL

Parque de Campismo

Venha conhecer
um dos melhores Parques da Europa
com os mais modernos apoios
a funcionar

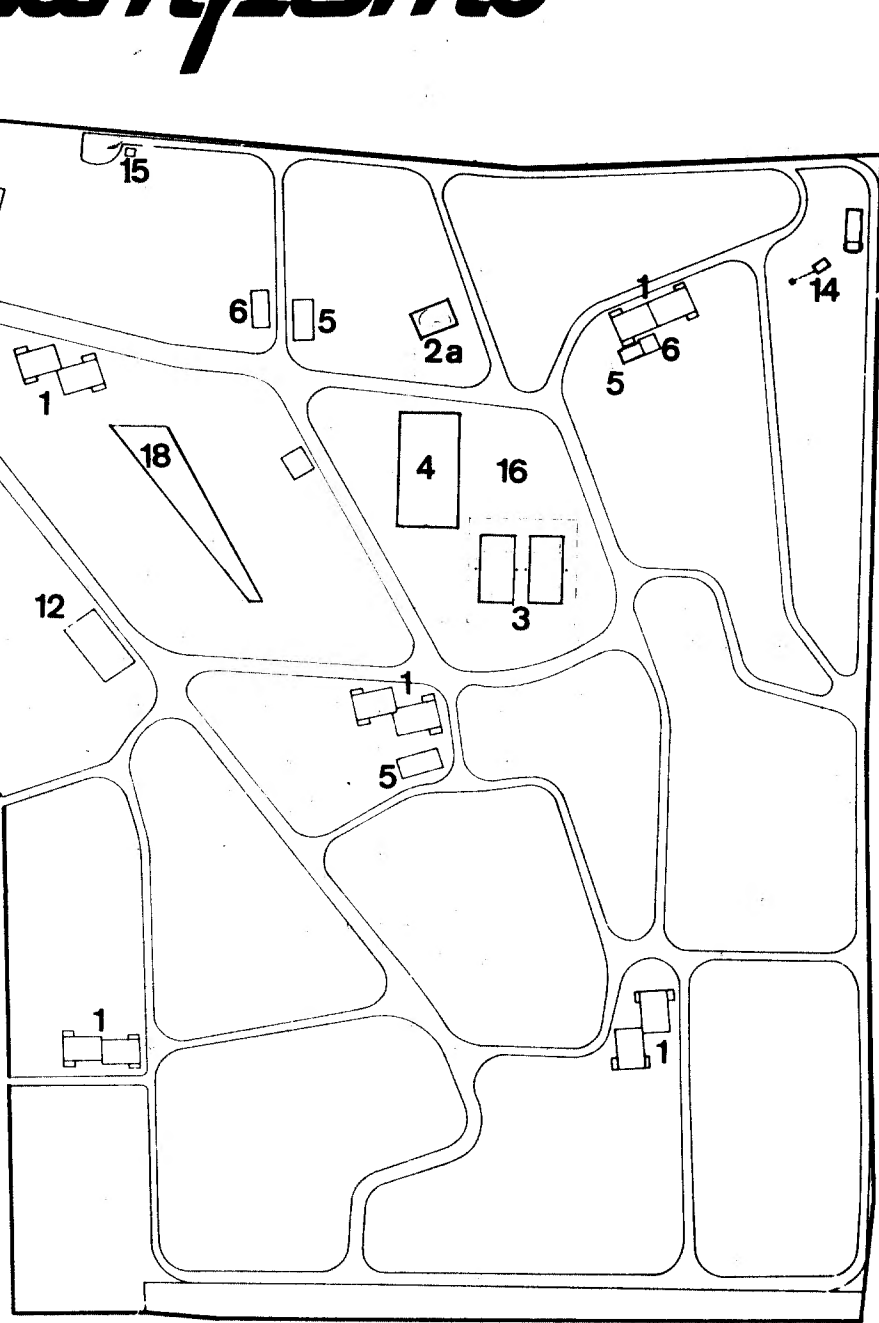
- Aquecimento solar
- Electrocutores de insectos
- Todos os duches com água quente
- Dois courts de ténis, futebol de cinco e polivalente
- Assistência médica permanente
- Recinto próprio na praia com todas as comodidades e nadadores salvadores

Inauguração em Maio



1. Balneários e Sanitários
2. Piscina adultos
- 2a. Piscina crianças
3. Ténis (dois courts)
4. Campo polivalente
5. Lavandarias
6. Lavagem de louça
7. Supermercado
8. Restaurante e self-service
9. Vestiários das Piscinas
10. Recepção
11. Casa do guarda e posto médico
12. Casa do pessoal
13. Zona comercial
14. Depósito de água
15. Posto de transformação
16. Parque infantil
17. Salão de convívio
18. Zona de fogo e festas

*Aceitam-se inscrições
para a próxima época*



TUPATUR - Rua Latino Coelho, 10, 2.º Esq. - 1100 Lisboa - Telef. 561316/571960
Administração de: Dr. ABÍLIO CARDOSO
Estamos na NAUTICAMPO no Stand 993

*No coração
de Portugal:
-o seu espaço de férias!*

ESTOU INTERESSADO EM MAIS INFORMAÇÕES

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ TELEF.: _____

TUPATUR - Empreendimentos & Turismo, Lda.
Rua Latino Coelho, 10, 2.º Esq. - 1100 Lisboa - Telef. 561316/571960



Esvaziado de produtos essenciais

Cabaz de Compras incha de promessas filosóficas

O cabaz de compras vai acabar, ficando, para já, reduzido a uma magra cesta com quatro produtos: leite, pão, açúcar e arroz. E acaba por decisão do Governo que, segundo disse ontem o ministro Vaz Pinto, vai mudar de filosofia, preferindo atribuir subsídios (abonos de família e pensões de reforma) a certas classes sociais em vez de subsidiar produtos consumidos pela generalidade da população até pelos ricos e os turistas.

Mas estas «generosas» intenções anunciadas pelo ministro do Comércio não passam, por ora, de promessas de mudança de filosofia já que o OGE que está na Assembleia para discussão não prevê o reforço das verbas para abonos e reformas, nem pouco mais ou menos proporcionais às verbas que vão ser subtraídas do apoio ao cabaz de compras.

Vaz Pinto anunciou esta «mu-

dança de filosofia» em reunião com a Comissão Parlamentar de Comércio, e, segundo a Anop, terá até conquistado o apoio de, pelo menos, um representante do Partido Socialista na Comissão.

De momento, só o leite, pão, açúcar e arroz permanecem no «moribundo cabaz de compras» (como lhe chamou um deputado da maioria).

«As bolachas, massas, farrinhas, margarina, óleos vegetais,

frangos, ovos e rações vão passar ao regime de preços declarados, deixando de estar incluídos no cabaz» — disse o deputado Cabrita Neto (PSD).

«Em sua substituição, o Governo vai aumentar as pensões de reforma e os abonos de família, sobretudo às camadas da população menos favorecidas» — acrescentou.

A decisão de mudar a filosofia respeitante ao cabaz foi moti-

vada, nomeadamente, pelo facto de este beneficiar sobretudo os ricos e até os turistas estrangeiros, pois todos compravam os produtos a preços igualmente favoráveis, comentou ainda o deputado Cabrita Neto.

Em 1980, a média dos subsídios ao cabaz de compras foi de 2500 escudos «per capita», mas enquanto os mais desfavorecidos tiveram, em média, um subsídio de 1700 escudos por cabeça, as classes altas beneficia-

ram de 3500 escudos por pessoa.

Além disso, 60% da população total recebeu subsídios ainda inferiores à referida média nacional.

A mudança de filosofia sobre o cabaz fora primeiramente anunciada aos deputados da AD durante uma reunião restrita que principiou com uma curta intervenção do Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão.

Negócios em perspectiva

com a Espanha

e a Zâmbia

Investimentos conjuntos em Portugal e Espanha, a realizar por empresários dos dois países, vão ser estudados numa reunião em Lisboa marcada para o dia 30 do corrente, admitindo-se a possibilidade de constituição de empresas mistas e trocas de tecnologia.

Nas negociações devem estar envolvidas 40 empresas representando os sectores metalomecânico, eléctrico, electrónico, químico, têxtil e da produção de papel, tal como ficou decidido depois da visita de Alfredo Rambla, funcionário superior do Ministério da Indústria espanhol ao

nosso País.

Segundo Rambla, estes são sectores em que Portugal e Espanha dispõem de tecnologia intermédia, inferior à tecnologia dos países industrializados da Europa, e em que muitos problemas serão mais facilmente resolvidos em conjunto, na perspectiva da adesão à CEE.

Outra missão portuguesa, integrando empresários de vários sectores parte no dia 22 para a Zâmbia com o objectivo de apreciar as potencialidades do mercado e estabelecer uma política de associação de empresas com firmas da-quele país africano.

Acelera a inflação e desacelera a produção industrial

«A aceleração do processo inflacionista, iniciada em Dezembro de 1980, prosseguiu no mês de Janeiro de 1981, sendo este um dos traços mais relevantes da actual conjuntura económica» — reconhece o Ministério das Finanças na sua informação de Fevereiro sobre a situação sócio-económica.

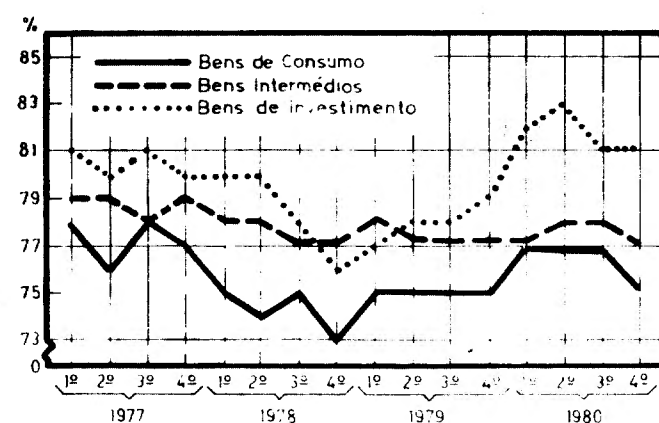
Segundo dados fornecidos pelo Instituto de Análise da Conjuntura e Estudos de Planeamento do MFP, o índice de produção industrial, disponível só até Agosto, confirmou a desaceleração do crescimento da produção industrial já antes detectada pelo inquérito de conjuntura à indústria transformadora. Essa desaceleração terá principiado em Fevereiro de 80 e resulta, fundamentalmente, de uma diminuição da produção da indústria ligeira pois a metalurgia de base continua a manter «um ra-

zoável ritmo de crescimento».

No que aos índices de preços se refere, o Ministério de que foi titular Cavaco e Silva durante todo o ano de 1980, reconhece ter-se verificado, em Janeiro, um aumento de 2,8 pontos em relação ao mês anterior e que esta aceleração se ficou devendo às condições climáticas desfavoráveis na agricultura, encarecendo bens sazonais, e aos acréscimos de preços administrativos que incidiram sobre os transportes colectivos, correios e telefones e que «haviam sido contidos durante o ano transacto» (sic). Recorde-se que 1980 foi ano de eleições. Concluídas elas, veio a factura dos aumentos, como aliás já tinha sido dito e redito pela oposição.

Não ainda de «desaceleração» mas apenas de «uma certa recuperação bastante aquém das previsões formuladas pelos gestores industriais» fala, também, o inquérito trimestral de conjuntura à indústria transformadora referente a Outubro-Dezembro de 80.

Segundo a publicação especializada do Instituto Nacional de Estatística, as razões para esta situação encontram-se na «acentuação da tendência recessiva da procura externa e por arrastamento, da procura global». A procura interna terá constituído neste quarto trimestre de 80 a base de sustentação



Do terceiro para o quarto trimestre de 1980 é visível a queda da utilização da capacidade produtiva nas indústrias de bens de consumo e intermédios. Uma certa estabilização apenas existiu nos bens de investimento (Fonte: INE)

da actividade industrial, não impedindo, no entanto, que a acumulação de «stocks» acabados se mantenha a um nível elevado.

A taxa de utilização da capacidade produtiva manteve-se a um nível global praticamente invariável nos últimos tempos: 79 por cento.

A recuperação neste quarto trimestre, em relação ao terceiro, é contudo menos significativa para a média anual pois o terceiro trimestre, período de férias, é geralmente marcada por uma baixa global de produção.

Indícios de recuperação

detectaram-se fundamentalmente na indústria de bens intermédios (mais 23 pontos) e de bens de consumo. A produção de bens de investimento manteve-se em ritmo de crescimento estacionário contrariando as expectativas dos gestores industriais para este período.

As previsões para o 1.º trimestre de 1981 apontam para a acentuação da recuperação verificada, se se confirmar o optimismo manifestado pelos industriais produtores de bens de investimento.

Apresentada em viagem no Tejo

Nauticampo/81 virada ao desporto

A Nauticampo/81, que assim atinge a sua 12.ª edição, foi ontem apresentada aos jornalistas a bordo do mais recente catamarã posto ao serviço da Trans-Tejo, o «Madragoa». Em viagem de uma hora no estuário do Tejo, os responsáveis pela Feira Internacional de Lisboa traçaram os principais objectivos do certame, que se realizará entre os dias 13 e 22, inteiramente consagrados à totalidade do público.

«A dinamização e o incremento da produção nacional dos artigos dos sectores de campismo, caravanismo, navegação de recreio e desportos, através das suas mais recentes novidades» — eis em suma o principal objectivo da Nauticampo/81 que este ano conta com um total de 179 expositores, dos quais 70 são estrangeiros.

Aberta ao público entre as 15 e as 23 horas, no fim-de-semana e as 17 e as 23 nos dias úteis, a Nauticampo tem este ano uma afluência prevista de 150 mil pessoas que se espalharão pelos 18 mil metros quadrados de exposição. A importância desta realização é tal que são muitos os expositores que nela vendem a totalidade da sua produção anual.

Este ano será apresentada, nos pavilhões da FIL, uma gama de barcos de recreio muito superior à verificada no ano passado, sendo várias as classes de bar-

cos incluindo as mais populares e com mais penetração entre os jovens.

A semelhança do que acontece com outros certames organizados pela Associação Industrial Portuguesa, também na Nauticampo serão concretizadas algumas iniciativas paralelas, de que se destacam uma regata e uma prova de motonáutica, previstas para os dias 21 e 22, na parte do estuário do Tejo fronteiria à FIL.

Uma outra iniciativa foi desenvolvida a propósito: algumas centenas de jovens terão oportunidade de fazer o seu «baptismo de mar», embarcando num draga-minas da Marinha de Guerra portuguesa, para dois passeios diários no Tejo. O baptismo dá direito a uma saída da barra.

Voltando à Nauticampo/81, os expositores que ali se farão representar distribuem-se do modo que segue: 80,2 por cento do sector desportivo, 11,5 por cento do turismo e artesanato e 8,3 por cento de serviços vários.

Na conferência de Imprensa interveio ainda o brigadeiro Eduardo Avelino, do Grupo Voluntário de Salvadores Náuticos, conhecido por SANAS e que pretende assegurar uma ajuda para o salvamento no mar, ao longo da costa, nos rios e águas interiores de Portugal.

Para o efeito, disse aquele

elemento, já foi adquirida uma embarcação, compartilhada pela Fundação Gulbenkian, um «fora de bordo» tipo «self-righting», no valor de 3600 contos. Um outro deverá ser adquirido, também em Londres, dentro de pouco tempo.

Português produz

120 contos

gasta 106

Cada português produziu em média em 1980, mercadorias e serviços num valor equivalente a 120 150 escudos e consumiu 106 890 — indicam as estatísticas oficiais.

Em 31 de Dezembro do ano transacto, cada cidadão «devia» ao estrangeiro a quantia de 18 366,3 escudos, atendendo a que a dívida externa do País era de 183 663 milhões e partindo do princípio de que a população portuguesa ronda os 10 milhões de habitantes.

Por seu turno, cada português, ainda na mesma data e sempre em média, tinha emprestado ao Estado a quantia de 40 736 escudos, já que a dívida interna era de 407 360 milhões.

AVENIDAS NOVAS

A AGÊNCIA **abreu** pensa em si, na sua comodidade e sabe como por vezes é difícil deslocar-se às nossas lojas e escritórios na Av. da Liberdade, 158-160. Assim, procedemos à abertura de uma nova filial na Av. de Roma, 66-B onde sem incómodo poderá aparcas o seu automóvel sendo também servido por 2 estações de metro.

Esperamos a sua visita.

AVENIDA DE ROMA, 66-B

VIAGENS E TURISMO

abreu

fundada em 1840

TELFS. 80 36 09 • 80 50 47 • 80 50 96 • 80 52 46
30 51 97 • 80 51 45 • 80 53 45 • 80 53 95 • 80 54 46

TELEX 14810 • 1700 LISBOA CODEX

Reagan cada vez mais "duro"

Aumenta o auxílio militar diminui a ajuda económica

A Administração Reagan prossegue a sua escalada: segundo a agência Associated Press, citada pela ANOP, vai ser aumentado o programa de assistência militar global e incrementada a venda de armas a nações «amigas». O Departamento de Estado revelou um programa de assistência militar de 6,9 mil milhões de dólares (cerca de 380 mil milhões de escudos) com especial incidência para os países «pequenos ou pobres que se sintam ameaçados pela URSS». Enquanto no programa de auxílio económico a nova Administração cortou cerca de mil milhões de dólares, no auxílio militar aumentou 8,4% (cerca de 2,3 mil milhões de dólares) em relação ao planeado por Carter.

O auxílio militar é todo como orçamento de defesa — insusceptível de sofrer cortes decretados pela Casa Branca. Visa armar as nações «amigas», mas continua de pé a norma de Richard Nixon de não envolver grande número de tropas americanas. São «beneficiários» deste auxílio entre outros os seguintes países: Tunísia, Egipto, Israel, Omã, Tailândia, Sudão. Quanto a El Salvador, terá cerca de 25 milhões de dólares de auxílio militar (menos 5 milhões que no ano transacto), mas poderá beneficiar de um fundo contingencial de 350 milhões à disposição da Administração «para acorrer em defesa de um país amigo que se encontra em flagrante necessidade de ajuda».

Enquanto isto, Reagan, discursando ontem perante as duas Câmaras do Parlamento do Canadá, apelou à NATO para que «restabeleça a sua autoridade» e

se oponha ao «aventureirismo soviético».

Por sua vez, o Pentágono revelou que os EUA e a Grã-Bretanha concordam em que os países da NATO deverão aumentar as suas despesas militares em mais do que os três por cento previstos.

Por último, o chefe do EMEA, general Edward Meyer, declarou na Câmara dos Representantes defender uma presença militar permanente americana no Golfo Pérsico, ao mesmo tempo que o Departamento de Estado se diz disposto a fornecer um número não especificado de «caças» F-16 à Coreia do Sul.

Este desenfreio belicista da Administração Reagan suscita preocupações na União Indiana, cujo ministro da Defesa, Shivraj Patil, informou o parlamento de Nova Deli de uma eventual ampliação da base de Diego Garcia, o que poderia permitir o envio de tropas terrestres para a Ásia e para o Golfo.

O secretário americano da Defesa, Caspar Weinberger, indicou ontem que «não tinha conhecimento» de planos visando o envio de mais «auxílio» militar americano a El Salvador, e exprimiu a esperança de que os Estados Unidos não precisem de continuar.

Numa entrevista à cadeia de Televisão americana «CBS», o secretário americano da Defesa

Augusto Pinochet, o general de direita que em 1973 assumiu o Poder no Chile pela força, inicia hoje um mandato presidencial de oito anos com a entrada em vigor da nova Constituição.

Várias cerimónias estão programadas para celebrar a posse, entre elas uma missa na catedral metropolitana e uma parada militar de quatro horas na principal avenida de Santiago do Chile.

A cerimónia mais importante deverá ser um comício no Palácio da Moneda, que Pinochet tenciona usar como sede presidencial permanente.

Cerca de 20 mil pessoas deverão estar presentes quando Pinochet e a sua escolta de cavalaria chegar ao palácio, um edifício de 125 salas.

O palácio ficou muito destruído durante o golpe de Estado liderado por Pinochet, que derubou o presidente socialista

Chile

Mais um mandato de oito anos para Pinochet

Salvador Allende. Pinochet deverá dirigir-se à multidão de uma tribuna no terceiro andar do palácio, e mais tarde cerca de 14 mil soldados deverão desfilar na parada.

Embora as cerimónias pretendam simbolizar o início de um eventual regresso à democracia, observadores afirmam que a nova Constituição não beneficiará a maioria dos chilenos.

Pinochet, de 65 anos, anunciou a sua intenção de renovar o estado de emergência que suspende as garantias constitucionais e lhe dá poderes ditatoriais para controlar os seus opositores políticos.

As funções legislativas caberão a uma Junta de quatro membros até que o Congresso entre em funções em 1990.

A Junta escolherá também o próximo presidente para 1989, sujeito a um plebiscito, e Pino-

chet não afastou a possibilidade de se candidatar a mais um mandato.

Pinochet demitiu-se do seu lugar na Junta e designou o general do Exército Raul Benavidez para o substituir.

Eleições presidenciais ditas livres deverão ter lugar em 1997, ou mais cedo, se a Junta não conseguir chegar a acordo na escolha do próximo presidente.

A Organização de Solidariedade dos Povos Latino-Americanos e Afro-Asiáticos apelou à condenação do facto de Pinochet se ter proclamado «presidente constitucional do Chile», e ao apoio à resistência antifascista no país.

Um minuto de silêncio

O Parlamento europeu aprovou hoje a urgência de um pro-

jecto de resolução em que se pede ao Governo chileno a amnistia e libertação imediata de cinco condenados à morte no Chile.

Os parlamentares dos «dez» observaram um minuto de silêncio pelos cinco dirigentes sindicais condenados à pena capital: Myriam Ortega Araya, Victor Ortega Araya, Carmen Escobar Gonzalez, Carlos Garcia Herrera e Rodolfo Rodriguez Moraga.

Ernest Glin, presidente do grupo socialista (o mais numeroso da Assembleia, com 120 deputados), deplorou que o presidente chileno se instale hoje no Palácio de La Moneda, «ali onde Allende foi assassinado».

A resolução pede aos Governos dos dez que empreendam diligências urgentes junto do Governo chileno, a favor dos condenados à morte.

Washington e San Salvador

Tomar ou não "conhecimento"

salientou que os Estados Unidos não tinham «nem desejo nem interesse em forçar El Salvador a aceitar 'auxílio' de que pense não precisar».

A entrevista de Weinberger segue-se a um depoimento do antigo embaixador americano no sacrificado país da América Central, Robert White, prestado ontem à tarde perante a Comissão dos Negócios Estrangeiros

da Câmara dos Representantes. Robert White, que se opõe publicamente à política americana para El Salvador, disse, nomeadamente, que as forças governamentais salvadoreñas não precisavam do «auxílio suplementar» fornecido recentemente pelos Estados Unidos. Pelo seu lado o secretário da Defesa afirmou: «Não temos conhecimento de excesso de equipamento

nesse país.»

Comentando as alegações de White a este respeito, Caspar Weinberger limitou-se a declarar que «pensava ser isto uma das principais razões por que ele é ex-embaixador».

Durante o seu depoimento, ontem, perante a Comissão da Câmara dos Representantes, Robert White afirmou que tinha sido demitido das suas funções

de embaixador por razões políticas.

O secretário da Defesa insistiu, pelo seu lado, em esclarecer as declarações que fizera no domingo, também à «CBS», relativas à eventual instalação de bases militares americanas nos países do golfo. Os Estados Unidos, afirmou, não têm a menor intenção de instalar bases contra a vontade desses países.

PUB.

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

Rua do Colégio Militar Fracção L - R/C Esq.º — SANTARÉM

CONVOCATÓRIA

Em conformidade com o disposto no Art.º 21.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral do Sindicato para reunir em sessão extraordinária no dia 24 de Março de 1981, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS

Ponto único — alteração dos Estatutos (Art.º 51 §) o qual passará a ter a seguinte redacção:

«§ a integração, fusão e dissolução do sindicato só se verificará por deliberação da Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito, desde que votada por maioria de, pelo menos, 3/4 do n.º total de filiados presentes à Assembleia».

Nos termos do Art.º 23.º dos Estatutos, a Assembleia Geral funcionará nos locais e horas abaixo indicados.

LOCAL		HORA
Alferrarede	Clube Desportivo os Dragões	das 19.00 h às 22.00 h
Tomar	Delegação do nosso Sindicato	das 19.00 h às 22.00 h
Santarém	Sede do nosso Sindicato	das 9.00 h às 22.00 h
Torres Novas	União Sindicatos de Torres Novas	das 19.00 às 22.00 h
Coruche	Sala da Biblioteca	das 19.00 h às 22.00 h
Cartaxo	Casa do Povo	das 19.00 h às 22.00 h
Tramagal	Sociedade Recreativa Tramagalense	das 19.00 h às 22.00 h

Santarém, 19 de Fevereiro de 1981

O Presidente da Assembleia Geral
(Joaquim da Silva Ribeiro)

banco
seguros

EM DEFESA
DO SECTOR

NACIONALIZADO

MANIFESTAÇÃO

RESTAURADORES P. MUNICIPIO

Dia 13 Março 19 horas

Espanha

Lei do divórcio divide de novo a UCD

MADRID 12, do nosso correspondente Fernando Jauregui. O partido governamental espanhol, União do Centro Democrático, volta à guerrilha interna, depois de uns breves dias de aparente coesão propiciada pelo «susto» sofrido com a tentativa de golpe de Estado. De novo, o tema do divórcio volta a dividir «progressistas» e «conservadores» do partido que governa a Espanha.

Um tremendo debate interno foi ontem desencadeado entre a ala social-democrata (progressista) da UCD, e a ala confessional democrata-cristã que se opõe à actual redacção do projecto de lei do divórcio elaborada precisamente pelo chefe de fila da ala social-democrata, Francisco Fernandez Ordóñez, ministro da Justiça.

Os democratas-cristãos, seguindo as directivas da conferência episcopal espanhola e, segundo se diz, do próprio Vaticano, querem dificultar o mais possível a obtenção do divórcio para os espanhóis. Para isso, ameaçam de novo provocar uma cisão no partido governamental, esquecendo os graves momentos de tensão política por que atravessa o país, e sugerindo mesmo a saída da UCD para formarem um partido especificamente democrata-cristão.

Contudo, parece que a Comissão Executiva da UCD, onde os democratas-cristãos são minoritários, manterá o projecto de lei tal como está, até à sua discussão no plenário do Congresso dos Deputados, na próxima terça-feira, dia 17. Este projecto reconhece o direito ao di-

vórcio após uma separação efectiva dos cônjuges durante seis meses e, em certos casos, reconhece o divórcio por mútuo consentimento.

O próprio Governo sustem a necessidade de que este projecto de lei seja aprovado pelo Parlamento no prazo de tempo mais breve possível de modo a que o divórcio seja uma realidade nos tribunais espanhóis antes do Outono, data em que o Papa Wojtyla deve visitar a Espanha (ainda que a visita não esteja oficialmente confirmada).

João Paulo II, como fez em outras zonas do mundo, tentava sem dúvida aproveitar a oportunidade para condenar mais uma vez o divórcio, os anticoncepcionais e restantes «maus costumes» que imperam em todas as sociedades civilizadas.

Armada inculcado

O antigo vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas de Espanha general Alfonso Armada vai ser julgado por rebelião militar pela participação na tentativa de golpe de Estado de

23 de Fevereiro, anunciou hoje o Ministério da Defesa espanhol.

Armada foi inculcado ontem, somando-se aos 24 militares e um civil já envolvidos no

processo.

Na segunda-feira, foi inculcado o general Jaime Milans Del Bosch por ter mandado distribuir tanques pelas ruas de Valência na noite da tentativa de golpe.

PSI quer rever a Constituição

O líder socialista italiano, Bettino Craxi, pediu ontem a revisão da Constituição de molde a criar novos equilíbrios de poder nos ramos legislativos executivo e judicial.

A reforma visa garantir mais

poder ao parlamento e mais estabilidade ao poder executivo, segundo a proposta de Craxi, cujo partido faz parte do Governo.

O dirigente socialista sugeriu que a revisão constitucional seja

feita à semelhança da realizada em 1946, através de uma comissão de representantes de todos os partidos.

A comissão poderia ter de 70 a 80 membros e disporia de um período limitado de trabalho.

Orçamento britânico criticado por trabalhistas e conservadores

A Grã-Bretanha terá muito em breve 3 milhões e meio de desempregados, afirmam os sindicatos ingleses após a apresentação de um orçamento de extrema austeridade que o Parlamento começou ontem a debater e que é alvo de uma vaga de críticas de todos os quadrantes.

Estas vêm da oposição trabalhista, mas também são feitas pelo patronato e por várias personalidades da maioria conservadora.

Sir Raymond Penock, presidente do patronato, comentou secamente o orçamento apre-

sentado na véspera pelo ministro do Tesouro, sir Geoffrey Howe: «Demasiado pouco, demasiado tarde», disse nomeadamente o patrão dos patrões a propósito da diminuição de 2 pontos da taxa de juro. Sir Howe lamentou ainda o agravamento da fiscalidade indirecta.

O mesmo tom crítico foi registado na Bolsa de Londres, que acolheu com particular morosidade o novo orçamento: uma queda de 3 por cento foi registada na totalidade dos valores industriais.

Durante três dias, a Câmara

dos Comuns vai debater o novo orçamento e Lei de Finanças. Este também já suscita críticas azedas da parte de personalidades conservadoras. Um deputado conservador, Peter Tapsell, antigo porta-voz do partido para as questões financeiras, reclamou a demissão do ministro do Tesouro que, segundo ele, «perdeu a confiança de largos sectores da City, da indústria, do Governo e do grupo parlamentar conservador»: qualificou ainda o orçamento de «ultrapassado» e «analfabeto do ponto de vista económico».

Fundo para as vítimas da tortura

A Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos aprovou ontem em Genebra a proposta dinamarquesa de um fundo internacional para as vítimas de tortura, por 22 votos a favor, sete contra e 14 abstenções.

Resultado da conversão do «Moribundo» fundo das Nações Unidas para o Chile, o novo or-

ganismo será administrado por cinco representantes de diversas regiões do mundo. O auxílio seria distribuído por meio de organizações humanitárias existentes, com prioridade para as vítimas nos países cujas violações dos direitos humanos tenham sido criticadas por organismos da ONU.

A Comissão rejeitou uma série de emendas que a União Sovi-

tica propusera efectuar no plano dinamarquês, tendo o chefe da delegação de Moscovo, V. A. Zorin, declarado que o fundo não reunia condições para ser «razoável nem justo».

O mesmo organismo das Nações Unidas aprovou também diversas resoluções sobre as violações dos direitos do Homem na América Latina.

Subtis distinções...

O porta-voz do departamento de Estado americano acaba de tentar fazer uma «subtil» distinção entre regimes políticos que não respeitam os direitos do homem. De um lado, a partir de agora, ficarão os regimes a que William Dyess chamou «autoritários» (Chile, Argentina, etc), com os quais Washington deseja melhorar de rela-

ções e que não serão «publicamente» criticados pelas suas violações contra os direitos humanos. Do outro lado, os regimes classificados pelo porta-voz como «totalitários» (URSS, países do leste), aos quais os Estados Unidos não pouparão críticas públicas.

Segundo Dyess, na sequência desta nova orienta-

ção, o Governo Reagan esforçar-se-á por receber o general Viola, futuro sucessor de Videla na chefia do regime militar argentino, da melhor maneira, tentando melhorar as relações algo tensas, decorrentes das críticas contra Buenos Aires formuladas pela antiga administração do ex-presidente Carter.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

RUA DO COLÉGIO MILITAR, FRACÇÃO L - R/C ESQ.º

SANTARÉM

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 19.º, (alínea i) e do artigo 22.º e para os efeitos do artigo 51.º, convoco a Assembleia Geral do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Santarém, para reunir, em sessão extraordinária, nos dias 27 e 28 de Março de 1981, nos locais e horas a seguir indicados, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. *Deliberar sobre a fusão do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Santarém com o Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa e conseqüente criação do Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Urbanos do Centro.*
2. *Aprovação dos Estatutos do Sindicato resultante da Fusão.*

DIA	HORA	LOCAL
27/3/81	Das 09.00 às 13.00	Abrantes - RN Refeitório
"	" 16.00 às 18.00	Entroncamento - RN - Junto ao Cais
"	" 08.00 às 13.00	Santarém - Refeitório - RN
"	" 08.00 às 19.00	Torres Novas - RN - Refeitório da Garagem
"	" 08.00 às 19.00	Torres Novas - RN - Sala do Bar
"	" 08.00 às 13.00	Coruche - RN - Casa do Pessoal
"	" 15.30 às 20.30	Benavente - RN - Refeitório
"	" 19.00 às 22.00	Fátima - RN - Secção de Despachos
28/3/81	Das 14.00 às 19.00	Alferrarede - CD «Os Dragões»
"	" 14.00 às 19.00	Tomar - Delegação do Sindicato
"	" 14.00 às 19.00	Santarém - Sede do Sindicato
"	" 14.00 às 19.00	Torres Novas - União S. Torres Novas
"	" 14.00 às 19.00	Coruche - Sala da Biblioteca
"	" 14.00 às 19.00	Cartaxo - Casa do Povo
"	" 14.00 às 19.00	Soc. Rec. Tramagalense
"	" 11.00 às 13.00	Riachos - Luso & Irmão

Santarém, 10 de Março de 1981

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Joaquim da Silva Ribeiro

NOTA: O projecto de Estatutos a submeter à apreciação da Assembleia Geral elaborado pela Direcção, encontra-se à disposição dos associados na sede do Sindicato e foi distribuído aos Delegados Sindicais para discussão nos locais de trabalho.

Qualquer associado que pretenda apresentar proposta ou propostas de alteração deverá fazê-lo até ao próximo dia 18/3/81 a fim de permitir a sua reprodução prévia para apreciação e deliberação nas reuniões da Assembleia Geral.

PRÉ—AVISO DE GREVE

AO MINISTÉRIO DO TRABALHO À ADMINISTRAÇÃO DA SETENAVE

Considerando:

- 1 - Que existe um Despacho do Governo datado de 8/8/80 já conhecido de todos os trabalhadores, o qual admite aumentos salariais a partir de Janeiro de 1981.
- 2 - Que foi baseado neste compromisso que os trabalhadores aceitaram tão magro aumento aplicado em 1/9/80, exigem por parte da Administração uma resposta concreta por escrito que contemple aumentos salariais.
- 3 - Que os trabalhadores aprovaram em AGT de 27/11/80, um Caderno Reivindicativo às reivindicações de 1980.
- 4 - Que a declaração da Setenave em Situação Económica Difícil publicada no «DR» de 28/11/80, não veio em nada resolver os problemas da empresa, tendo exclusivamente como objectivo retirar aos trabalhadores o seu poder reivindicativo.
- 5 - Que já estamos em Março de 1981, e que não houve até agora por parte do Governo e da Administração o cumprimento do compromisso expresso no citado despacho.

Os trabalhadores da Setenave, reunidos em Plenário Geral de Trabalhadores, em 10/3/81, para análise das suas reivindicações, DECIDIRAM:
Nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 5.º da Lei 65/77, de 26 de Agosto, vêm as Associações Sindicais signatárias, declarar que decidem do recurso à greve, em toda a Setenave, através da paralisação do trabalho das 8 e 25 do dia 13/3/81 e até às 8 e 25 do dia 14/3/81.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DA METALURGIA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE SETÚBAL

SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO SUL

SINDICATO DOS AJUDANTES DE FARMÁCIA DO SUL E ILHAS

SINDICATO DOS FOGUEIROS DO MAR E TERRA DO SUL E ILHAS ADJACENTES

SINDICATO DOS TRANSPORTES FLUVIAIS

SINDICATO DOS MAQUINISTAS PRÁTICOS AJUDANTES E ARTÍFICES DA MARINHA MERCANTE

SINDICATO DOS PROFESSORES DA ZONA DA GRANDE LISBOA

SINDICATO DOS MARINHEIROS MERCANTES DE PORTUGAL

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

Avião pode explodir hoje "Piratas" paquistaneses apresentam

derradeiro ultimato

O comando assaltante de um avião paquistanês desviado há 11 dias e estacionado no aeroporto de Damasco ameaça fazer explodir o aparelho às 16.00 (de Lisboa) se Islamabad não libertar 55 presos políticos.

O Paquistão está aparentemente disposto a libertar não mais de 21 pessoas, o que faz perigar a vida dos 103 reféns a bordo — afirmou um diplomata asiático em Damasco.

O diplomata, que não quis ser identificado, declarou que a mais recente posição das autoridades paquistanesas foi transmitida aos três piratas do ar por intermediários sírios, horas depois do regresso a Damasco do embaixador paquistanês, que se deslocara a Islamabad.

O embaixador, general Sasraz Khan, regressou à capital síria acompanhado por dois familiares e dois assessores, que vão

aparentemente diligenciar junto deles para que acabem com a mais longa acção de pirataria aérea jamais realizada.

As duas dezenas de presos políticos que o Governo do presidente paquistanês Zia-ul-Haq está disposto a libertar encontram-se aparentemente prontas a partir de Karachi para Damasco, se e quando for conseguido um acordo.

Os piratas do ar parecem manter-se inamovíveis na pretensão de verem libertados todos os 55 presos políticos cujos nomes constam de uma lista que divulgaram. No início da acção, pediram a libertação de todos os presos e posteriormente restringiram a sua exigência a 92 nomes.

Garantiram, no entanto, que não baixarão dos 55 nomes. E indicaram também que não fixarão novo prazo-limite (já o prorrogaram por três vezes).

Bani-Sadr derrotado no Parlamento iraniano

O Parlamento iraniano conferiu mais poderes ao primeiro-ministro Mohammed Ali Rajai, permitindo-lhe que nomeie os ministros das Finanças e Economia e do Comércio. Os dois cargos ministeriais eram alguns dos que se encontravam vagos há meses, devido a uma disputa entre Rajai e Bani-Sadr sobre os poderes do chefe do Governo quanto à nomeação de ministros.

Esta decisão do Parlamento constituiu mais uma derrota para Bani-Sadr. Derrota também as moções parlamentares que confirmaram os ministros previamente nomeados por Rajai (Hossein Nemazi, para Economia e Finanças e Hossein Kazempour, Comércio). Posteriormente, Rajai apresentou um projecto que lhe permitia nomear os ministros da Justiça e dos Negócios Estrangeiros, igualmente alvo de disputa com o presidente Bani-Sadr.

Os moderados, entre os quais o ex-primeiro-ministro Bazar-

gan, procuraram impedir as votações, saindo da sala para que a Assembleia ficasse sem «quorum», mas a presença maciça dos radicais permitiu que as votações fossem avançadas.

Outro moderado, ex-vice-primeiro-ministro e porta-voz do Governo de Bazargan, Abbas Amir Entezam, será julgado na próxima semana por «conspirar contra a revolução islâmica em conluio com a CIA».

É difícil saber quais as consequências desta derrota de Bani-Sadr no Parlamento. Mas elas surgem numa altura em que se sucedem incidentes violentos contra Bani-Sadr na Universidade de Teerão e em que o jornal do Partido Republicano Islâmico multiplica as suas críticas contra o presidente a quem agora acusa de conluio com os «fedayin do povo».

Bani-Sadr voltou a ameaçar demitir-se, caso os «caceteiros» da Universidade de Teerão não fossem punidos.

A guerra que por momentos suspendeu os conflitos de poder no Irão, continua entretanto a marcar passo. A mediação da conferência islâmica parece não ter tido até agora quaisquer resultados práticos. Parecendo mudar de posição, o Iraque, pela boca do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Saddam Hammadi, excluiu a arbitragem internacional como forma de resolver o conflito, mostrou-se favorável a um recomeço da ofensiva na Primavera próxima e reafirmou que o Irão terá de reconhecer a soberania iraquiana.

sobre o Chatt-El-Arab. Por último, rejeitou liminarmente a ideia da criação de uma força ocidental no Golfo, considerando que essa força estava condenada à derrota e que, ao contrário do que pensam os seus promotores, o estacionamento dessa força só serviria para os soviéticos imporem mais a sua presença na região. Estas declarações do ministro iraquiano foram prestadas em conferência de imprensa concedida em Londres no final de uma visita oficial de três dias à Grã-Bretanha, e transmitidas pela ANOP e AFP.

Tiroteio

Morreram dois polícias iranianos numa troca de tiros com um grupo de «Terroristas Arménios», hoje ao fim da manhã, nas proximidades da Embaixada da União Soviética em Teerão, segundo a Polícia iraniana.

Três arménios, pertencentes ao grupo «Damchak», foram presos após o tiroteio, segundo um polícia interrogado telefonicamente pela agência France-Press.

Os três homens, que circulavam num automóvel perseguido pela Polícia, abriram fogo, matando dois dos seus perseguidores, segundo esta mesma fonte.

As 13 horas locais (09h 30 tmG), o bairro em que se encontra a Embaixada da URSS, no centro de Teerão, estava rodeado por importantes forças da polícia e por «Pasdarans» (Guardas da Revolução).



● **LÍBANO-SÍRIA** — Os presidentes Elias Sarkis do Líbano e Hafez Assad da Síria acordaram na necessidade de enviar tropas libanesas para o Sul do Líbano e em várias outras medidas tendentes a aliviar a tensão na zona.

● **OLP EM DUBLIN** — O Governo da República da Irlanda deu o seu acordo para a abertura próxima em Dublin duma delegação da Organização de Libertação da Palestina (OLP), segundo anunciou um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros irlandeses.

● **ATENTADO EM MILÃO** — Um chefe de serviços das fábricas «Alfa-Romeo» de Arese (Lombardia) foi ferido nas pernas por terroristas na quinta-feira de manhã, soube-se de fonte policial. O atentado foi reivindicado pouco depois junto de uma estação de rádio privada pelas «Brigadas Vermelhas».

● **ELLEINSTEIN POR MITTERRAND** — O historiador comunista Jean Elleinstein, de 54 anos, «dissidente» mais célebre do seu partido, apelou ao voto no candidato socialista François Mitterrand, logo na primeira volta das eleições presidenciais francesas.

● **TRABALHADORES IMIGRADOS** — Está em curso em França desde ontem uma campanha a favor dos trabalhadores imigrados com a publicação de um manifesto do «Movimento contra o Racismo e pela Amizade entre os Povos», organização que adoptou a divisa da França «Liberdade-Igualdade-Fraternidade».

● **NOVO GOVERNO NA TAILÂNDIA** — O rei Bhumiphol Adulyadej da Tailândia assinou a remodelação governamental proposta pelo primeiro-ministro Prem Tinsulanonda, um gabinete coligado de 40 membros. O novo executivo parece ser o Governo com menor influência militar desde 1975, data da última Administração civil na Tailândia.

EUA vão conseguir base no Egipto e vender aviões-radar aos sauditas

Os Estados Unidos vão vender à Arábia Saudita quatro dos mais avançados aviões-radar do mundo e construir no Egipto uma base aérea próxima do mar Vermelho — revelaram hoje fontes da administração Reagan.

As mesmas fontes indicaram tratar-se de uma tentativa norte-americana para travar a expansão soviética no Golfo Pérsico, rico em petróleo.

A venda dos aviões AWACS (sistema aerotransportado de aviso e controlo), a um custo de 400 milhões de dólares (22 mil milhões de escudos) cada, dará ao reino saudita a capacidade de conhecer os movimentos aéreos israelitas a uma distância de 800 quilómetros.

A decisão de vender — que terá de ser aprovada pelo Congresso — destina-se contudo a proteger a Arábia Saudita de qualquer

ameaça potencial por parte da União Soviética, Iraque ou Líbano do Sul.

Técnicos e pessoal de manutenção dos Estados Unidos assegurarão na Arábia Saudita o bom funcionamento dos jactos.

Não se exclui a possibilidade de pilotos norte-americanos operarem os aviões.

A construção de uma base aérea para o Egipto em Ras Banas, prevista num acordo ainda secreto, custaria mil milhões de dólares e os Estados Unidos teriam direito a utilizar as instalações.

O reforço da Arábia Saudita e do Egipto faz parte da política de protecção do Golfo Pérsico da administração Reagan. A região satisfaz cerca de 40 por cento das necessidades petrolíferas

dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão.

Israel descontente

Yitshak Shamir, ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, declarou em Jerusalém que o contrato de fornecimento de material militar americano à Arábia Saudita «rompe o equilíbrio de forças no Médio Oriente e aumenta o perigo para a segurança de Israel».

«Não podemos interferir nos assuntos internos americanos. Não somos nós que decidimos sobre a política dos Estados Unidos», acrescentou Shamir, que sublinhou ainda: «Israel é considerado um aliado da América e desempenha um papel estratégico importante para o Ocidente. Não se trata de indemnização israel, mas, após a concretização deste contrato americano-saudita, temos o direito de fazer o ponto da situação e elaborar a lista das nossas exigências, para restabelecer o equilíbrio».

Isoladas na China bactérias que curam certos cancros

Uma equipa de cientistas chineses isolou uma família de bactérias que podem eliminar certos tipos de cancro quando usados em tratamentos convencionais.

Injecções na medula de preparados das bactérias descritas como um aneróbico Propioni Bacterium têm sido utilizadas no tratamento de tumores malignos nos pulmões, seios e faringe, anunciou a agência Nova China.

Experiências realizadas há cerca de dois anos em 12 hospitais chineses provaram que, pelo menos, 700 pacientes sobreviveram durante um período prolongado.

Num hospital em Pequim a aplicação em tumores do seio daqueles preparados tem eliminado a acumulação de efusões na pleura e diminuído as células cancerígenas, acrescenta a agência.

COOPERATIVA HABITACIONAL POPULAR DO FOGUETEIRO, SCARL CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 24.º dos Estatutos, convoco todos os Sócios desta Cooperativa para uma Assembleia Geral Ordinária, a efectuar no Centro Cultural e Recreativo do Alto do Moinho — CORROIOS, no dia 28 de Março de 1981 pelas 14.00 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Discussão e votação do relatório e contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal
- 2.º — Reestruturação da Direcção
- 3.º — Distribuição dos lotes da 1.ª fase de construção
- 4.º — Diversos.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

PING-PONG

Compra-se mesa em 2.ª mão, em bom estado. Telefone 253 34 72, depois das 20.30 h

HOSPITAL SOBRAL CID AVISO

Encontra-se aberto concurso documental para a categoria de Dietista de 2.ª classe para o Hospital Sobral Cid, conforme aviso publicado em «Diário da República» n.º 47 II Série, de 25/2/81. Os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal do Hospital em qualquer dia útil das 9.30 às 17 horas.

Coimbra e Hospital Sobral Cid, em 2 de Março de 1981.

O ADMINISTRADOR
Maria Paula Cabral

URAP — União de Resistentes Antifascistas Portugueses CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 11, n.º 2, do Regulamento anexo aos Estatutos, convocam-se os membros da URAP para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia 28 do corrente mês, pelas 15.30 horas, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, na Calçada do Duque, n.º 25, em Lisboa, com a seguinte ordem de Trabalhos:

- 1 — Apreciação e votação do relatório das actividades do ano findo.
 - 2 — Eleição dos corpos gerentes para o biénio 1981-1983.
- Se à hora indicada não estiver presente o número suficiente de associados, a Assembleia funcionará às 16.00 horas, com qualquer número.
- Todos os elementos do relatório de actividades encontram-se à disposição dos membros da URAP na sede.

Lisboa, 12 de Março de 1981
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Prof. Ruy Luís Gomes

POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

54 45 45
uma voz amiga estará contigo
Angústia Desespero Solidão

Desporto



Folha afinal é do Porto

«A minha opção está feita. Tenho um compromisso com o FC Porto, quero cumpri-lo». Assim se referiu Folha ao seu futuro no futebol português, em declarações ontem mesmo prestadas a um jornal desportivo.

O jogador afirma ainda que mesmo que o Benfica lhe oferecesse agora mais dinheiro já não voltaria atrás com a sua decisão. Na óptica do jogador e apesar do Boavista lhe proporcionar condições idênticas às do clube das Antas, Folha justifica a sua opção nos seguintes termos: «quero jogar num clube grande».

A reacção do Benfica, que como se sabe pretendia também o jogador, não se fez esperar pela voz de Gaspar Ramos que se encontra no Porto. Segundo aquele dirigente «encarnado», o Benfica irá buscar Costa se não conseguir Folha e por fim ao protocolo existente com o FC Porto.

Dirigente do Amora suspenso pela disciplina federativa

O Conselho de Disciplina da

FPF tomou posição sobre os vários actos de quebra de disciplina da parte de jogadores, dirigentes e clubes. De acordo com isso transcrevemos apenas as principais penas aplicadas: Eliminação da «Taça de Portugal» de 1 deste mês: Aquiles do Académico de Coimbra (um jogo). Carolino e Santana também do Académico (advertência). Ainda na «Taça», mas na eliminatória anterior: o Amora foi multado em 1250 escudos e o dirigente Armando de Vasconcelos suspenso por um mês.

As penas da última jornada do Nacional «maior» são as seguintes: Com um jogo de suspensão, Guedes do Varzim; Paulo Campos do Portimonense; Pedroto do Marítimo; Vítor Madeira do V. de Setúbal; Djão do Belenenses. Repreensões: Moreira do Académico de Viseu; Moinho do Espinho; Branco do Penafiel. Manuel Fernandes do Amora foi advertido.

No caso dos clubes o V. Setúbal foi multado em 2000 escudos e o Penafiel em 1500 escudos.

Natação

Portugueses em Israel

Uma selecção portuguesa de natação encontra-se já em Israel (Telavive) onde vai disputar o Campeonato Internacional de Israel, na categoria de juvenis. Constituem a selecção portu-

guesa os seguintes nadadores: Alexandra Nogueira, Paula Lamego, Paulo Azevedo, Jacob Frischknecht, Alexandre Yokochi e João Mendes dos Santos.

Monóxido leva à morte Joaquim Pita

Campo do Bencatelense fechado e cabines de arbitragem seladas

Joaquim Pita, um dos árbitros vítimas de grave intoxicação, faleceu ontem ao princípio da tarde no Hospital de S. José.

Joaquim Pita que sofreu intoxicação com monóxido de carbono, completara sábado 26 anos, dois dias depois de atingir cinco anos de arbitragem.

António Joaquim Bento Pita, juntamente com José Vieira, serviu de fiscal de linha a Diamantino Gomes no encontro do Regional de Évora entre o Bencatelense e o Arraiolense, trio que foi encontrado inanimado na cabina no final do jogo.

Inicialmente, pensou-se em intoxicação alimentar, por não existir qualquer esquentador ou botija de gás na cabina, mas o diagnóstico indicou uma intoxicação por monóxido de carbono, como ontem o «DL» já anunciava.

O trio de arbitragem, que dirigira um encontro de iniciados entre o Borbense e o Alcáçovas na manhã de domingo, almoçou vitela guisada com batatas e ervilhas num restaurante de Borba, mas mais ninguém se queixou de intoxicação.

Pita, empregado de escritório, casado e com dois filhos de dois anos e dois meses, respectivamente, foi sempre o elemento em estado mais grave, tendo entrado em estado de coma imediato. O resultado da autópsia poderá ser ainda hoje conhecido.

Gases de esgoto na origem

A morte de Joaquim Pita poderá ter sido provocada pela en-

trada de monóxido de carbono na cabina por uma fossa de dejectos, admitiu um elemento da Comissão Distrital de Árbitros de Évora.

O mesmo elemento acrescentou que a fossa, na cabina dos árbitros do campo do Bencatelense, não se encontra convenientemente vedada, suscitando-se de que tenha sido a cau-

sadora da intoxicação fatal.

A mesma fonte acrescentou que vários árbitros sofreram indisposições depois dos encontros, criando situações que nunca foram convenientemente interpretadas.

António Joaquim Bento Pita era natural do Redondo, contava 26 anos. Era casado e tinha dois filhos, residindo em Évora.



Joaquim Pita

Cabinas seladas

Os dois principais clubes de Évora manifestaram entretanto a sua disposição de apoiar iniciativas em auxílio da família do malogrado árbitro.

Dirigentes do Lusitano Ginásio Clube e do Juventude Sport Clube, ambos de Évora, revelaram ter posto à disposição do conselho de arbitragem desta cidade as suas equipas de futebol e instalações desportivas para acções de apoio económico à viúva e órfãos do juiz de jogo.

Face à forte suspeita de na origem do acidente com os árbitros se encontrar uma possível libertação de gases tóxicos de um esgoto situado perto das cabinas da arbitragem do campo do Bencatelense, o Conselho de Arbitragem de Évora determinou a interdição do recinto. Por outro lado, a GNR local selou as instalações da arbitragem, ficando na sua posse as respectivas chaves.

Agravou-se o estado

de Diamantino Gomes

«O estado de saúde de Diamantino Gomes (de 29 anos) agravou-se a noite passada, apresentando-se mais prostrado apesar de não estar em coma», revelou ao

«Diário de Lisboa», esta manhã, o chefe da Unidade de Urgência Médica do Hospital de S. José. Segundo o referido médico, não estando já em causa a hipótese de morte do árbitro Diamantino Gomes, é de recear que o seu estado de «confusão mental» seja definitivo, uma vez que já se passaram muitos dias após o acidente, a que se acrescenta agora o facto do doente voltar quase à situa-

ção em que deu entrada em S. José.

O terceiro elemento da equipa de arbitragem vítima de intoxicação por monóxido de carbono, José Vieira, de 39 anos, foi, entretanto, transferido para o Hospital Curry Cabral, por «não necessitar já de estar no S. José», como nos declarou igualmente o chefe da Unidade de Urgência. Quanto às suas hipóteses de recuperação para a vida normal, apesar de ser relativamente cedo qualquer previsão clínica, foi-nos dito que o doente «ainda está confuso e apresenta deficiência mental definitiva ou transitória».

Comité olímpico

Correia da Cunha proposto (hoje) para a presidência

Um grupo de federações desportivas vai hoje propor Correia da Cunha para a presidência do Comité Olímpico Português (COP) em oposição ao candidato da comissão restrita, Lima Belo.

A comissão restrita, eleita em plenário a 26 de Fevereiro, irá submeter a sufrágio uma lista de dez membros, para a comissão executiva do COP liderada por Lima Belo e com Fernando Machado como vice-presidente e David Sequerra como

secretário-geral.

Correia da Cunha, presidente da Federação Portuguesa de Atletismo, encabeça uma lista sob a sigla «por um comité renovado», que inclui o transitado Garcia Alvarez na vice-presidência e o cooptado Ernesto Gil Oliveira como secretário-geral e que conta com o apoio da maioria das federações olímpicas.

O plenário para a escolha da comissão executiva do COP de-

corre hoje à noite nas instalações do comité, em Lisboa.

A comissão restrita, formada por Pereira de Castro, representante do comité internacional em Portugal, Fernando Machado, David Sequerra, Cavaleiro Madeira e Celorico Moreira, concluiu na terça-feira, após uma série de reuniões, o elenco que engloba apenas três representantes das federações, em contraste com a lista de Correia da Cunha, maioritariamente federativa.

Placard

Atletas açorianos em Tróia

Oito atletas açorianos competem nos Campeonatos Nacionais de Atletismo para Iniciados, em Tróia, nos dias 21 e 22 do corrente.

Os atletas que se deslocam ao continente são Alexandra Salgueiro, Ana Paula Ferreira, Lurdes Pereira, José Botelho, Francisco Salgueiro, Manuel Madruga, Manuel Pereira e José Dias.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 30 DE 15 DE MARÇO 81

Boa Nova: 111 11X 211 1111; Cavalcada do Ritmo: 111 111 211 1122; Correio de Coimbra: 111 1X1 X1X XXX1; Correio do Vouga: 111 111 211 1121; Defesa de Espinho: 111 111 X11 X12X; Diário de Coimbra: 111 11X X11 XX11; O Distrito de Portalegre: 11X 111 211 11XX; Ecos do Cacia: 111 1XX 211 XX22; Eu Sei Tudo: 111 111 211 XXX1; Folha do Domingo: 111 111 211 1XX2; Gazeta das Caldas: 111 1XX 211 11X1; O Jornal de Felgueiras: 11X 11X 111 1XXX; O Jornal da Lixa: 11X 111 21X 1XXX; Jornal de Sintra: 11X 11X 21X 12XX; Jornal Linhas de Elvas: 111 11X X11 1X22; Litoral: 111 11X 211 1XX2; Maria da Fonte: 11X 111 X11 X12X; Notícias de Évora: 111 11X 211 1XXX; Notícias de Felgueiras: 111 1XX X11 11XX; Rádio Alti-

tude: 111 11X XX1 X212; Reconquista de Castelo Branco: 111 111 X11 X2X2; RDP/Secção Desportiva: 111 111 21X XXX1; A Voz das Beiras: 1X1 111 211 X21; RDP/Centro - Diário Desportivo: 11X 111 X11 X1X1; A Voz do Domingo: 11X 111 21X X12X; Correio da Manhã: 1X1 11X 1X1 2XXX; Grafanola Ideal: 111 XX1 X12 12X1; Jornal «O Dia»: 111 111 X1X XX11; Jornal «1X2»: 1X1 11X 22X 11X1; Diário de Lisboa: 111 111 211 2X2X; Jornal da Beira: 11X X11 21X 11X1; Jornal de Santo Tirso: 11X 111 211 1X11; O Norte Desportivo: 11X 111 21X XXX2; Notícias de Chaves: 111 111 21X XX2X; Notícias do Douro: 111 11X 2X1 12XX; Notícias de Guimarães: 111 112 2X1 12X1; Jornal a Ordem: 11X 111 X1X 12X2; A Voz de Lamego: 112 111 211 XX22;

A Voz de Palmela: 11X 11X 211 1X22; Alvo Desportivo: 111 1XX 211 X2X2; O Comércio de Leixões: 111 11X 211 2X2X; Estúdio 64: 2X1 X11 21X 2X21; Jornal de Gaia: 111 112 X11 XX21; Jornal da Graça: 112 11X 111 1XX1; Manchete Desportiva: 11X 11X 111 1X12; Penalty: 111 111 211 X1X1; O Primeiro de Janeiro: 111 11X X1X X121; Quadrante Norte: 111 111 X1X X1X1; Rádio Alvo: 11X 11X 211 1X2X; Panorama: 111 111 21X XX21; Rádio Placard: 111 111 111 1111; Repórter do Dia: 111 111 211 X122; Resenha Desportiva: 11X 11X 2X1 X121; A Voz dos Ridículos: 11X 1X2 XX1 X111; Jornal o Porto: 112 11X X11 1X11; Jornal a Voz do Ave: 1X2 111 211 XXXX; Rádio Alvo: 11X 1XX X1X X122; Estrela da Manhã: 11X 111 211 11XX.

	R	E	S	U	M	O	B	O	L	A	A
	1	X	2								a)
1. PENAFIEL - AMORA	56	1	1					10	1	1	
2. PORTIMONENSE - ACADÉMICO	54	4	0					11	1	1	
3. BENFICA - PORTO	35	19	4					7	4	1	
4. BRAGA - A. VISEU	55	3	0					11	1	1	
5. VARZIM - MARÍTIMO	50	8	0					10	2	1	
6. BOAVISTA - GUIMARÃES	32	23	3					7	4	1	
7. ESPINHO - SPORTING	4	19	35					1	5	6	
8. SETÚBAL - BELENENSES	51	6	1					10	1	1	
9. P. FERREIRA - CHAVES	41	16	1					8	3	1	
10. NAZARENOS - ÁGUEDA	28	26	4					6	5	1	
11. OLIVEIRENSE - BEIRA - MAR	21	29	8					4	8	2	
12. ODIVELAS - MONTIJO	9	28	21					2	6	4	
13. SILVES - PARENSE	26	17	15					5	4	3	

a) - Nos termos do Art.º 149 do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 111 211 1XX1

Ruy Guerra em Portugal

Ruy Guerra pensa realizar uma longametragem em Portugal ainda este ano e uma retrospectiva da sua obra está programada para Abril/Maio próximos no S. Luiz - revelou o próprio à ANOP.

O cineasta veio a Lisboa para estudar um protocolo de cooperação entre o Instituto Português de Cinema e o seu congénere moçambicano.

Guerra foi, com Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha, uma das figuras de ponta do cinema novo brasileiro, na década de sessenta, e após a independência de Moçambique tem dividido a sua actividade entre Maputo e o Rio de Janeiro.

«Tenho duas ou três ideias para o filme que vou fazer aqui, mas não posso adiantar pormenores» - disse.

Acrescentou que a produção receberá contributo do Instituto Português de Cinema.

A retrospectiva programada inclui os principais filmes do autor, nomeadamente «Cafajestes», «Fuzis», «Deuses e Mortes», «A Queda» e «Mueda», este último uma longametragem realizada em 1979 em Moçambique e que tem sido apresentada em vários festivais.

As bases do protocolo estudado pelo cineasta em Lisboa prevêem a ida de técnicos para Moçambique, co-produções e

uma Semana de Cinema Português em Maputo para o segundo semestre deste ano.

Ruy Guerra partiu ontem para o Rio de Janeiro, onde vai realizar um filme sobre uma novela do escritor brasileiro Ruben Tavares.

Interrogado acerca do percurso dos cineastas que fizeram o «cinema novo» do Brasil, disse que cada um seguiu a sua via e que o movimento se dissolveu «estrangulado pelas malhas da censura» e por razões económicas.

«O Brasil é um país em crise - considerou - a braços com uma inflação anual superior a 100 por cento, segundo as estatísticas oficiais».

Entende que a produção cinematográfica não comercial conseguiu uma corrente de público muito grande mas que os circuitos de distribuição e exibição vivem sob controlo das multinacionais do cinema norte-americano, facto que congela o trabalho dos realizadores independentes.

Sobre a cinematografia moçambicana, Ruy Guerra disse que se vive uma fase de criação de estruturas e de técnicos, e que a sua longa metragem «Mueda» é o único filme de fundo produzido após a independência.

Seminário na Sorbonne sobre Portugal no século XIX

A situação ideológica, política e cultural portuguesa no fim do século XIX é o tema de um seminário organizado pela Embaixada de Portugal e o Instituto de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos da Universidade da Sorbonne.

O seminário, que começa hoje na capital francesa e termina no sábado, conta com a presença de Albert Bourdon, Liberto Cruz,

José Augusto-França, Eduardo Lourenço, Oliveira Marques, Pierre Rivas e Joel Serrão.

José António Valdelomar, protagonista do último filme do realizador Carlos Saura, «Depressa, Depressa», foi preso ontem, depois de ter assaltado um Banco em Madrid - revelou a Polícia espanhola.

O filme de Carlos Saura ganhou recentemente o «Urso de Ouro» do Festival de Berlim e é uma obra que trata da delinquência juvenil e alguns dos principais protagonistas são verdadeiros marginais na vida real.

Terminaram as filmagens de 'O Canto da Sereia' de Noémio Delgado

Terminaram as filmagens do quinto filme da série «Contos Fantásticos» realizada por Noémia Delgado para a RTP, «O Canto da Sereia», inspirado num conto de Júlio Diniz.

As filmagens foram efectuadas na Aldeia do Meco (exterior) e na Ala do Santo Condestável (interiores).

Na equipa técnica de «O Canto da Sereia» encontramos os nomes de João Abel (direcção de fotografia), Alexandre D. O'Neil (assistente de imagem), Carlos Alberto (direcção de som), Filipe Santos (assistente de som), Pompeu Mourato (chefe eléctrico) e João Beato (assistente de cena. João Franco e Antónia

Protagonista de «Depressa, depressa», de Saura

Actor espanhol assalta banco

José António Valdelomar, 24 anos, juntamente com Sola Tellez, 23, assaltaram o Banco de Vizcaya, na zona central de Madrid.

Os dois estavam armados com pistolas e tinham os rostos cobertos com meias de nylon. O assalto tinha rendido cerca de dois mil dólares (aproximadamente 110 mil escudos).

Após roubarem um táxi estacionado à porta do Banco, os dois assaltantes embateram

com o automóvel num semáforo, o que facilitou a acção da Polícia.

Entre os vários objectos que Valdelomar trazia estava o seu contrato cinematográfico, que o tornou famoso em todos os «écrans» de Espanha.

O realizador Carlos Saura e o produtor Elias Querejeta, do filme «Depressa, Depressa», ficaram surpreendidos com a atitude e detenção do principal protagonista da película.

O comportamento de José An-

tónio Valdelomar durante a rodagem do filme foi exemplar em todos os aspectos - declarou Elias Querejeta.

«Mesmo em Berlim, tanto durante o Festival de Cinema, como na conferência de Imprensa, ele sempre se comportou exemplarmente» - sublinhou o produtor.

O realizador Carlos Saura declinou fazer quaisquer declarações, sem possuir mais dados sobre o assalto.



Adelaide João numa cena do filme

Seabra encarregaram-se da produção.

Actores principais: João Guedes, Adelaide João e Dino Luz.

Actores secundários: Adérito Lopes, Amaral, Arménio Gomes, Manuel Duarte, Manuel Maria (Nini) Pedro Seabra, Piconé, Rui Torres, Rita Cardoso Pires e Sofia Lopes Alves.

II Concurso Nacional de Composição da Oficina Musical

A Oficina Musical, núcleo da Escola de Música do Porto para estudo e divulgação da música do século XX, sob a direcção artística de Álvaro Salazar e Madalena Soveral, vai promover o II Concurso Nacional de Composição.

O prémio único a atribuir, no montante de 35 contos (Prémio Calouste Gulbenkian) é indivisível. Podem participar todos os compositores portugueses, sem limite de idade, e exige-se às obras concorrentes que sejam rigorosamente inéditas e assim se mantenham até 30 dias após a publicação dos resultados do concurso.

As obras deverão integrar-se na categoria de música de câmara, de carácter concertante ou não, composta para um conjunto constituído basicamente por flauta, clarinete, violino, viola, violoncelo, piano e percussão (um executante). A sua duração terá de situar-se entre os limites mínimo e máximo de 10 e 25 minutos.

Os compositores poderão fazer-se representar pelo número de obras que desejarem e é-lhes permitido acrescentar ao instrumental mencionado quaisquer outros instrumentos, desde que o conjunto não exceda 15 executantes.

Cada partitura, que não conterá, sob pena de exclusão, quaisquer elementos de identificação além do pseudónimo do autor na página inicial, deverá ser enviada em triplicado para: Direcção Artística da Oficina Musical, Rua do Campo Alegre, n.º 635, Porto.

Acompanhará aquele envio um sobrescrito lacrado, com a indicação exterior do pseudónimo escolhido, no qual se contenham os elementos suficientes à identificação do autor.

O júri, constituído pelos compositores Constança Capdeville, Luís Filipe Pires e Jorge Peixinho, que entre si escolherão o presidente, tornará público o seu veredicto até ao final do mês de Janeiro de 1982.

Rua Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia

**NÃO SE PAGA!
NÃO SE PAGA!**
de
Dario Fo

3.º MÊS
TODOS OS DIAS
ÀS 21.30
DOM. ÀS 7.00
SEGUNDA DESCANSO

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

O DOULEUR FRANCISCO ANTONIO DAS NEVES E SILVA PEREIRA: Mm.º Juiz de Direito, o 3.º Juiz de Aveiro.

FAZ SABER que pela 1.ª secção do 3.º Juiz do Tribunal Judicial de Aveiro, correm editos de 30 dias, citando a Re.ª - L. Gradinho, L.d.ª, sociedade por quotas que teve a sua sede no Bairro de Nossa Senhora das Oliveiras, n.º 91-A, em Samora Correia, Benavente, para no prazo de 20 dias, posterior aos dos editos, contados a partir da segunda e última publicação do anúncio, contestar, querendo, o pedido formulado nos autos de acção ordinária que lhe move a HeliFlex Portuguesa (Tubos Flexíveis), L.d.ª, com sede na Estrada da Mota, em Ilhavo, e que consiste em ser condenada a pagar a autora a quantia de 444.337\$40, juros e incursos desde a citação, custas do processo e procuradoria.

Aveiro, 24 de Fevereiro de 1981

O Juiz de Direito,
a) Francisco Antonio das Neves e Silva Pereira
O Escrivão Judicial,
b) Manuel Augusto Neves Teixeira

PORQUE SERÁ QUE QUANDO SE FALA EM "VIRGEM" NINGUÉM SE LEMBRA DOS RAPAZES?

JACQUELINE BISSET

ANNA E OS ADOLESCENTES

Wes Stern Rick Kelman Wink Roberts

SÃO JORGE

HOJE ÀS 21.30 ESTREIA

UM TEMA ACTUAL NUM FILME APAIXONANTE

James Neilson

COLORIDO

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

TEATRO do MUNDO

COGUMELOS

NO TEATRO VASCO SANTANA

todos os dias às 21.30
dom. às 18.00
sub sec

dir. Jorge Mastopad

SEGUNDA-FEIRA HÁ ESPECTÁCULO ÀS 21.30!!!

UM GRANDE FILME DE GUERRA!
UMA PRODUÇÃO DE NÍVEL EXCEPCIONAL!

o último herói do APOCALIPSE

Depois de «APOCALYPSE NOW» e «O CAÇADOR» eis a nova grande epopeia da guerra do Vietnam

DAVID WARBECK · TISA FARROW · TONY KING · BOBBY RHODES · MARGI EVELINE NEWTON

COM A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE **JOHN STEINER** REALIZAÇÃO DE **ANTHONY M. DAWSON**

Mundial Filmes

HOJE ESTREIA

Não acons. a men. de 18 anos

EM DOIS CINEMAS

POXY e **POLITEAMA**

CINEMATECA PORTUGUESA ENCERRAMENTO TEMPORÁRIO DOS SERVIÇOS DE LEITURA

Para efeitos de mudança dos seus serviços, para as novas instalações da Rua Barata Salgueiro, n.º 39, encontram-se temporariamente encerradas a Biblioteca e a Sala de Leitura da Cinemateca Portuguesa.

Oportunamente, indicar-se-á a data de reabertura.

Era bom que fosse apenas um pesadelo...

O assassino pode estar na porta ao lado ou na rua atrás de si



Você irá ver este filme uma vez mas segunda não vai concerteza

SEXTA-FEIRA 13

Um filme de SEAN S. CUNNINGHAM
FRIDAY THE 13TH com BETSY PALMER
ADRIENNE KING • HARRY CROSBY

Produção e Realização de SEAN S. CUNNINGHAM

A GEORGETOWN PRODUCTIONS, INC. PRESENTATION

ESTREIA SIMULTANEA EM LISBOA E PORTO

BATALHA
PORTO

ESTREIA
AMANHÃ ÀS 21.30

IMPÉRIO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

Que pode fazer um homem em Londres, Paris, Los Angeles ou Roma quando fica «solteiro» por 48 horas e está de boa saúde? Eles explicam...

**GRANDE
EXITO!**



ROGER MOORE
O INGLÊS



LINO VENTURA
O FRANCÊS



GENE WILDER
O AMERICANO



UGO TOGNAZZI
O ITALIANO

OS CONQUISTADORES DE DOMINGO

(SUNDAY LOVERS)

UMA PRODUÇÃO DE ALTO NÍVEL

4 grandes realizadores

BRYAN FORBES • EDOUARD MOLINARO
DINO RISI • GENE WILDER

LYNN REDGRAVE • CATHERINE SALVIAT
ATHLEEN QUINLAN • PRISCILLA BARNES

4.ª SEMANA

Não ac. men. 13 anos

MUNDIAL FILMES

VOX



Evite o encandeamento.

Vele pela sua segurança

e pela dos outros.

circular e viver.



FINALMENTE... o CAFE-TEATRO da COMUNA

DEIXO'S POISAR**

lotações esgotadas * um espectáculo... diferente

* MUSICA AMBIENTE E DE DANÇA * UM ESPAÇO NOVO DE CONVÍVIO *

SERVICO BAR-RESTAURANTE A PARTIR DAS 20 H • MARCAÇÕES TEL. 76 26 24

QUINTA-FEIRA AS 22 H

SEXTA-FEIRA AS 23 H

SABADO AS 24 H

ARMAZÉNS DO CHIADO

Apresentam

**O ESPECTACULAR
LIQUIDACÃO DE
TODA A EXISTÊNCIA**

um espectáculo de rara qualidade
onde só os preços são baixos

ARMAZÉNS DO CHIADO
a tradição renovada

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

JOSÉ JOAQUIM ROSA DOS RAMOS
AJUDANTE DESTA CARTÓRIO

CERTIFICO

para efeitos de publicação que por escritura de vinte e três de Janeiro de mil novecentos e oitenta e um lavrada de folhas sessenta e cinco a sessenta e oito verso do livro de notas Cinquenta-G deste Cartório, Joaquim Filipe Lamego Nazaré, Ernesto dos Anjos Mendonça Antunes, Gertrudes Maria Canelas Vitorino, Armindo Joaquim da Fonseca, Norberto da Costa Barroso Silvério e Emílio Almeida Ferreira Mano, únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada Exportagus-Importação Exportação, Limitada, com sede nesta cidade aumentaram o capital social de 750 000\$00 para 1 500 000\$00, sendo a importância do aumento, no montante de 750 000\$00, inteiramente realizada em dinheiro, que já deu entrada na caixa social e subscrita por Ernesto dos Anjos Mendonça Antunes, Gertrudes Maria Canelas Vitorino e Armindo Joaquim da Fonseca, que subscreveram cada um deles uma quota de 250 000\$00 com a qual entraram para a sociedade e nela foram admitidos como sócios. Pela mesma escritura foi substituída a redacção dos artigos 1.º e 4.º e corpo do 7.º a qual ficou a reger-se pelo constante da presente fotocópia. Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial, três de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e um.

ARTIGO PRIMEIRO:

A sociedade continua a adoptar a denominação EXPORTAGUS-IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO, LIMITADA, passa a ter a sede na Rua Doutor Oliveira Ramos, número trinta e oito-A, em Lisboa, durará por tempo indeterminado e conta o seu início desde o dia um de Outubro de mil novecentos e setenta e nove, data da sua constituição.

ARTIGO QUARTO:

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escritura social, é de um milhão e quinhentos mil escudos, correspondendo à soma de seis quotas do valor nominal de duzentos e cinquenta mil escudos cada, pertencentes uma a cada sócio.

ARTIGO SÉTIMO:

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo de todos os sócios, desde já nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

Canal da crítica

Mário Castrim

"Pinochet, presidente constitucional..."

A **Enaida**. Pois claro que é importante conhecer a **Enaida**. Claro que é importante conhecê-la não apenas entre estudantes e professores (citados por Yvette Centeno), mas entre todas as pessoas que prezem sua cultura.

Não foi isso que se procurou fazer ontem na rubrica «Autores Portugueses». Não se acendeu o interesse pelo livro. Enveredou-se uma vez mais pelo caminho da erudição, que, na TV, é farmacopeia errada. Aquilo é anti-têve. Adão acabou com o paraíso porque o paraíso era chato. O que é chato não cobra direitos. Justino Mendes de Almeida não tem culpa. Ele perceberá mesmo é de latim, de TV não lhe compete. A outrem competiria definir o rumo, disciplinar a emissão. Não se fez, pronto: a chate mestra. Yvette ensonada, um ar de mártir, a procurar fazer a agulha? Demasiado tarde. Também

ali o imprevisto tem de ser estudado.

Televisão não é chatice e também não é monólogo. Não é aquilo que Cesário Borge fez no **Telejornal**, a propósito da generosa tráfalhe do vinho do Porto. Ele contou, em vez de mostrar. Fez discurso indirecto. Não resulta. Notícia em TV não é propriamente conversa de café. Ignoro, claro, os meios que foram ou não foram colocados à sua disposição. Se foram poucos, é pena. Pelo menos aqui, o fim justificava os meios.

Já que falo do **Telejornal** (a nojice máxima da RTP) importa não esquecer o seu comportamento face à situação no Chile. Empregar aqui a palavra **repugnante** é ser ainda benevolente.

Ali, tomaram a sério a Constituição pinochetiana! Deram reportagem do carnaval fascista, com o ar mais acrílico do mundo. Nem uma palavra para esclare-

cer sobre as condições da menra do referendo. «Pinochet jurou a nova Constituição» e pronto, adeusinho. Lançam ainda a benção de uma hipotética «sensível melhoria económica». E que o presidente «recebeu poderes para limitar o direito de reunião e a liberdade de Informação...» Santo Deus, que linguagem ridícula! Percebo agora por que Deus não deu fala aos porcos: foi para não os tornar ridículos. Como é que se pode limitar o que, no mais mínimo, já não existe?

Pois, agora, o leitor tape o nariz com um lenço. Aperte bem. Agora o oíça o **Telejornal**: «Pinochet foi recebido em ambiente festivo no Palácio de La Moneda. Nesse palácio em 1973, morreu Salvador Allende, durante a acção militar que derrubou o seu Governo.»

Não se trata de uma notícia: trata-se de uma provocação. Não é uma referência: é um vómito. Imaginem, a «festa» de Pinochet no mesmo local onde se praticou um dos crimes mais sujos da História da humanidade!

Telejornal, o porco das oito e meia. Até quando? Ai madre mia!

USA's podridão

Carter jogou forte na carta viada dos «direitos humanos». Reagan segue no mesmo trilho. Por coerência, levanta o embargo económico e militar ao Pinochet, quer dizer, levanta uma coisa que na prática nunca existiu...

O que acontece é que os políticos americanos, a propaganda americana, dizem uma coisa, mas depois vai-se a ver e a realidade é bem diferente.

O filme de ontem intitulava-se «Raparigas de Escritório». Contava-nos a vida atribulada de quatro americanas numa empresa.

Era um reflexo não crítico da sociedade dos Estados Unidos. Não se tratava de um filme **contra**: era uma espécie de espelho de certo clima, de certa mentalidade, de certa estrutura. Era, também, uma enorme sementeira de confusão e de desorientação. Coda final: ou se luta, ou se foge. Para onde, é que não dizem. Haverá alguma Pasárgada no Texas?

As mulheres, se querem mudar de situação, têm de se prostituir. Um diálogo:

A empregada: Precisa de mais alguma coisa de mim?

O patrão: Sim, mas quando estivermos sózinhos.

Algumas frases: «A minha empresa vai ser a quarta maravilha da América, depois do hambúrguer de queijo, da Constituição e da Raquel Welsh». «Chateia-te que eu tenha dormido com montes de homens?», «O amor não passa de um negócio como outro qualquer». «A vida é uma guerra, todos temos inimigos que nos querem destruir a todo o momento». «Claro que dormi com ele. Não foi amor: foi trabalho». «Pago o meu lugar no mundo e que se lixe o preço». «Mais vale ser pega que frustrada.»

Esta é a filosofia da sociedade americana. Uma sociedade podre. Com um presidente a quem a RTP chama «líder do mundo ocidental»...

Deixo aos meus leitores o cuidado de tirar as conclusões quanto ao modelo de vida que nos querem impor.

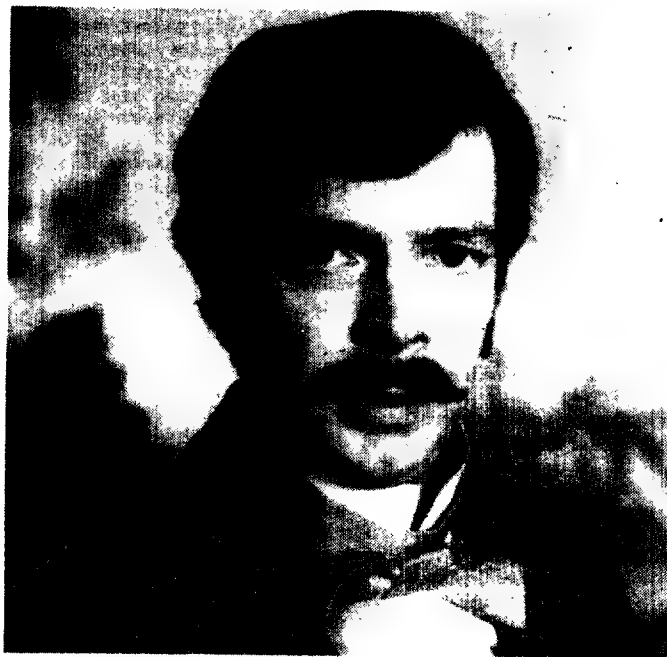


J. MARQUES

Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuais e colectivas

Tel. 573559 - 577706

Hoje



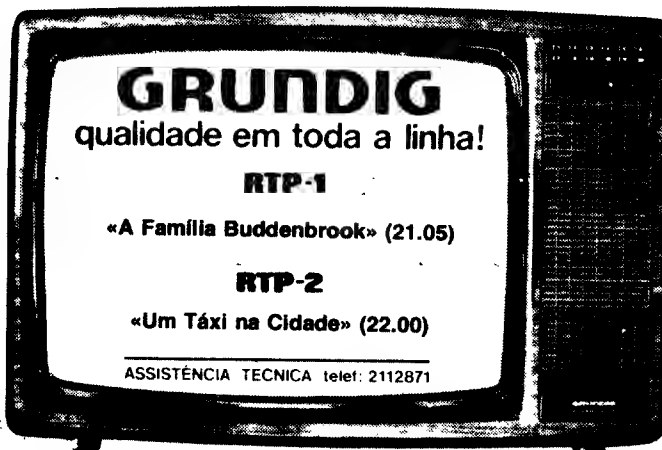
«A Família Buddenbrook», 6.º episódio



- 18.27 Tempo dos Mais Novos
- 19.00 País, País
- 19.20 Res-Pública
- 19.45 «Água Viva»
- 20.30 Telejornal
- 21.00 O Tempo
- 21.05 «A Família Buddenbrook» - 6.º episódio.
- 22.00 Bancada de Topo
- 22.55 Últimas Notícias



- 20.30 Informação/2
- 21.00 Animação - «Tom e Jerry Superespiões».
- 21.25 Harold Lloyd
- 22.00 «Um Táxi na Cidade» - 2.º episódio.



Amanhã



13.20 Ciclo Preparatório; 18.22 Sumário; 18.27 Tempo dos Mais Novos; 19.00 País, País; 19.20 Repensar a Escola; 19.45 «Água Viva»; 20.30 Telejornal; 21.00 O Tempo; 21.05 «Restos do Passado»; 22.00 1.ª Página; 22.55 Últimas Notícias.



20.30 Informação/2; 21.00 «Ilusão Cênica» - 1.º episódio; 21.30 Programa Musical; 22.00 «Romance» - 2.º episódio.

GRUPO DE CAMPOLIDE
QUE FAREI COM ESTE LIVRO
de J. SARINAGIO
ESTREIA DIA 13 DE MARÇO
NO TEATRO DA
TRINDADE

SUBSEC. CMA

ABRIL
LIVRARIA
ABRIL

Ponto de encontro
dos autores com o público
13 de Março às 18 horas

Garcia Barreto
apresentará o seu livro

A Malta da Rua dos Plátanos
«Editorial Caminho»

ABRIL
LIVRARIA
ABRIL
uma das
POPULARES LIVRARIAS

Av. Cardoso Lopes, 3,
loja esq. - Amadora

**2 RODAS 2 vezes
mais atenção!**

Nunca circule aos zigue-zagues
defenda a sua vida
e a dos outros.



PUB



**SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS
DO DISTRITO DE LISBOA**

Avenida Visconde de Valmor, 34 - Telef. 770066
LISBOA

**ATRIBUIÇÃO DE LICENÇAS DE ALUGUER
PARA VEÍCULOS LIGEIROS DE PASSAGEIROS
NO CONCELHO DA AMADORA**

INFORMAÇÃO

informam-se todos os associados deste Sindicato, que está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, com início em 6 de Março de 1981, para atribuição de 30 licenças de aluguer para veículos de passageiros, para este concelho.

Para informações mais detalhadas, os interessados deverão passar pela sede do Sindicato, sita na Avenida Visconde de Valmor, 34-1.º em Lisboa, dentro das horas de expediente (9.00 às 13.00 e das 14.00 às 18.00 horas).

Lisboa, 11 de Março de 1981

A Direcção
José Lopes Alves

ALGARVE

TERRENOS
RUSTICOS

Perto da praia, junto
à Estrada Nacional,
água e luz. Desde
70 000\$00. Telefone 94
11 13 (horas de expediente).

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença
para exploração em Portugal das
patentes de invenção:

N.º 55 845 para «processo de
preparação de alquil hexametil-
natiolcarbamatos».

N.º 60 684 para «processo para
composições de herbicida e anti-
doto com oxazolidinas e tiazolidi-
nas substituídas».

Trata: Clarke, Modet & C.ª Lda.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

ROTEIRO CULTURAL

Cinema

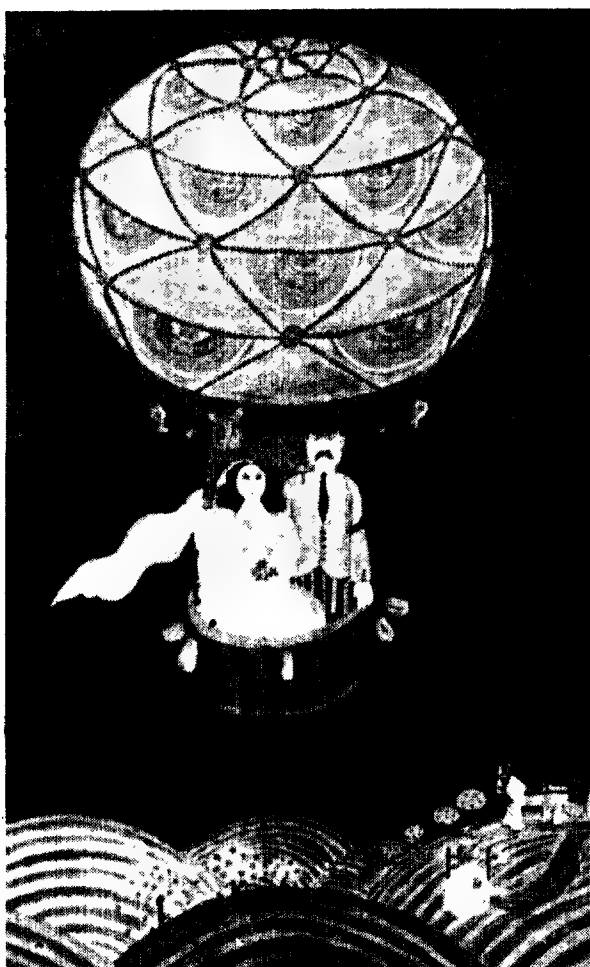
«A Caravana Gloriosa» e «o Homem da Maratona» no AR.CO. Com a apresentação, hoje, de «A Caravana Gloriosa», de James Cruze, prosseguem as sessões de cinema programadas pelo AR.CO para o corrente mês. Produzido e dirigido por James Cruze em 1923, o filme «A Caravana Gloriosa» (The Covered Wagon) baseia-se numa novela de Emerson Hough, adaptada por Jack Cunningham. Este «Western» — um verdadeiro clássico do género, tem como principais intérpretes Jack Warren Kerrigan, Lois Wilson, Alan Hale e Charles Ogle. Nas sessões seguintes, amanhã e depois, o AR.CO exhibe «O Homem da Maratona», de John Schlesinger. Esta obra proporciona a Dustin Hoffman uma das melhores interpretações de toda a sua carreira, contracenando com Laurence Olivier, Roy Scheider, William Devane e Marthe Keller, designadamente. «O Homem da Maratona», lembre-se, baseia-se no romance homónimo de William Goldman e foi produzido em 1976 por Robert Evans e Sidney Beckerman. Como habitualmente, as sessões iniciam-se às 21,45.

Prossegue hoje, às 21,30, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, o Grande Ciclo de Cinema Alemão. Filmes programados: «O Anjo Azul», de Josef von Sternberg e «Adolf e Marlene», de Ulli Lommel. Dois filmes imprescindíveis no roteiro de qualquer cinéfilo que se preze.

«What's New Pussy Cat?» e «Only Two Can Play» hoje à tarde no Instituto Britânico. «What's New Pussy Cat?», com Peter Sellers, Peter O'Toole e Romy Schneider, será exibido às 15 horas. Por seu turno, «Only Two Can Play», com Peter Sellers, Mai Zetterling, Virginia Maskell, Richard Attenborough e Kenneth Griffith, será exibido às 17,30.

Música

Duos e solos de José Eduardo e José Martins no Hot Clube de Portugal. Hoje, amanhã e depois, às 22,30, José Eduardo (contrabaixo) e José Martins (bateria), dois músicos de jazz soberbamente conhecidos por quem se interessa, em Portugal, pela música de Jazz, «desmultiplicar-se-ão» no Hot Clube: com efeito, en-



Uma obra de Ló exposta a partir de amanhã na Galeria «DN»

quanto o primeiro tocará contrabaixo, piano, percussões, gaitas e mais o que estiver à mão, o segundo estará na bateria, no vibrafone, nas percussões, piano, baixo-eléctrico, gaitas e o que hou-

ver por ali. Uma experiência aliciante.

Música ao fim da tarde na Igreja da Encarnação. Hoje, às 19 horas, o Coro do Colégio Militar e o Coro de Câmara do Conservatório Na-

cional exibem-se na Igreja da Encarnação.

Livro

Encerra amanhã, na Cantina Velha da Cidade Universitária, a 3.ª Feira Universitária do Livro, organizada pela Cooperativa Arma-Crítica. Até amanhã, pois, poder-se-á encontrar na Cantina Velha uma grande variedade de livros e outras publicações, com descontos que variam entre os 15 e os 20 por cento.

Teatro

No âmbito das actividades culturais do Município de Lisboa, o Grupo «Sol e Dó» realiza amanhã, pelas 14 horas, no Palácio Galveias, um espectáculo de Teatro para crianças.

«O Artilheiro», peça de Júlio Valarinho, distinguida em 1979 com o prémio do concurso de originais da Secretaria de Estado da Cultura, será lida esta

tarde, às 18,30, na Sociedade Portuguesa dos Autores. A apresentação da peça será feita por Fernando Dacosta.

Exposições

Será inaugurada amanhã, às 18 horas, na Galeria do «Diário de Notícias», uma exposição de pintura do artista Ló. De acordo com a opinião de Adriano de Gusmão, «avivacidade da cor, verdadeiramente irradiante, é a tônica imediata das pinturas de Ló, que de mais traduzem uma visão poética muito pessoal do seu mundo imaginário». De Ló disse ainda Eugénio Lisboa:

«... toda esta pintura nos traz uma sugestão, uma quase doce pressão, de frescura, de começo, de iniciação de novo, de aproximação de nudez lustral, de pureza, de clandestinidade sem pecado, servida por um olhar que virtualmente nos arrebatava, quase diria: nos rapta! (Claude Roy: «O olhar arrisca-se sempre a ser um rapto»). O de Ló corre esse risco, dia a dia».

Decorre nos Paços de Concelho de Arraiolos, e até ao próximo dia 23, uma exposição fotográfica, a preto e branco, da autoria de António José Salvação.

A fotomontagem crítica é o tema desta exposição.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	52310	57810	
ALEMANHA FED. (marco)	26650	27560	
AUSTRIA (xelim)	3865	3885	
BELGICA (franco)	18550	18650	
BRASIL (cruzeiro)	706	956	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	48440	48540	
(notas de 5 a 1000)	48490	48590	
DINAMARCA (coroa)	8440	8580	
ESPAÑA (peseta)	3618	3718	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	55870	57870	
(notas de 5 a 1000)	56320	58320	
FINLÂNDIA (marka)	13375	14335	
FRANÇA (franco)	11320	11380	
HOLANDA (florin)	23390	24390	
INGLATERRA (libra)	124580	128580	
IRLÂNDIA (libra)	97300	101300	
ITALIA (lira)	3050	3060	
JAPÃO (iene)	3245	3275	
NORUEGA (coroa)	10335	10385	
SUECIA (coroa)	12310	12370	
SUIÇA (franco)	29300	30310	
VENEZUELA (bolivar)	11330	12330	

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR
TURISMO VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

ANTENA 1
16.00: Noticiário Intercalar - «Sem Margem» - Cinema; 17.00: Noticiário Intercalar - Ciclo Musical; 18.00: Noticiário Intercalar; - Forma e energia; 18.45: RDP-Regiões; 19.00: - Títulos do Jornal - Repensar a escola - Programa do MEC (quinzenal); 20.00: «Enquanto os outros Vêem TV» - Jazz; 21.00: Noticiário Intercalar - Folhetim (1.ª emissão); «Livre e Directo» - Programa do Núcleo de Programas Desportivos; 22.00: Noticiário Intercalar; 23.00: Títulos do Jornal; 24.00: Disco Tempo; 02.00: Madrugada da RDP - Centro.

Programa 2
15.50: Momento de poesia; 16.00: Intercâmbio musical: Temporada de concertos de 1979/80 da Rádio Sudoeste da Alemanha - gravações cedidas por aquela emissora alemã. Parte de um concerto preenchido com obras de Gyorgy Ligeti e Luciano Berio, pela Orquestra Sinfónica da Rádio Sudoeste da Alemanha, Baden-Baden; 16.43: Música sinfónica de Rachmaninoff; 18.05: Música de câmara de Mosart e Ravel; 19.00: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20.00: Suite «Háry János», de Kodaly, pela Orquestra de Concertgebouw de Amsterdão

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)
17.03: TNT (Todos no Top); 18.00: SH - Jornal; 18.08: Hora de ponta; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Diversos; 21.03: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.03: Quando o telefone toca (3.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.15: Mensagens bíblicas; 22.31: Diálogo; 23.00: SH - Jornal; 23.08: 24.ª Hora

RC-FM-Estêro (97,4 MHz)
16.03: Rock em Stock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolls Rock; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café Concerto; 23.00: SH - Jornal.

Rádio Renascença
16.00: Aqui e Agora; 17.00: Jornal da Mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço (Basílica dos Mártires); 19.00: Programa da LAR; 19.30: Noticiário (com nota de abertura e revista de imprensa); 20.00: 60 minutos; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida (curso de cultura religiosa); 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Programa cultural; 22.50: Curso de Inglês - BBC; 23.00: Meta final; 23.55: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 976

HORIZONTAIS

- Negativa. Tempo do verbo haver. Apaga.
- Terminar. Nome de letra (pl).
- Tempo do verbo ver. Seguir.
- Ergues em moirão. Prasiódimo (sq).
- Nota musical. Pronome relativo.
- Xaile das mulheres índias e pareses. Rio de França.
- Érbio. (sq). Pega. Terceiro.
- Definhado. Melhor.
- Uma das encarnações de Vixnu, na mitologia hindu. Basta.
- Hora canónica correspondente às quinze horas. Pernada de uma árvore.
- Adicionas. Rezo.

VERTICAIS

- Romance de Emílio Zola. Período de sete dias seguidos.
- Actínio (sq). Dera mios.
- Rio dos Estados Unidos. Grandes.
- Matizara.
- Cidade e porto de França. Adicionam.
- Cantiga. Autores. Pedra de altar.
- Carta de jogar. Reis.
- Preposição. Fazenda.
- Amónio (sq). Genuíno.
- Mercado. Cento e um em romano (inv). Crómio (sq).
- Membro de ave. Vê. Diz-se do, ou vento quente e abafado que sopra do sul.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8936

HORIZONTAIS:

- Forma apocópica e proclítica de vale. Caule de nós salientes e folhas ivaginantés, como nas plantas gramíneas.
- Suavizaras (fig). Abreviatura que se usa em música.
- O mesmo que ion. Progenitor.
- Ilha do Pequeno Belt. O mesmo que açaqueiro e outras palmeiras.
- Escarneças. Casebre.
- Carta de jogar. Estacionar.
- Alteza Real. Equipei. Cobalto (sq).
- O lado do vento (inv). Amónio (sq). Prasiódimo (sq).
- Azido. Rebolaia.
- Pingos. Lago da Finlândia.
- Espádua. Pronome pessoal. Empreguem.

VERTICAIS:

- Atravessar. Carícia.
- Preposição latina que designa movimento. Gemer. Preposição.
- Libras esterlinas. Nascimento dum astro.
- Grande desordem. O mesmo que aleia.
- Animal doméstico. Prasiódimo (sq). Samário (sq).
- Sufixo que designa estado. Cair à cama.
- Racharemos.
- Manuscrito. Guarnecei de asas Acrescentando uma consoante é reino da Federação Indochinês, a O. do Vietname.
- Mais mal. Progenitores.
- Preposição e artigo (inv). Pecado.
- Sumptuosos. Figura que simboliza o povo americano.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 975

HORIZONTAIS:

- HOMEM. Óstia.
- Operas. Airô.
- Raras. Tia.
- Crer.
- Canã. Uai!
- Corara. Lio.
- Ura. Andai.
- Ma. Id. Doe.
- Piara. Vaiar.
- Casse. Aia.
- Emas. Aramos.

VERTICAIS:

- Hora. CUMPRE.
- Ópa. Cora.
- Mercara. Aca.
- Era. Na. Irás.
- Mascaradas.
- An. Sa.
- O. TEU. DEVER.
- Saira.
- Tia. Iliam.
- Ir. Caio.
- Aos. Coseras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8935

HORIZONTAIS:

- Lagos. Bobos.
- Isola. Abate.
- Sia. Ligaram.
- Ti. Amio.
- As. Suara.
- Rosna. Ter.
- Perseu. Saba.
- Amo. Sanam.
- Lordes. Mat.
- Ms. Ases.
- Ir. Caio.
- Recal. Ri.

VERTICAIS:

- Lista. Palma.
- Asilaremos.
- Goa. Soror.
- Lo. SS. Doe.
- Salmonete.
- Il. Au. Sua.
- Bagos.
- Oba. Sama.
- Orbatanas.
- Ota. Rebatar.
- Semearam. Si.

Tiragem média diária do mês anterior: 48.364 exs.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal continental o céu estava em geral muito nublado, o vento era fraco do quadrante oeste e havia neblina ou nevoeiro.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 horas

Viana do Castelo	14°
Bragança	11°
Vila Real	12°
Porto	13°
P. Douradas	6°
Coimbra	14°
C. Carvoeiro	14°
Portalegre	13°
Lisboa	15°
Évora	14°
Sines	12°
Beja	15°
Sagres	15°
Faro	17°
P. Delgada	14°
Funchal	17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.29 3,7 m 0.47 1,3 m	
19.59 3,6 m 13.18 1,4 m	
Dia 13	
8.38 3,5 m 1.56 1,5 m	
21.15 3,4 m 14.31 1,7 m	
Dia 14	
10.04 3,3 m 3.26 1,7 m	
22.44 3,4 m 16.02 1,8 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco do quadrante oeste; possibilidade de chuviscos nas regiões do litoral norte e centro; neblina ou nevoeiro, especialmente durante a madrugada e manhã.

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.51
OCASO ÀS 18.42

DIA 13 DIA 20 DIA 28 DIA 4

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

GUERRA - Rua Andrade 32-36 (Tel. 845513); **ALCANTARA** - Av. da República 74A (Tel. 771379); **CORTEZ** - Rua São Nicolau 93 (325378); **ZIRA** - Pç. Casas Novas Lt. 66 (Tel. 311216); **BELEM** - Rua Tristão Vaz 10A (Tel. 612248); **GASPARINHO** - Rua Dr. Gama Barros 54A (Tel. 890465); **SÃO BARTOLOMEU** - Vi. Paulo Jorge 1 (Tel. 790969); **J. RIBEIRO** - Est. da Luz 199A (Tel. 780969); **CENTRAL DA LAPA** - Rua dos Navegantes 10 (Tel. 661739); **MARLUZ** - Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **SAGRES** - Av. Luis Bivar 69-71 (Tel. 547213); **MIRAMAR** - Rua Ernesto da Silva 83 (Tel. 2112048); **CORREIA** - Est. Principal Lote 172 (Tel. 993148); **GONÇALVES** - Rua Dr. Egas Moniz 30B (Tel. 915662).

Outra Banda

ALMADA - Nuno Alvares - Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Tel. 2750504); **COVA DA PIEDADE** - Atlântico - Av. Rainha D. Leonor, 45A (Tel. 2784466); **LARANJEIRO** - Oliveira Sérgio - Alamos, 2A (Tel. 2296464); **COSTA DA CAPARICA** - Chai - Av. General Humberto Delgado, 7C (Tel. 2403218); **SESIMBRA** - Lopes - R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO** - Central - Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2073207); **AMORA** - Matos Lopes - R. 1.º de Maio, Lote 401 (Tel. 2216355); **SEIXAL** - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560); **MONTIJO** - Higien - R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370); **MOITA** - Silva Rocha - P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE** - Nunes - L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Sintra

ARNALI - Rua Escolas Gerais 88A (Tel. 863940); **DILENA 6** - Rua Aliança Operária 49AB (Tel. 636620); **SANEX** - Av. da Igreja 31C (Tel. 897505); **PROVIDENCIA** - Rua D. Filipa Vilhena 9C (Tel. 770324); **BENFICA** - Est. Benfica 678E (Tel. 702532); **ALMEIDA** - Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681728); **MADRE DE DEUS** - Rua da Margem 15B (Tel. 382470); **BRANCO** - Av. Duque de Loulé 61-65; **CORVO** - Rua Angela Pinto 32BC; **CARRONDO** - Rua Padre Sena Freitas 10A (Tel. 842518); **MARCOS NASCIMENTO** - Cç. Marques Abrantes 36A (Tel. 664238); **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro 6A (Tel. 970660); **NOVA** - Rua Agostinho 11A (Tel. 910305); **PI-MENTE** - Az. dos Bezouros Lt. R8; **MATOS** - Tv. Prioras (Viv. Morgadinho) (Tel. 251939).

AMADORA - Amadora - P. 25 de Abril, 3A (Tel. 935518) Permanente; **Cabral** - R. António Sardinha, 23D (Tel. 938551) Até às 22 horas; **DA-MAIA** - D. João V - Av. Gurgel do Amaral, 2A (Tel. 970461) Até às 22 horas; **CAMARATE** - Nova da Char-neca - R. Cid. Lisboa, 94 (Tel. 2218726); **CACÉM** - Central - R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034); **MEM MAR-TINS** - Cristina - Av. Vitorino Nemésio, 14A (Tel. 2914820) Permanente; **MERCES** - Claro Russo - R. Abade Faria, 2A (Tel. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA** - Misericórdia - Vila (Tel. 293391) Permanente; **COLARES** - Abreja - (Tel. 299088).

MOSCAVIDE - Império - (Até às 22 horas) (Tel. 2511234)

SACAVÉM - Soares - Permanente (Tel. 2518025)

Porto

(De dia e só até às 22 horas)
MARTINO SUC - Praça Marquês de Pombal, 122; **POMBEIRO** - Campo dos Mártires da Pátria, 152; **PRELADA** - Rua Central de Francos, 316; **S. ROQUE DA LAMEIRA** - Rua S. Roque da Lameira, 1111; **SÁ DA BANDEIRA** - Rua Sá da Bandeira, 236; **FERREIRA DA SILVA** - Rua dos Mártires da Liberdade, 150; **S. LAZARO** - Avenida Rodrigues de Freitas, 297; **MELO TAVEIRA** - Rua Alcide de Faria, 77.

(De dia e toda a noite)
AMEAL - Rua do Ameal, 1227; **CAMPO ALEGRE** - Rua do Campo Alegre, 723; **PENINSULAR** - Rua Chã, 100; **QUEIJA FERREIRA** - Largo de S. Pedro, 64 (Campanhã).

Colmbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)
S. JOSÉ - Arcos do Jardim (Tel. 24697); **M. NAZARÉ** - Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033).

AGFAMATIC 3000 flash pocket Uma ideia luminosa!

conforto de filmes e efeitos

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
não acons. men. 13 anos
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR
Marilyn Monroe e Jack Lemon
SALA B
Não acons. men. 13 anos
às 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 horas
A GAIOLA DAS MALUCAS 2
Com Ugo Tognazzi e M. Serrault

ALVALADE 897480

Av. de Roma
às 15, 18.15 e 21.15
maiores 10 anos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS
com Sarah Miles, Stuart Whitman, Terry Thomas e A. Sordi

APOLLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
às 15, 18.15 e 21.30 h
int. men. 13 anos
Natassja Kinski-Peter Firth, Leigh Lawson
em TESS
19.ª semana
às 00.30 h. Não acons. men. 13 anos
O INIMIGO PÚBLICO

AVIS 547163

Av. Duque d'Ávila, 45
às 15.30, 18.30 e 21.30
... e um dia tinham que se encontrar!
CHAMAVAM-LHE KILLER KID
c/ Peter Van Eyck, Carole Gray e a participação de Terence Hill

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
FANTASMA
Michael Baldwin, Bill Thornbury, Reggie Bannister
Um filme de Don Coscarelli
Não acons. a m. de 18 anos

CALEIDOSCOPIO 795083

Campo Grande
às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Cary Grant/Ingrid Bergman
INDISCRETO
Um filme de Stanley Donen
Technicolor
Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00 horas

CASTIL 530194

Rua Castilho
15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A história sensual dum amor puro
A LAGOA AZUL
8.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
não acons. men. 18 anos
8 PREMIOS
O DESVENDAR DE UM MISTÉRIO
filme de Peter Medak
com George C. Scott e Trish Van Devera
às 23.45 não acons. men. 18 anos
ROCKY II

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
int. a men. 18 anos
Pornográfico - Hardcore
Um mundo bizarro de êxtase
O PRAZER ABSOLUTO
às 24 h. - N. ac. m. 13 anos
ALGUÉM ANDA A MATAR OS GRANDES CHEFES DA EUROPA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinheiro Chagas
às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
int. men. 18 anos
A CAÇA
um filme William Friedlin
6.ª Semana
às 21.00 h N. ac. m. 18 anos
DILLINGER

CINE CAMOES 324194

Rua do Loreto, 15
às 14.15, 16.30, 21.30 h.
N. ac. m. 13 anos
O HOMEM DE HONG KONG

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
A história sensual dum amor puro
A LAGOA AZUL
Com Brooke Shields e Christopher At-kins
às 23.45 h N. ac. m. 13 anos
AS «1.001» NOITES

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés
às 15.30, 18.30 e 21.30
int. men. 13 anos
O DESAFIO DE SWEENEY

D. JOAO V 971794

Pr. Centro Comercial - Damala
às 21.30 h.
int. m. 13 anos
O SEXTO CONTINENTE

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
14, 16.30, 19 e 21.30
A ÁGUIA VINGADORA
Ti Lung, Fu Sheng, Ku Feng, Wang L. Wei
Um filme de Sun Chung
Não acons. men. 18 anos
Colorido

ESTUDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. m. 13 anos
ENCONTROS IMEDIATOS DO TER-CEIRO GRAU
Agora, considerado um clássico
um filme único melhor que o primeiro
Edição Especial
Filme de qualidade
4.ª Semana

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B
às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 10 a.
«Les Charlots» estão de volta com as suas intermináveis aventuras!
MALUCOS EM ESPANHA
c/ Les Charlots

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
às 15.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
SOS A 1200 METROS

IMPERIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
às 15.15, 18.30 e 21.30 h
ESTRADA DO SUL
Um filme de Joseph Losey
c/ Yves Montand e Miou Miou
Para aqueles que perderam as certezas mas guardam as ilusões

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
às 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
Colorido
O ÚLTIMO METRO
O novo filme de François Truffaut

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
3 sessões: 15.15, 18.15 e 21.30
- int. men. 13 a.
RUMOR DE GUERRA
c/ Brad Davis e Keith Carradine
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Estreia às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
«EBIRAH», HORROR DOS OCEANOS
c/ Akira Takarada e Kumi Mizuno
Um filme de Jun Fukuda

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Para todos
KANADU
Um filme de Robert Greenwald
Technicolor
2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
às 14, 16.15, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
A mais expressiva obra do mestre Alberto Lattuada
FRANCESCA
Um amor impossível
O filme terá início logo após o começo das sessões

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20
às 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
AS SUPERMULHERES
Rejuvenescer os velhos era a sua missão

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. a men. 18 anos
OS DRAGÕES ATACAM

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
Estreia às 21.30 - N. ac. men. 18 a.
A grande epopeia da guerra no Viet-name
O ÚLTIMO HERÓI DO APOCALIPSE
c/ John Steiner, Tisa Farrow e David Warbeck

QUARTETO 771378

R. Flores Lima, 16
Sala 1, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
neo acons. men. 18 anos
SALVE-SE QUEM PUDE
SALA 2, 14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00
maiores de 18 anos
KILAS O MAU DA FITA
SALA 3, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 e 23.30
int. men. 13 anos
UM BATER DE CORAÇÕES
Sala 4, às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 - M. 18 a.
AS MÃOS SOBRE A CIDADE

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
às 15.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
PÂNICO
EM NOVA IORQUE

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
às 15.30, 18.30 e 21.30 h
int. men. 13 anos
superior e chocante. O melhor filme do ano
na opinião da crítica americana!
AS GRADES DO INFERNO
com Robert Redford

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
N. ac. a m. 18 anos

ZOLTON, O SANGUINÁRIO Colorido

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
Hoje às 21.30 h. - Estreia
N. acons. m. 13 anos
A primeira vez?
Uma comédia apaixonante!
ANNA E OS ADOLESCENTES
c/ Jacqueline Bisset
às 15.15, 18.15 h.
Últimas
EXÉRCITO SECRETO

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Não acons. men. 13 anos
LUMIERE
Jeanne Moreau e Francine Racette
Sexta, sábado e domingo
N. ac. m. 13 anos
O IMPÉRIO DO GREGO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
às 15, 18.15 e 21.30 h
Interd. men. 13 anos
O MEU TIO DA AMÉRICA
com Gerard Depardieu e Nicole Garcia
2.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
SANTÍSSIMO MOISÉS
c/ Budwey Moore, James Coco
não acons. men. 13 anos

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
A CONTAGEM FINAL
Um filme de Don Taylor
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
Uma comédia
OS COQUETOS DE DOMINGO
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O MEU PRIMEIRO AMOR
Uma história de amor excepcional...
Um filme de Elice Chouraqui
c/Anouk Aimée

teatros

Lisboa

VASCO SANTANA - «Cogumelos», pelo Teatro do Mundo, 21.30
ABC - «Reviravolta», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES - «Há Patrão no Baile», às 20.45 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL - «A Gravata», 21.30 (13 anos)
LAURA ALVES - «Chega para Todas», 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «O Patego Olha o Baile», 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II - «O Judeu», 21.30 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO - «Não se paga! Não se paga!», às 21.30
Outros Espectáculos
CAPITÓLIO - «Tentação Irresistível», às 21.30 e 23.00 (18 anos)
CONDES - «As Grades do Inferno», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - Sessões permanentes - «Orgia de Verão» (18 anos)
PARIS - «Gigolo» às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Conspiração do Urânio» às 21.30 (18 anos)
ROYAL - «Espresso Avalanche» às 21.30 (13 anos)
LUMIAR - «Hércules o Conquistador» às 21.30 (13 anos)
CINEARTE - «Os Reis do Asfalto» às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Em Busca do Passado», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Momento a Momento», às 21.15 (13 anos)

outros cinemas

Porto

SÁ DA BANDEIRA - «Não Deites Foguetes», 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «Pacto de Sangue» às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS - «Sexo a Jacto» às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO - «O Boco do Paraíso» às 21.45 (18 anos)
ÁGUIA - «O Escorpião de Shaolin» às 21.45 (18 anos)
FOCO - «Fama» às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Rumor de Guerra» 21 (13 anos)
TRINDADE - «A Lagoa Azul» às 21.45 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «La Luna», às 21.45 (18 anos)
ESTUDIO - «Falsa Acusação» às 21.30 (13 anos)
SALA BEBE - «Um Pequeno Circulo de Amigos», às 21.45 (13 anos)
LUMIERE-L - «O Assassino no Te-lhado» 21.45 (18 anos)
LUMIERE-A - «O Ódio que Gerou o Amor» às 21.30 (18 anos)
COLISEU - «A Contagem Final», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - «Diário de uma Criada de Quarto», 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «Esquecer Veneza», 21.30 (18 anos)
CHAPLIN - «Gente Fine é Outra Coisa», 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO - «Desflorações», 21.45 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «Colegais e Muito Mais», 19 horas

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «O Expresso de Von Ryan», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine Plaza - «Holocausto Canibal», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Lido - «O Mundo Violento», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cine Estúdio - «Travões Variados Carros Estampados», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Estúdio Flores - «Pela Medida Grande», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine Chaby - «A Nova Inquilina é um Espanto», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Essa Mulher é Minha», às 21.30 (13 anos)
SACAVÉM - S. José - «Um Erro de Justiça», às 21.30 (18 anos)
ALHANDRA - Salvador Marques - «O Negócio Mete Saias», às 21.30 (18 anos)
PÓVOA DE ST. ADRIÃO - S. José - «Febre de Viver», às 21.30 (13 anos)
MOSCAVIDE - Stop - «Escravos», às 21.30 (13 anos)

MAQUILIBROS
ORÇAMENTOS GRÁTIS
Escritórios e Salão de Exposição:
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Tel. 77 75 35 - 75 55 83 - 75 22 68
1100 LISBOA

COMO É QUE HAVEMOS DE SABER SE É UM CÃO VERDADEIRO?
SIM, TAL-VEZ SEJA UM MIÚDO COM FATO DE CÃO...

5-3 © 1978 United Feature Syndicate, Inc.
AGÊNCIA DAS DA SILVA - LISBOA

PÁS!

OS ANIMAIS GERALMENTE SÃO PACÍFICOS A NÃO SER QUE SEJAM DESSA NECESSÁRIA-MENTE PRO-VOCADOS.
PRONTO... PODIA SER UM MIÚDO VESTIDO DE CÃO...

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração: Rua da Luz, 44
e Publicidade: Rua da Luz, 44
1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320712/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185 1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654331/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro - 321154
Redacção - 320712/3
Mensagens gravadas - 320229

Endereço Telegráfico: DIBOA
Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO: Rua do Almada, 30-2º
Telefones: 20954/5 - 4000 PORTO

Últimas

● **O ESCRITOR TRUMAN CAPOTE** revelou em entrevista ao semanário «Quick», de Munique, que manteve uma relação homossexual com Errol Flynn. Capote tem 56 anos e opõe-se à «divisão» entre homens e mulheres.

● **A NOVELA ANTI-ESTALINISTA** «Um dia maior que um século», de Chingiz Aitmatov, foi um «best-seller» da época. O «Pravda» elogiou, antes do 26.º Congresso do PCUS, a coragem política do autor e o correspondente do Politika, de Belgrado, citando intelectuais soviéticos, diz que o texto foi «uma tentativa de penetrar no abafado clima social do tempo de Estaline, revelando os seus enevoados métodos de governação e onde a oposição popular pode ser melhor compreendida».

● **A MISSÃO COMERCIAL** portuguesa constituída por seis editores já está no Maputo com o objectivo de divulgar livros portugueses em Moçambique. Os editores portugueses representados são as casas Horizonte, Asa, Caminho, Livros do Brasil, Moraes e Edições 70.

● **A CASA DA IMPRENSA** já marcou para o próximo dia 20, no Coliseu dos Recreios, de Lisboa, a «Grande Noite do Fado»

Exportadores terão pressionado o Governo?

Vinho do Porto de 1980 com cheirinho a política

METADE da colheita de vinho do Porto do ano passado poderá ter um cheirinho a política na sequência das notícias ontem divulgadas, a propósito da entrega da sua comercialização a uma só pessoa, mais concretamente o dr. Manuel Almeida Marta. E isso surge na sequência da dificuldade que ele teve de contactar o secretário de Estado do Tesouro, o que deveria ter-se concretizado ao fim da tarde, em companhia, entre outras individualidades, do governador civil de Vila Real.

Por outro lado, temos uma muito rápida tomada de posição por parte do Ministério das Finanças e do Plano que ontem mesmo divulgou uma «nota oficiosa» ordenando ao Banco de Portugal que averiguasse o suposto suporte financeiro de uma anunciada transacção que, a ter-se efectuado, teria mobilizado verbas na ordem dos dois milhões de contos. Ao mesmo tempo, aquele Ministério desmente que tenha sido ali solicitada qualquer audiência que envolvesse uma delegação representativa dos interesses durienses e respectivos produtores do vinho do Porto.

Só que para o dr. Manuel Almeida Marta, somando o súbito desaparecimento do governador civil de Vila Real, que terá regressado à sua cidade, a antipatia com que (não) foi recebido na Secretaria de Estado do Tesouro e a tomada de posição oficial, temos a tal componente política. Mais concretamente, teria havido pressões dos exportadores de vinho do Porto, os quais de resto terão ficado seriamente alarmados face à notícia de «monopólio de comercialização» do que resta da colheita de 1980, ou seja cerca de metade, num total de 44.500 pipas (a 550 litros cada uma), que ainda se encontra na posse das Cooperativas da região do Douro.

Como ontem noticiámos, o dr. Manuel Almeida Marta já esteve envolvido em duas anteriores volumosas transacções de vinho do Porto, uma das quais em 1973, ano em que comprou 30 mil pipas, dando um sinal de 20 mil contos e intervindo no mercado de forma tal que o preço do produto triplicou. Mais tarde, em 1979, viria o nome do mesmo comerciante, com uma empresa em Peso da Régua, a estar envolvido numa outra compra, agora de um milhão de contos em vinho. A aquisição foi feita à Casa do Douro e depois o vinho seria transaccionado para a Real Companhia Velha, havia pouco tempo desintervencionada. A operação rendeu-lhe teoricamente três por cento que, aliás, ainda não recebeu, segundo garante.

«Tudo o que tenho feito tem sido em prol do vinho do Porto e dos Agricultores do Douro. Tenho sacrificado tudo até o amor», disse-nos esta manhã o dr. Almeida Marta, licenciado em Medicina, a qual apenas exerce em «part-time».

Segundo nos disse, a transacção de 1973 visava a obtenção de lucros, uma vez que na altura precisava de dinheiro. Mas, em tudo o que fez depois, o seu objectivo foi a resolução dos problemas dos produtores que se encontram à mercê dos exportadores, com grande poder económico e que por isso podem ditar a sua lei no mercado da oferta e procura que domina o sector.

E é por isso que, diz, surgem as presentes pressões e as dificuldades que encontrou em Lisboa. De qualquer modo, ontem logrou expor o seu ponto de vista ao secretário do secretário de Estado do Comércio, fazendo-lhe ver que é necessário que o Governo possibilite o aumento de 20 para 30% nas exportações de vinho do Porto. Por outro lado, bate-se pelo incremento da venda ao estrangeiro, mas com o produto já engarrafado e não a granel como é frequente.

Entretanto, ao fim da manhã de hoje, tentámos contactar com o governador civil de Vila Real. Fomos informados de que ainda não tinha chegado àquela cidade, que se encontrava ausente em Lisboa. Para o dr. Almeida Marta havia esta manhã uma grande mágoa: o governador desaparecera ontem do hotel em que ele próprio se encontra, na Linha de Cascais e não compareceu no Ministério das Finanças, para onde tinham combinado uma «sessão» de cumprimentos ao secretário de Estado do Tesouro, homem que já esteve na banca e que conhece, segundo o dr. Marta, os problemas dos agricultores da região que diz ter vindo defender nos gabinetes governamentais de Lisboa.

«Não há benefícios» — diz o Instituto

«Não há benefícios no aparecimento de mais um intermediário no circuito de comercialização do vinho do Porto» — comentou esta manhã ao «DL» um porta-voz do Instituto de Vinho do Porto, o eng.º Luís Ferreira.

Do ponto de vista deste elemento, dado que existe a União das Adegas Cooperativas do Douro, a comercialização do vinho que se encontra na posse das suas associadas deveria ser assegurada por seu intermédio.

Referindo que se trata de um mercado livre com preços mínimos estabelecidos pelo Instituto para cada ano, o eng.º Luís Ferreira acrescentou que o sector tem mecanismos próprios para a sua defesa. Aliás, disse-nos, na história do vinho do Porto figura um outro caso de uma pessoa que teve a colheita de dois anos nas suas mãos e que não conseguiu vender.

«Acho pouco viável que o dr. Almeida Marta consiga vender as 45 mil pipas de vinho» — acrescentou aquele dirigente do IVP.

«Eles estão ao serviço dos exportadores» — disse-nos, logo pela manhã, o dr. Marta, referindo-se ao Instituto de Vinho do Porto e procurando cimentar a sua acusação com um exemplo concreto. Ao mesmo tempo, fez questão de nos entregar uma cópia da credencial da União das Adegas Cooperativas, no sentido de que ele comercializa as quase 45 mil pipas de vinho.

«Não sei quanto vou ganhar ou se vou ganhar alguma coisa» — garantiu. «Fiz isto tudo pelo vinho do Porto, pelos agricultores. É o que tenho feito toda a minha vida. Até já prejudiquei o amor...»

Equivalências do 12.º ano

A atribuição de equivalências ao 12.º ano de escolaridade, de outros tipos de habilitações, nacionais ou estrangeiras, é regida, com as adaptações necessárias, pela regulamentação referente

actualmente às equivalências ao Ano Propedêutico.

A análise dos «currícula», programas e conteúdos dos tipos de habilitação a conceder equivalência será da responsa-

bilidade dos serviços competentes da Direcção-Geral do Ensino Secundário que vai preparar uma versão integrada e actualizada da regulamentação que, relativa a esta matéria, está em

vigor. A nova versão entrará em vigor no final do ano lectivo de 1980/81 e aplicar-se-á aos casos de equivalências a atribuir durante o ano lectivo de 1981/82 e seguintes.



As armas e o Ministério... à defesa

Numa inqualificável atitude de desrespeito pela opinião pública e pela actividade dos jornalistas, responsáveis do Ministério da Defesa esquivaram-se a prestar esclarecimentos ao «DL».

Ontem, em contacto telefónico com o chefe de gabinete do ministro, tenente-coronel Faria Leal, tínhamos colocado algumas questões relacionadas com as autorizações de vendas de armas para o estrangeiro que são «passadas» naquele Ministério. Foi-nos dito que esta manhã teríamos uma resposta. Uma vez que hoje o chefe de gabinete não estava, contactámos com o dr. Nauray, adjunto do secretário de Estado da Defesa — de acordo com uma indicação ontem dada pelo tenente-coronel Leal. Disseram-nos que o dr. Nauray estava ao telefone e que nos ligaria dentro de minutos. Esperámos mais de uma hora e voltámos a telefonar. A resposta que obtivemos através de voz feminina, foi seca: o dr. Nauray já tinha saído...

Entretanto, a ANOP noticiava esta manhã que a televisão britânica transmitiu a noite passada uma reportagem feita em Lisboa em que se garantia que «digam o que disserem as autoridades portuguesas, há um comércio ilegal de armas em Portugal, e muito lucrativo».

Gestão privada nas cervejas?

Em entrevista a um órgão da CIP um ministro do actual Governo diz que o sector cervejeiro deverá ser entregue à gestão privada. Diz-se também que os Vinhas parecem ter ganho a «corrida» à gestão.

EXCURSÕES abreu férias da páscoa

- Preços excepcionais, a vantagem dos voos especiais!
- A garantia de serviços com a tradicional qualidade abreu!

EM AVIÃO A JACTO

SÃO MIGUEL — 5, 12, 19 ABR
CIRC. AÇOREANO — 10, 12, 17, 19 ABR
AÇORES e MADEIRA — 6, 13, 20 ABR
AMSTERDAM — 11 ABR
ATENAS — 3, 10 ABR
ATENAS e ROMA — 3, 10 ABR
LONDRES — 5, 12, 19 ABR
PARIS — 3, 10, 17, 24 ABR
ROMA — 6, 13 ABR
MADEIRA — 5, 12, 19 ABR
EGIPTO — 10 ABR
NOVA IORQUE — 18 ABR
PALMA MAIORCA — 5, 12, 19 ABR
BENIDORM — 7, 14, 21 ABR
JUGOSLAVIA — 4, 11, 18 ABR

AVIÃO + AUTOPULLMAN

BRUXELAS — Gand e Bruges — 7 ABR
GRANDE CIRC. ITALIANO — 6, 13 ABR
BENELUX, PARIS e VALE DO RENO — 7 ABR
TERRA SANTA — 14, 21 ABR
TRIÂNGULO TUR. ESCANDINAVO — 15 ABR
AUTOPULLMAN DE LUXO
ANDALUZIA — 9 ABR
ESPAÑA, ANDORRA e LURDES — 9 ABR
ESPAÑA e FRANÇA — 5 ABR
MARROCOS IMPERIAL — 9 ABR

CRUZEIRO A MARROCOS e PORTOS FRANCOS

no Pacote «Funchal» — 13 ABR

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu
fundado em 1880

Agências próprias em MADRID, LONDRES, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, RECIFE, BAHIA, PORTO ALEGRE, BUENOS AIRES, CARACAS, MÉXICO e NOVA YORK. Mais de 1000 correspondentes em todo o Mundo.

Trinta e cinco por cento da população tem um sono perturbado

Cerca de 35 por cento da população sofre de perturbações do sono. Os centros universitários e hospitalares devem aprofundar o seu estudo — concluem os participantes no curso sobre o sono que decorreu no Porto, sob a direcção de um especialista americano do hospital Henry Ford, de Detroit. Meia centena de médicos portugueses, 35 dos quais candidatos ao título de especialista em psiquiatria hospitalar, frequentaram o curso. As conclusões, agora divulgadas, afirmam que «existem grandes possibilidades de tratar muitas das situações patológicas causadas ou resultantes de insónia grave e de outras alterações do sono». Segundo esta fonte, 15 por cento da população das sociedades industrializadas apresenta perturbações permanentes do sono.

Polícia e Psiquiatria viajam de mãos dadas?



Yves Montand em «A estrada do Sul»

Até que ponto, ou a partir de que momento, a Polícia e a psiquiatria viajam, nesta vida, de mãos dadas? Uma tremenda resposta a esta pergunta é fornecida, no próximo número do Sete Ponto Sete, por um emigrante português tratado, na Suíça, como louco e delinquente. Porquê e como Lovecraft, talvez o maior autor de «fantástico» deste século, se tornou conhecido na Europa, é outro tema do nosso suplemento de sábado. Mas este Sete Ponto Sete publica outros textos que não deve perder. Exemplo: Yves Montand é o convidado especial das suas páginas de cinema.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

- 1.º PRÉMIO — 6 402 30 000 CONTOS
- 2.º PRÉMIO — 67 428 6 000 CONTOS
- 3.º PRÉMIO — 7 964 3 000 CONTOS

A Sorte Grande foi vendida aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO.

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

6.401 — 259.200.000

6.403 — 259.200.000

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

1.572; 3.519; 5.234; 7.347; 8.800; 9.478; 10.939; 11.822; 15.883; 19.016; 20.865; 23.419; 23.800; 25.413; 26.222; 27.115; 36.183; 32.859; 33.386; 36.068; 36.116; 36.753; 37.112; 40.067; 40.683; 41.723; 44.268; 46.405; 48.192; 52.078; 57.485; 57.770; 57.779; 58.504; 62.483; 65.360; 67.295; 68.358; 68.456 e 69.871.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

12.000.000 — 049; 346; 360; 369; 445; 485; 599; 659; 817 e 861
6.000.000 — 407; 428 e 964
6.000.000 — 26 e 30
2.000.000 — 2 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000.000 (CENTENAS)

6.401 a 6.500; 7.901 a 8.000 e 67.401 a 67.500

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 14 / 3 / 81

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

EC 31

Economia

questões económicas e sociais

INFORMAÇÃO E DEBATE SOBRE A SITUAÇÃO ECONÓMICA FINANCEIRA E SOCIAL PORTUGUESA

REMODELADA GRAFICAMENTE

JÁ ESTÁ À VENDA O NUMERO DE MARÇO



O Silêncio do Grito o Grito do Silêncio

O grito que não chama, a chama verde submersa ou não, é a não-leitura do corpo calado que o poema lê.

E o silêncio, o silêncio do grito é sempre outro, além, nos muros, sobre a sebe nunca a serpente ou serpentina mas o grito na neve, o grito sob a neve.

Quem pára sobre a nuvem sobre a boca dá o sinal do grito se aqui o grito não clama o clamor mas incendeia

a não-leitura – leitura das trevas verdes em que a boca sobrenada sobre nada grita o silêncio do grito o grito do silêncio.

António Ramos Rosa

É o poema ou fragmento inaugural de um dos últimos livros de António Ramos Rosa, «O Incêndio dos Aspectos».

Trata-se do grito e da sua relação com o silêncio, e do silêncio e da sua relação com o grito. É o que se percebe logo a um primeiro relance, mas não parece que uma abordagem mais profunda o venha desmentir. A título de curiosidade, assinala-se que os lexemas «grito» e «silêncio» são os que aparecem mais vezes: «silêncio», quatro, e «grito», oito vezes. Há ainda a ocorrência duma forma verbal de «gritar». «Grito» e «silêncio» não aparecem sempre como lexe-

mas autónomos, isto é, semantemas: por duas vezes se nos propõe a metáfora «silêncio do grito», uma vez a metáfora reversa desta, «grito do silêncio». Há ainda «o sinal do grito», metáfora que se distingue formalmente destas duas, mas não se situa muito longe de uma e outra.

Se o tema do poema é o grito e a sua relação com o silêncio, ou o silêncio e a sua relação com o grito, o assunto, mais concreto e pormenorizado, é um conjunto de implicações que essa relação, esse relacionamento é capaz de desencadear, desenvolver e trabalhar activamente. É um conjunto-fechado: a reversão do grito para o silêncio, do

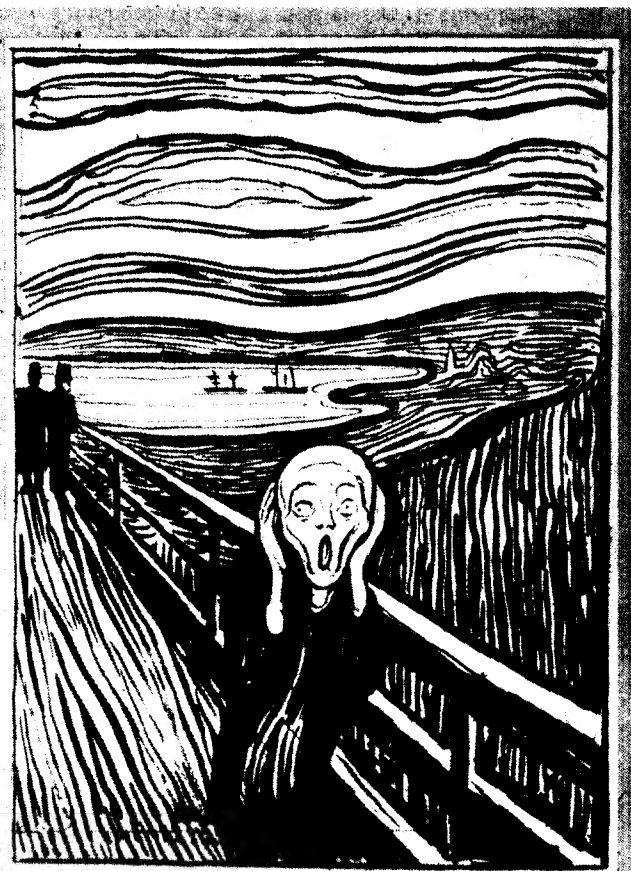
silêncio para o grito, parece indicá-lo com alguma clareza. E não se trata apenas de reversão: na dialéctica interna do poema entram também a negação, a contradição, a inversão do sentido, pelo menos.

Desde logo, «o grito que não chama» tem alguma coisa a ver com o silêncio, mais, é um pouco como o silêncio. É certo que o grito pode não ser emitido ou solto, libertado, forçada e total ou exclusivamente associado a uma exigência apelativa; pode tratar-se de grito onde outros pretextos e motivações sejam mais fortes e emergentes. Todavia, assim como a função apelativa de certo modo (e como qualquer outra função) nunca deixa de estar presente em qualquer utilização da linguagem, também o apelo, a apelação, é parte intrínseca do grito, sempre, e em qualquer instância ou fase do seu processamento emissivo. «O grito que não chama», porém, não é um absurdo: o seu sentido pode ser reversivo, inversivo; a sua emissão pode fazer-se sem destinatário previamente identificado e calculado; e, sobretudo, processa-se geralmente à margem de qualquer código de que a mensagem carece sempre para se organizar, elaborar, emitir, e dirigir.

De parte especulações, «o grito que não chama (...) é a não-leitura do corpo calado que o poema lê». Devemos deter-nos sobre isto: o poema, o corpo, a

leitura. O poema lê o corpo calado. Está aqui omissa—pode subentender-se— outra metáfora, e no âmbito denso duma flagrante, mas aparente contradição. É a da leitura que o poema é capaz de fazer sobre o corpo. A bem dizer, não se trata duma metáfora senão na medida em que envolve a escrita e uma relação escrita-leitura que se metaforiza entre dois topos: O corpo e o poema. Num esquema interpretativo que aqui estabeleçamos, haveria uma primeira correspondência directa entre o grito e o poema, por um lado, e, por outro, o corpo e o silêncio. Numa segunda correspondência (indirecta, interferida já pelos dados da primeira), grito, corpo, poema e silêncio numa dupla, triplamente conexão (e desconexão, evidência). Intercalada, «a chama verde/submersa ou não», em que lugar (posição, perspectiva) se situa relativamente a estas forças activas e atractivas? Aparentemente, é uma metáfora (ou uma imagem—em conta do visual «verde» e ainda do que de imaginário pode implicar a submersão) vital, vitalista (de fogo—a «chama» arde). No jogo dos sentidos, e para além da ambiguidade ou duplicidade semântica ou sonora do nome «chama», é uma referência a não perder.

Se «o grito que não chama» é «a não-leitura», «o silêncio, o silêncio do grito/é sempre outro». Outro «silêncio»; «o silêncio do



grito», certamente. E «sempre outro», porque? Se a questão é passível de pôr-se nestes termos assim imediatos, pode dizer-se que não se trata mais do silêncio do que do grito. Qualquer noção corrente do que estas designações significam (por mais que implicadas entre si e num contexto que as envolva) pressupõe o grito como corte, ruptura ou rasgão feito por uma voz sobre o silêncio, no âmbito do silêncio, e o silêncio como, por exemplo, imobilidade ou inactividade do ar.

O grito é assim um trabalho no ar, um percurso sonoro rápido e intenso no seu âmbito (do ar, aéreo). A grita associa-se facilmente a noção de brevidade, de curta duração, mas carregada, sobrecarregada de mensagem que não chegou a formular-se devidamente.

O grito extingue-se depressa, apaga-se. Sucede-lhe o silêncio, logo ou a médio prazo. O «silêncio do grito» pode ler-se nesta acepção. Mas também pode

Continua na pág. 4

"A SEMENTE NA AREIA"

Romance de Teitelboim brevemente em português

Volodia Teitelboim: escritor e político militante. De Chile e para o Chile. Como contante da arte de bem servir um povo e a arte de bem servir literatura...? Teitelboim (cujo romance «A semente na areia» aparecerá este ano nos escaparates portugueses) vive, segundo as suas próprias palavras, «uma verdadeira guerra interior». Por um lado, é incapaz de abdicar da luta pela liberdade da sua pátria; e, por outro lado, só escrevendo se assume como homem feliz. Um e outro e, afinal, o mesmo.

Para se poder realizar nos dois campos, divide o tempo rigorosamente. Ou melhor: aproveita-o com sabedoria. Acção política e escrita tendem para uma causa: a defesa da dignidade chilena. «Todos os meus livros apontam para isso...» São três livros: «Hijo del salitre», «La semilla en la arena» (a ser traduzido entre nós) e «La guerra interna». Que contam esses livros...? «O drama de um exército que assassina, tortura e encarcera um povo em épocas diferentes e por métodos diversos...»

Extraindo da militância política e conteúdo dos seus livros, Volodia Teitelboim, como escritor e

como político, pode ser definido pela confissão que se segue (resumida de uma entrevista concedida à revista «Casa de Las Americas»).

I
«Sou um activista de horas roubadas à actividade política. Essa tem sido a história de todos os meus livros. Que considero poucos... Hijo Del Salitre foi escrito na ilegalidade, durante o Governo de Gonzalez Videla. Por razões de segurança, o Partido não permitia que circulássemos de dia. As reuniões e o trabalho político eram realizados

à noite. Assim, eu dormia de manhã e escrevia até ao anoitecer. La semilla en la arena, o meu segundo romance, nasceu no campo de concentração de Pisagua, onde estive detido durante o Governo de Carlos Ibañez. E o meu último livro, La guerra interna, é filho do exílio que me foi imposto pela Junta Militar que governa o Chile»

II
«A inspiração surge com o trabalho. Surge quando travamos uma luta interior em torno de uma palavra, de uma imagem ou de um tema. Surge, enfim,

quando a luta amadurece. É então que nasce a inspiração. Quando o tema, a imagem ou a palavra se resolveram dentro de nós... A inspiração «midieriosa» nada mais é do que o produto acabado que o homem conseguiu na sua própria fábrica, dentro de si, no seu subconsciente...»

III
«Quando o escritor formula a hipótese de um romance, e quando se entrega à sua escrita de alma e coração, navega por um mar desconhecido para chegar a uma terra cuja recepção desconhece. E pergunta: «Poder-me-ia instalar nessa terra...? Surgem então os momentos de angústia, de debilidade, de hesitação. Pensa-se em muitas coisas... Sinto, por exemplo (e falando de mim), que no texto há um desequilíbrio, e que o texto pode resultar num monstro com uma cabeça enorme... Fico atemorizado durante algum tempo, alguns dias... E isso porque é uma inquietação com raiz, com fundamento. Sinto, sei, que aquilo que fiz não está bem articulado. Ou está longo ou está curto. Logo obscuro. Tenho a consciência de que o produto

não está do que devia estar. Há um equilíbrio que não se estabelece. Relevo o texto, página a página — e não encontro, não consigo encontrar, o que está em falta, o que está a mais... Mas de repente, de noite, às quatro da manhã, desperto e descubro o erro. E recomeço o trabalho interrompido...»

IV
«Li muitos e muitos livros. Sempre fui mais leitor que escritor. Quando jovem, a minha profissão era ler. E as leituras influenciavam sempre... Mas nunca disse para mim que gostaria de escrever como este ou como aquele. Os estilos, quando verdadeiros, não se transferem. Cada um é como é. E em cada capítulo o escritor resolve internamente o problema que a escrita lhe põe, sem precisar de recorrer a leis de um código alheio qualquer...»

V
«Limita-me não ser um escritor a tempo inteiro. Essa é a minha principal limitação. Quando não escrevo todos os dias, acontece ao escritor (ou pode acontecer) o que acontece com o violinista ou com o pia-

nista. Perde a mão, o pulso, a habilidade dos dedos... Sucede-se períodos vazios que tendem para a frustração. Além disso, a evolução é mais lenta... O trabalho da escrita torna-se então exaustivo. Acredito que há escritores de poucas palavras que maneja a escrita com uma economia de meios esplêndida e formidável. Mas para mim essa economia, em certos momentos, nada mais é do que pobreza. Prefiro uma certa riqueza de construção que só é possível com um trabalho contínuo...»

VI
«Escrever bem não é escrever de maneira bonita. Isso é uma categoria secundária. Escrever bem é forma e conteúdo. É saber escrever o que se pretende comunicar da maneira mais concreta e expressiva. E nunca (mas nunca) ser-se arbitrário. Não há efeitos — há o que há»

VII
«A crítica...? Importo-me pouco com a crítica. Para mim, escrever é uma busca através de dores e dificuldades. É, em certo sentido, caminhar — e também construir o caminho por onde caminhar. Eu e os outros...»



Teitelboim (à esquerda) no intervalo de uma reunião política no estrangeiro. «Muitas vezes, nessas reuniões, faço as minhas intervenções nas primeiras horas — e aproveito as horas seguintes para escrever...» Teitelboim integra (no exílio) o Bureau Político do Partido Comunista do Chile

AS LETRAS EM DIA

Tem-se verificado nos últimos anos um interesse parece que como nunca até agora pela figura e a obra de José Régio. Aparelamente este interesse prende-se com as comemorações do cinquentenário da «Presença», em 1977, e pode estar aí, em parte, a explicação. Não toda, no entanto. Muito provavelmente as proporções do que se passa excedem alguma coisa as do interesse que somente a efeméride poderia suscitar.

Não temos presente tudo quanto se publicou à volta dos cinquenta anos da revista. Livros, lidos ou vistos nas livrarias, mais de uma dezena: «Régio, Casais, a Presença e outros afins», de Jorge de Sena; «José Régio e a História do Movimento da Presença», de João Gaspar Simões; «Presença da Presença», de David Mourão-Ferreira; «José Régio, a obra e o homem», de José Régio, uma Literatura Viva; e «O Segundo Modernismo em Portugal», de Eugénio Lisboa; «Metamorfoses do Fantástico na Obra de José Régio», de Duarte Faria; «A Literatura de José Régio», de Álvaro Ribeiro; «José Régio, Ser conflituoso», de Luís Paiva; «Evocação de José Régio», de Joaquim Pacheco Neves. Dez títulos. E a esta relação acrescentariam, além de dois livros póstumos do próprio Régio («Confissão dum Homem Religioso» e «Páginas de Doutrina e Crítica da Presença»), um número quase na íntegra dedicado ao autor de «Poemas de Deus e do Diabo» pela revista «Colóquio-Letras» (n.º 42, Março de 78) e, — simples curiosidade, até política — idêntica atitude da parte dum revista sobrevida do salazarismo, «Resistência». Mais recentemente, há outro livro de Eugénio Lisboa a prender-se com Régio e a «Presença»: «Poesia Portuguesa: do Orpheu ao Neo-Realismo».

Dum relance por estas menções, dois aspectos poderão fazer-se ressaltar: um, a frequência com que o nome de Régio aparece desde logo titularmente associado (à frente, antes, aliás) a «Presença»; outro, a parte de leão, digamos assim (sem qualquer intenção especial, já se vê) que cabe a Eugénio Lisboa neste inesperado e notável enriquecimento da bibliografia passiva do escritor, da revista e do movimento em questão.

Detemo-nos um pouco sobre estes quatro livros de Eugénio Lisboa, e principalmente o último, que é a mais recente novidade. O que melhor caracteriza a actividade pró-Régio e pró-«Presença» (e não só, é claro) do autor é, desde sempre (já agora, desde um livro sobre Régio, seguido de antologia, em 1956) é o facto de ela aparecer informada e enformada por aquilo a que, talvez mais do que uma grande simpatia, pode dizer-se uma íntima (intelectual) identificação.

Aqui, inflectimos, sobre uma indicação de George Poulet e uma prevenção de Bachelard. «Há da parte dos seres e das obras uma espécie de comportamento confuso, do qual, para o compreender, convém participar, antes de mais. (...) A identificação é, desde logo, um meio de compensação.» — diz Poulet. Mas — diz Bachelard: «Precisamos de opor ao espírito expansivo o espírito científico tactiturno, para o qual a antipatia prévia representa uma precaução salutar.»

Uma consideração não anula a outra. É uma questão de equilíbrio. A identificação, se disso se trata, é de Eugénio Lisboa. A precaução é nossa. E justifica-se. Por isso e ainda pelo que disso decorre nestes livros, no que aqui aparece como se fosse para nos persuadir a concordar com o que neles se nos expõe — alguns obstáculos que inevitavelmente prejudicou a nossa relação com eles e nos dificultou uma aproximação às posições neles defendidas pelo autor. Pensamos certamente nos processos expositivos usados na articulação problemática que aí se faz, em certo tipo de linguagem menos clara ou menos própria da crítica, do ensaísmo crítico a que o autor com frequência recorre.

Parece estar a passar o tempo em que, por ignorância ou má-fé, e sobretudo equivoco, Régio, passava por ser o que nunca foi. Começa talvez a generalizar-se (a alargar-se, pelo menos) um reconhecimento que outros reconheceram (nem sempre legítimos, às vezes «obrigatórios») têm vindo a ratificar. Comece então a processar-se o reexame crítico dum figura, dum obra, dum movimento, dum geração, dum época — começando, por exemplo, por pôr em questão — e sobretudo mais brilhante — alguns aspectos do mais acessível defensor de Régio que se conhece, Eugénio Lisboa. Há-de ser pelo caminho percorrido no sentido dum melhor conhecimento das heranças com que hoje e aqui temos de viver.

LUSITÂNIA, de ALMEIDA FARIA — O terceiro livro dum triologia de que os dois primeiros eram «A Paixão» e «Cortes», o primeiro, em 65, pesou-nos demais (ou mesmo esmagou-nos), passe o impressionismo para, em 78, treze anos depois, o segundo poder provocar-nos reacção idêntica — que não provocou, mas apenas alguma desilusão, relativa embora. Pode-se dizer talvez que tal desilusão mantém-se-nos ainda após uma primeira leitura deste último romance, que a cancela de Edições 70 agora nos propõe. De qualquer modo, não deve impor-se-nos esta sempre arriscada impressão, mas, antes, prevalecer o bom senso capaz de reconhecer que ganhou fortes e talvez definitivas dimensões uma obra singular na literatura

portuguesa contemporânea — a deste prêmio-revelação de 62, lembra-se, com um texto arrojadamente inovador como foi, na altura, «Rumor Branco». Agora, mais do que nunca, levanta-se uma expectativa: trata-se de saber o que o autor vai fazer seguidamente.

URBANO E O NEO-REALISMO — «Um novo olhar sobre o neo-realismo», de Urbano Tavares Rodrigues, propõe a Moraes. Um olhar que escrituralmente se traduz afectado por alguma excessiva preocupação terminológica, rigorizada pelo universalismo crítico de hoje em dia, mas também um olhar sempre ansioso por uma cada vez maior abertura de perspectivas e possibilidades de entendimento alargadas a margens que a tradição crítica do

neo-realismo, ainda não considerada devidamente. Aqui, porém, Urbano tem ido (ou tem estado) sempre um pouco mais à frente daqueles que, no mesmo âmbito, se têm dedicado a estas coisas — e na generalidade dos livros anteriores do autor já o víamos até por caminhos onde ele aqui não se aventura. Mas é do neo-realismo que se trata, e é em função disso que se devem entender, além dos méritos, as limitações deste livro. Escritos sobre Soeiro, Redol, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Namora e Manuel Tiago.

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS — Das três Marias, e mais uma, agora de Lurdes Pintasilgo, que prefacia a 3ª edição da obra, na Moraes. Eis pois o primeiro motivo de interesse. Ademais, supõe-se que o livro não perdeu com o tempo passado sobre o seu lançamento aqui há dez anos e nas condições e com as consequências que estão na memória de todos, mas: terá ganho entretanto proporções definidas de documento como denúncia que propostadamente também foi dum situação de insuportável clausura extensiva da mulher à colectividade inteira. Uma releitura, mesmo de viés, para actualizar impressões, deixa ver ainda como estas «Novas Cartas» seguem (e não de seguir) sendo trezentas e tal páginas de variados exercícios de escrita feitos por três das mais aptas e sobretudo aventureiramente criativas e inovadoras escritoras portuguesas destes tempos mais recentes.

COMUNIDADE, de LUIS PACHECO — De par com «O Teodolito», «Os Namorados» e mais umas poucas de peças, do melhor, Luis Pacheco, prosador e dictionista, escapa-nos de momento a data da primeira edição, lembra-nos tê-la lido, ou à segunda, por meados de 60. Mais tarde, o texto parecer-nos-ia afectado de algum miserabilismo — apesar ou talvez por causa da algo enternecida pose do narrador e bem assim da linguagem e do estilo. Em parte é essa impressão que hoje perdura e que provavelmente não se desfaz a uma releitura desta 6.ª edição, ilustrada por Teresa Dias Coelho e publicada pela Contexto.

O ENIGMA DA ÁRVORE ENAMORADA, de JOSÉ GOMES FERREIRA — Aqueles (talvez poucos) que gostam mais de ler o poeta em prosa do que em verso têm aqui agora oportunidade excelente, neste «divertimento em forma de novel quase policial», como subtitularmente o autor lhe chama. Também não será o Gomes Ferreira prosador de maior vivacidade — esse encontrá-lo no cronista, no memorialista quanto a nós — mas é, de qualquer modo, um singular escritor inconformado sempre com a sua própria escrita e os resultados textuais dela anteriormente conseguidos. O processo global da obra deste autor já hoje o podemos pensar sem receio de grandes alterações — tais são já as suas proporções e a vastidão de interesses com que ela se nos propõe. De qualquer modo, também é sensível que cada novo livro novo é aqui uma surpresa. Grande ou não assim, mas surpresa, sempre. (Moraes).

L. M. R.

ALVARO CUNQUEIRO

OBRA EN GALEGO
COMPLETA

poesia-teatro

MORREU ALVARO CUNQUEIRO. Quem era? Talvez o maior escritor galego de hoje, e, seguramente, o mais importante autor de ficção das letras galegas contemporâneas, ou mesmo desde sempre. Era ainda poeta, dramaturgo, cronista, jornalista, e outras coisas. F. Fernández del Riego, na sua «História da Literatura Galega» diz dele que «é um platónico para quem os mitos constituem a autêntica realidade. Combina os elementos dos dois mundos — o real e o imaginado — com graciosa naturalidade, produzindo assim uma contínua dissonância que se baseia em harmónicos acordes de poético humorismo» e «as suas criaturas gozam dum vida em que certos pecados de gula, a mentira e o amor desempenham um papel interessante. São desprocurados caçadores de milagres para quem só contam, em simbiose, os mundos da realidade e da fantasia. E nada se lhes dá da inteligência ou da lógica.» Isto a propósito das ficções do autor, cujo último livro, «Os Outros Feirantes», ganhou no ano passado o mais importante prémio literário galego: o Prémio da Crítica. Depois do contador de histórias, certamente o poeta. Autor escasso de livros publicados, apenas quatro, mas importantes, todavia, e uma obra a fazer do autor um nome do topo de referência da lírica galega no século XX — desde os anos 20 e do «vanguardismo» até hoje. Outro Cunqueiro que vale a pena conhecer é o autor de «A Cozinha Galega». Cunqueiro tinha uma perspectiva intrinsecamente cultural da gastronomia. Morreu, entretanto, tinha há pouco a Galáxia, de Vigo — que ele em 50 ajudara a fundar e a que se manteve toda a vida ligado — começado a publicar a sua obra em galego completa (que Cunqueiro era bilingue, e assinala-se que, como autor em castelhano, foi largamente celebrado e premiado). No primeiro volume de fins do ano passado, estão os livros de poesia e o teatro. Em tempo: livros galegos (não só de Cunqueiro) podem adquirir-se na Sá da Costa, em Lisboa. É uma sugestão, que aqui se faz ao leitor.

GARCIA LORCA E MANUEL DA FONSECA, DOIS POETAS EM CONFRONTO, assim se intitula o livro de Manuel Simões publicado em Milão pela Cisalpino Gollardica. Manuel Simões é actualmente leitor de português em Veneza, e o seu livro, apesar de aparecer em Itália, é em português que aparece. Trata-se certamente dum trabalho notável, que bem deveria ser igualmente editado em Portugal.

MANUEL GERALDO, nosso camarada de trabalho na Redacção do «DL», acaba de publicar mais um livro: «Um Juiz no Alto do Parque». Crónicas. Uma experiência jornalística (nos tribunais de polícia) intensamente vivida reflecte-se aqui, numa escrita torturada por exigências a um tempo de rigor e objectividade, e de apelo humanista

O INFI

Como os portugu

«O inferno é uma prisão estreita, sombria e sórdida, um habitat de demónios e de almas perdidas, cheio de fogo e de fumaça. Lá, devido ao grande número de danados, os prisioneiros estão empilhados uns sobre os outros, tão completamente imobilizados que, como



Suplícios infernais segundo o «Kalendrier des Bergiers» (séc. XV)

NOTAS EM

Conclusão

Dizíamos que a Utopia nunca se deve tornar defensiva.

Nomeadamente, no plano da escrita. Porque o estilo aniquila.

O estilo é ao mesmo tempo o Ser, o que nos faz ser, e a ausência-o que, como falta, sempre nos determina (ou excita).

Falta de Ser, como uma excrecência — um Ser que sempre aumente — o estilo (sempre) nos aniquila. Confronta com o que nos define (e define).

Por isso o texto é o Ser e o Ser o estilo que como um brilho (lâmpada somos, filamento) nos funde, aniquila.

O estilo (o Ser) é o que nos define. Falta-nos o Ser e só por isso o texto como Ser se (nos) continua — e no sentido dessa falta se continua, de um modo muito preciso.

O estilo (de)limita(-nos): como Ser somos o seu limite.

Forçando-nos a Ser, pelo que de nós exige, o estilo demarca-nos de nós mesmos, distancia e aproxima-nos, não nos conforma com uma noção antiga e pacífica de Ser, mas no seio do próprio Ser (de)limita-nos. E assim nos aniquila. Do Ser remete-nos para o não-Ser,

o que pode ou não vir a Ser, o que nunca se pacifica como um sentimento (não se/nos reproduz, regulariza, interioriza) mas antes nos impossibilita ainda dentro do possível (nos impossibilita o possível e todavia apenas como impossível, noção disso, nos possibilita). Do desejo, assim, se aproxima. Do que também no corpo, de encontro ao corpo de outro nos faz ser (ou compõe, inventa), e então através de um outro, de um diferente outro corpo, de nós nos aproxima (e como Ser, sensível, experiência e constante quebra/presença da ausência, nos sensibiliza: e possibilita).

Vira-nos então um exterior de encontro a um centro e com um longe todo o próximo, e como distância/incerteza, (nos) infinitiza.

Porque «o estilo é um ti-que».

Sim, na ausência, na imprudência (não há um «fim» que o relativize ou impossibilite), o estilo é uma minúcia.

Algo que em si/por si não tem existência/consistência e só como uma impaciência (chamemos-lhe um «nervosismo») coexiste, (nos) persiste.

É pelo estilo, todavia, que mais somos, mais integralmente. Tanto pelo que (as-

TERNO

ueses o vêem – I

um bem-aventurado santo (Santo Anselmo) escreve no seu livro das Similitudes, nem sequer têm a possibilidade de tirar do olho o verme que o rói... Jazem nas trevas exteriores, porque as chamas do inferno não emitem qualquer luz... O horror desta prisão estreita e sombria é aumentado pelo seu espantoso cheiro. Todas as imundícies do mundo, todos os monturos e escórias do mundo correm para lá como para uma vasta e fumegante cloaca... Mas o tormento maior é o do fogo... O lago de fogo do inferno é ilimitado, não tendo margens nem fundo... Uma montanha lançada no oceano ardente do inferno seria consumida nesse instante como um pedaço de cera. O sangue ferve e cachoa nas veias dos condenados, o cérebro ferve-lhes no crânio, no seu peito o coração flameja e arde, as entranhas não passam de uma massa vermelha de polpa que se consome, os olhos delicados flamejam como globos em fusão». Do inferno assim descrito por James Joyce, do inferno recriado por Dante Alighieri e por muitos pintores, perversamente povoado por tanta gente deste jardim à beira-mar plantado, que pensam hoje os portugueses?

A primeira vista, dir-se-ia que não pensam nada, já que, apanhados desprevenidos pela pergunta, costumam frequentemente responder com a primeira coisa que lhes vem à cabeça. Mas é óbvio que são mais propensos a acreditar do que a não acreditar. Com efeito, quase todas as pessoas com quem falámos acreditam firmemente numa forma de penitência ou de sofrimento como punição dos nossos pecados, embora frequentemente a ideia que fazem do inferno não prime pela ortodoxia. Seja como for, a maioria dos portugueses que abordámos acredita no além, e pouquíssimos tiveram a coragem de responder sem reservas: «não acredito».

Contudo, não deixam de entremear na conversa larachas e ditos irónicos, a modos como se no fundo pensassem que o inferno é só uma grande «blague», mas sempre na suposição implícita de que se trata de uma coisa em que é preciso reflectir um problema a resolver.

Para muitos, acreditar no inferno é quase uma artimanha para evitar o ingresso no reino de Satanaz, e por vezes chegam mesmo a confessá-lo. São justamente estas pessoas que atribuem mais importância ao pecado, falando constantemente de pecadores, almas perdidas e punições infernais. Mas como julgam e que ideia fazem dos pecados que conduzem à danação eterna?

Os portugueses deste fim de século com quem falámos são unânimes numa única resposta: o pecado sexual. É essa a infracção que todos referem quando se fala de pecado, e é a ela só que aludem quando citam o «bom caminho» e o «não dar passos em falso».

Continua na pág. 4

UM POEMA INÉDITO

de José Gomes Ferreira

A "INTERNACIONAL"

Acabou o comício.
E, como de costume,
no final,
todos de braço dado cantámos
o embalar do lume
da «Internacional»...

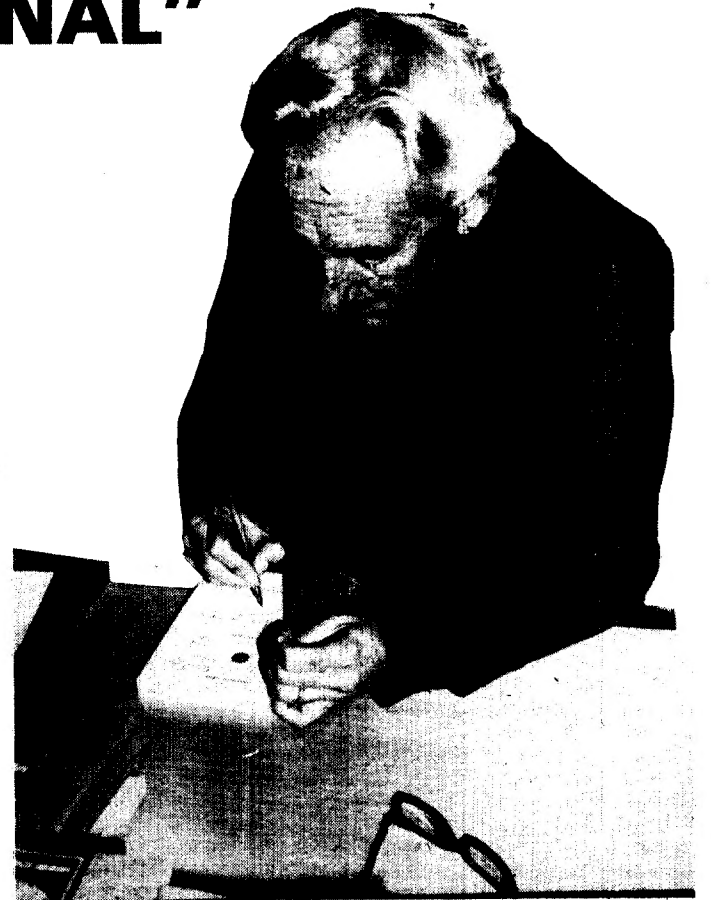
...esse hino
que um marceneiro
compôs, durante a sua guerra
pelo Destino
do operário verdadeiro
– melodia
arrancada certo dia
da raiz de uma flor
no coração da Terra.

(Da Terra Futura
sem amos,
mas só com amor.)

Entretanto cantamos.

7-3-1981

José Gomes Ferreira



TORNO DO ESTILO QUE (SE) ANIQUILA

Fernando Guerreiro

sim o julgamos...) «somos» como pelo que não existimos. Ou seja: o confronto, o duelo dualista disso. E sem fim nem princípio. Sempre. Num deslize.

Pensar o Ser, com efeito, é conceber-lhe desde logo os limites. E mesmo nos momentos mais entusiásticos, ou «puros». O que então nos precipita a percepção é ao mesmo tempo a queda e um fundo: a percepção de um fundo, ao qual vamos de encontro, e um limite), o que nos agita é tanto a pulsão do acto como a enormidade do objecto (a que se aspira). Ter a noção dessa desmesura é erguer sempre em nós – como barreira, «razão» ou medida – um limite. O próprio pensamento, no acme do Ser limita-nos. O pensamento é um limite (p. ex., quando se substitui ou interpõe noções ao Ser); o seu carácter «segundo» designa-nos (como uma aspiração para o Ser, um entrecortado limite).

Deste modo, a escrita só começa verdadeiramente – estou a pensar em Lautréamont e La Rochefoucauld – quando algo se negativiza.

É esse o momento em que signo e Sujeito se dividem, se diferenciam e precisam.

A negação é a operação que na base significa: é ela que torna o diferente significativo.

No princípio era o Múltiplo e não o Uno. O Uno é uma construção posterior, póstuma, que essa (in)diferença anterior – para o Sujeito (de Ser) impossível – agora reduz, simplifica. O Uno é assim o momento da reconstrução do indivíduo, como Sujeito, na Ideologia. Toda a ideologia procura reduzir o múltiplo ao Uno.

Não deixa de ser necessário que assim suceda. Em certa medida é o Uno que torna possível a vida – o sentido: a escrita.

Contudo o Uno tende a esquecer, a reprimir a sua origem. O seu artificialismo. Designando-se como princípio ou fim, esquece-se que não passa de uma forma acomodaticia.

É próprio contudo das coisas não nos obedecerem, fugirem-nos. A todos os níveis de experiência o Sujeito sente, e por vezes compreende, que o múltiplo o cinde.

A dualidade é, portanto, muitas vezes, uma segunda forma de circunscrever o múltiplo: de o submeter a um estado-segundo do Uno (já que este Dois, assim entendido, não passa de um desdobramento do Uno: ou a ele, em última instância, re/conduz-nos).

É neste quadro de comparações que se pode ver como só a negação (referimo-nos à operação que divide e não à

sua integração, silogística, como fórmula do Uno) pode (re)estabelecer pontes com o estado originário do múltiplo.

A negação torna-se assim a operação de sentido em que o Sujeito, como diferença constante dele mesmo, metonimicamente, se constitui. Eis o estilo! E não como «estado», mas como incidência, fragmento, surto. É no momento em que um sentido se distingue de outro que o significante – e com ele o Sujeito – se constitui. O significante é esse movimento de resistência (ao Sentido que se reproduz) que ilumina e como uma lâmpada, no outro momento, logo instantaneamente se funde.

Num texto dizer que o significante significa – ou se produz – consiste em chamar a atenção para o facto de ser como oposição ou impedimento que ele se conjuga.

Momento, se quisermos, em que o sentido se reinventa (ou, como se fosse pela primeira vez, surge na nudez dos seus mecanismos) e em que o texto, na sua momentânea diferença, todos os outros textos anula (com o seu fugaz brilho ofusca).

Claro que é deste duplo anulamento (de si mesmo e do mundo: de si mesmo como mundo) que o Sujeito, em si, e como intensidade (material, insignificante, bruta), resulta.

Poremos portanto a tónica na excentricidade, excentricidade – sim, se o quisermos, «excêntrica», deste momento: diremos que entre a negação e o nulo ele restitui (ainda que só por momentos: hipótese, teoria/utopia) o múltiplo.

O Sujeito re/escreve-se mantendo em aberto os mecanismos da sua negatividade – até que nunca se atinja uma funcionalidade pura... (2)

Março/Julho de 1979

(1) No Suplemento «Sete-ponto-sete» do «Diário de Lisboa», Julho de 1979. Leia-se também Montaigne (P. ex., no 1.º vol. dos «Essais», o cap. XX – «Que philosopher c'est apprendre à mourir...»).

(2) Foram as aulas que por essa altura tive de dar sobre barroco e maneirismo que me levaram a repensar o momento pleno de jogo e arbitrio que corre por dentro, ao mesmo tempo que a institui, a escrita.

Noções como a da impossibilidade de pensar a experiência em termos de Ser, ou a afirmação de que o Ser não é nunca redutível ao «dito» – não é definível, dizível –, remetiam-se para a situação (tábua rasa, que tantas vezes é a da escrita) da impossibilidade de pensar o Ser (o dizer: o sentido) a não ser pela negativa.

O discurso sobre o Ser (o das coisas ou o do dizer) seria assim muitas vezes conduzido a referir exclusivamente o ponto em que se escapa/se perde o «sentido» – ou o que o negativiza.

No «barroco», contudo o «vazio» ou o ausente designa frequentemente a possibilidade, plena, de ainda uma outra-coisa ou de um

«sentido» já não se passa talvez e mesmo com o maneirismo que é uma prática de diferenciação e de negativização do sentido...).

Hoje, no entanto, talvez nos convenha mais modestamente (re)conhecer que nada mais existe a não ser essa experiência da e pela negação. Como se enquanto subjectividade (efeito de Ser) só começássemos verdadeiramente a existir no ponto em que, aparente, o sentido (antigo...) se eclipsa – e então fôssemos apenas a epidermica diferença de uma incongruência ou de um desnível. Hiato, contudo, que nos mediatiza; intervalo em que se surpreende e é possível viver o «impossível»...

Anteriormente nunca somos; existimos apenas no ponto em que emerge um diferente (uma diferença): e depois já não somos tanto uma «real» diferença como a operação repetitiva que a possibilita, pela negativa.

O «sentido» – a preocupação de que o texto produza um sentido – é um alibi talvez necessário para que o Sujeito preserve (n) a escrita.

Admitido isto não importa tanto o que ele diz – isso na realidade nunca é dito mas os mecanismos pelos quais ele se mantém em posição de ser dito. E o dito há que o questionar, interrogar com o que nele há de não-dito, mal-dito ou inter-dito; procurar afinal ser a maldicência de todo o dito...

Dou o exemplo de Ducassee. Procura sublinhar o que há de revolucionário, descontinuo para todo o sempre em Ducassee.

Dois momentos: 1.º Les Chants de Maldoror: uma prática declarada do «plágio» (referência ao romance, a um programado sentido); a especificidade do seu trabalho está no conjunto das correções, das diferenças, produzidas. É na técnica que se concentra – labora e emerge – a subjectividade da escrita: ultrapassada uma certa estética da «representação» (pelo menos «inocente» – de acordo com a teoria da mimesis, sempre mais ou menos realista ou naturalista), o Sujeito produz-se como a (na)negação de todo o sentido.

Fixa-se nessa operação (de negação e constante referência) que o produz.

2.º Nas Poésias a negação é associada, é vivida como uma afirmação (a única afirmação possível) positiva (?) de sentido. É na negação que se produz sentido – senti-lo para o Sujeito é o momento de júbilo (no que (o)negativiza ele atinge(-se)).

A negatividade constitui a própria situação de base – institucional – da escrita.

A escrita é, o Sujeito (o sentido) produz-se pela negativa.

No palco da escrita todo o Sujeito é assim desde logo um personagem: a sua «liberdade» não está tanto em escolher ou não um «papel» querido mas na forma (gesticulada quase) de o representar (no acting, que uma determinada teoria do corpo produz).

A negação, contudo, seria uma operação com dois sentidos (ou que, num difícil equilíbrio, oscila entre dois limites): há nela sempre uma parte de aposta, outra de risco.

Risco de perder-se, de perder de todo o sentido (Angelo de Lima e Holderlin «sosseobram» na loucura), mas vontade também de restaurar um estado de pluralidade (anterior ao momento de especularidade em que o Sujeito se constitui).

A criança no início não se distingue do mundo, ela é o mundo: coisas várias, uma pluralidade indiferenciada mas sensível; uma desordem sem fim nem princípio. É essa a utopia da escrita, a sua ligação (o seu desejo de ligação) «profunda» com o mundo.

Todos os momentos de unidade devem portanto ser «tácticos» e manter o Sujeito disponível para o que afinal unicamente o constitui.

A negação das coisas é «princípio do mundo».

Todo o sentido – fora destes limites (que o tornam relativo...) – é uma desculpa.

Algo mais forte nos possui, se somos o que nos possui.

A escrita como a vida constituem-se disso.

O SILÊNCIO DO GRITO/O GRITO DO SILÊNCIO

Continuação da pag. 1

ler-se na aceção de intrínseca e indefectível associação. Neste caso, porém, não há mutualidade, igualitariedade: é «o silêncio do grito», não o grito do silêncio. Aliás, «grito do silêncio» é metáfora que ocorre somente no final, a fechar a peça, e noutra aceção, como veremos. «O silêncio do grito» é «sempre outro», por causa do espaço amplo (do silêncio) onde o grito se inscreve, que o grito atravessa. É «sempre outro, além», mais além. Onde? «Nos muros, sobre a sebe». E veremos também que «na neve», e «sobre a neve».

Mas, antes disso, «a serpente», «a serpentina». Os símbolos, (ou um só símbolo, mas em duas gradações) ocorrem na expressão duma recusa irreversível, «nunca». Os motivos

desta recusa (respeitante a uma identificação com o grito ou o silêncio do grito) não parecem duma extrema clareza, aqui. Repare-se no entanto que o «nunca», em relação a «serpente» ou «serpentina», situa-se entre duas hipóteses afirmativas, e o peso da negação cai mais sobre a segunda: «o grito na neve, o grito sobre a neve». Uma hipótese interpretativa pode assentar na identificação entre os muros e a sebe, por um lado, e, por outro, a neve. Não devemos exceder-nos, todavia, nem é tudo interpenetrável em termos assim. E não há aqui nenhuma visível, sensível ou plausível relação. Trata-se talvez, ou de preferência, de aspectos avulsos mesmo que de uma só (ou desdobrada) percepção. De qualquer modo, não se resiste à tentação de levantar uma segunda hipótese interpretativa. E

esta basear-se numa possível combinação das incidências semânticas mais acentuadas, entre o símbolo da serpente (desgraduado ou graduado em serpentina) e a simbologia da neve.

«Quem pára sobre a nuvem sobre a boca/DÁ O SINAL DO GRITO SE AQUI O GRITO/não clama o clamor mas incendeia/a não leitura (...)». A passagem tem o seu quê de sentencioso. Detemo-nos sobre duas metáforas: «nuvem» e «boca». Aceções imediatas, a nuvem, para a maior altura, ou menor; e a boca é o lugar de onde a voz, a fala, se emite para o ar. Aceção ainda imediata, a nuvem ensombra a boca, tem densidade e peso no ar, é, no ar, obstáculo a que a fala se propague. E a boca é a parte do corpo onde o corpo se relaciona mais

vivamente com o ar. Parar sobre a nuvem, não se deve parar, pairar. Porque a nuvem está sobre a boca (no segundo sobre trata-se, de preferência, da posição da nuvem em relação à boca, não duma repetição relativa a «quem pára»), e, assim, o trabalho da boca defronta-se com uma dificuldade, mesmo um obstáculo, um impedimento. Todavia, a expressão é para outra situação que aponta: para o grito que na boca se detém. O «quem» de «quem pára» não é o sujeito da boca, pelo contrário: a boca é que sofre o efeito da paragem sobre ela (da nuvem e de quem pára sobre a nuvem). A boca aparece pois como o lugar por onde o grito passa e se liberta para o ar. E é um lugar atacado por um processo exterior que se situa no ar: o da nuvem, e da detenção sobre ela, por parte de quem se identifica aqui activa-

mente com esse processo.

«Quem», é uma entidade abstracta, não tem de ser forçosamente uma indicação subjectiva, um indicativo pessoal, ou humano. Dar «o sinal do grito» é despoletar uma situação onde o grito está iminente. Não é por força libertar o grito, lançá-lo ou deixá-lo livremente subir no ar, projectar-se, expandir-se, ocupar o espaço do ar. É «dar o sinal» dele, isto é, manifestá-lo, captar-lhe a latência e fazê-lo revelar-se metonimicamente. O «quem» aqui expresso pode identificar-se, p. ex., com «o personagem» de que se fala noutros poemas do autor. Mas dizer «personagem» é desde logo sugerir uma certa distanciação. O «quem» indefinido, desloca a referência central essa distanciação, alarga o âmbito onde essa referência se situa.

A principal função do «quem», aqui, parece mais ser esta: polarizar (em abstracto, na indefinição) os trabalhos, os movimentos de que aqui se fala: a paragem da nuvem sobre a boca, a manifestação do grito (na boca, ultrapassando o obstáculo da boca — sobre a qual a nuvem pára, para), o labor que ele não faz: «não chama a chama», e faz: «incendeia a não leitura». A situação pode talvez resumir-se assim: quem pára sobre a nuvem (e parar sobre a nuvem é parar sobre a boca) dá o sinal do grito que na boca, por dentro, se detém. É um alarme necessário, uma necessidade, libertar este grito, a sua urgente emergência, porquê? Recorra-se a uma chave extra-textual, refira-se o excesso do real que no horizonte se acumula, o trabalho que à boca se impõe de ir ao encontro desse real, defrontá-lo, desvendá-lo, desbravá-lo, deslocar-lhe, alargar-lhe os limites. Que trabalho é este? — O da fala, certamente, o da dicção, da nomeação. Pouco, se confrontado com o objecto, o obstáculo que se lhe levanta. É então que o grito se põe como solução mais capaz, mais forte. O grito é por natureza (digamos) um excesso, uma incontinência, uma libertação, uma solução transbordante, uma expressão supra-codificada, acima e à margem da fala, do dizer e de suas organizações estruturais mais correntes. O seu poder é destrutivo, perturbador, pelo menos, mas também envolvente e superador de situações de impotência ou impasse expressivo. Dizer que «o grito/não chama a chama» é o mesmo que dizer que não atrai esse excesso de real que no horizonte se acumula e adensa. O grito não é implosivo, é explosivo. Mais do que explosivo, incendiário: incendeia — a não leitura». Que é isto de «a não leitura»?

O poema, ou a sequência, parece dizê-lo: «leitura das trevas verdes», etc., etc. Não é dizê-lo, pelo menos explicitamente, mas relançar o real excessivo, o excesso de real com que esta questão do grito se prende. Deve-se voltar aos primeiros três versos e aos quatro versos que se seguem — e onde a questão aparece desde logo formulada em termos que relacionam o grito com o corpo, o grito com o real exterior e seus excessos, o grito com o silêncio, seu reverso indissociável. «O grito que não chama, a chama verde» é o mesmo que «não clama o clamor mas incendeia/a não leitura», a «não leitura/ do corpo calado que o poema lê» é a mesma «não leitura — leitura das trevas verdes». Aparentemente, existe uma oposição entre «a chama verde» e «as trevas verdes». Mas, no primeiro caso, trata-se de «a não leitura», e, no

segundo, de «leitura». «A chama verde» é «submersa ou não» (tanto faz, dir-se-ia), e «nas trevas verdes» diz-se que «a boca sobrenada sobre nada». A «chama verde» tem pois uma relação de directa identidade com a boca, ao mesmo tempo que se furta a uma identificação com as trevas. A boca não está bem nas trevas verdes. Daí o grito, ateamento do incêndio (sonoro), trabalho da boca (incendiário).

O grito não é uma figura elementar de fácil percepção. Na sua elaboração entram factores activamente contraditórios. Todavia, o mais forte polarizador das contradições que internamente o caracterizam é certamente o silêncio. «E o silêncio, o silêncio do grito/é sempre outro» — reverso facetado em constante deslocação, alteridade do grito que a projecção do grito move e descentra em relação a qualquer referência que o possa reter e fixar (em que pudesse deter-se e fixar-se). Grito e silêncio, silêncio e grito — são indissociáveis. Aparentemente, o grito rompe o silêncio — mas num primeiro movimento, e instantâneo: logo o silêncio recupera a amplitude do espaço todo onde o grito se inscreveu, e o grito é uma função do silêncio: assim como o silêncio é uma função do grito. A relação é mútua, e recíproca, embora desigual — mas um termo e outro acabam sempre por confundir-se, num embate (o grito contra o silêncio), num envolvimento (o silêncio sobre o grito).

Mas é ainda e sempre a boca que grita o grito, mesmo quando «grita o silêncio do grito» («grita o silêncio do grito, o grito do silêncio»). O grito é pois uma potencialidade do corpo, do sujeito, e uma potencialidade activa. O silêncio que a esta potencialidade (e a esta actividade) se associa não tem de modo algum mais força do que o grito, por mais que em certas situações particulares se apresente quer como seu reverso quer como componente do grito, extrínseca ou intrínseca. É o grito que investe contra o silêncio, e trata-se certamente de qualquer coisa mais forte do que a fala, a dicção, a palavra, a nomeação, etc. É uma investida sonora, aguda e grave, informe, disforme, inconforme com códigos, fórmulas, modelos. É uma manifestação excessiva do ser que se distingue de outras manifestações orais, verbais, do ser, precisamente por excesso, pelo incontido, pelo irreprimido, irreprimível. Manifestação de vitalidade e energia que não tem nenhum objectivo pré-determinado a não ser a descarga de excesso emocional, o despoletamento duma situação interna (orgânica) perturbadora, perturbada, crítica, de impasse, oprimida. Atravessa o ar, rasga-o, fende-o, vai longe. Pode ser breve, extinguir-se depressa, não resistir muito longeiramente ao cerco, à opressão, ao envolvimento do silêncio, abalado, flectido, recuperado depois. Mas é isso: uma descarga, uma descontração, um alívio. Tudo isto desanuviador, pelo menos por um instante. «Não leitura», ainda, porquê? Porque a leitura é trabalho moroso, difícil, incessante, de decifração. Precisa duma pausa, de vez em quando, duma distensão da atenção concentrada sobre os signos, os sinais, duma descen-tração da atenção dos signos, dos sinais — do corpo, do texto — para o âmbito mais largo onde estão esses signos, esses sinais. O grito é uma tentação persistente: nem sempre se lhe pode, se lhe deve, se lhe pode resistir.

Luís de Miranda Rocha

O INFERNO

Continuação da pag. 3

Perante os outros, as pessoas envergonham-se de falar do inferno e, como já dissemos, às vezes tomam a pergunta como uma brincadeira. Todavia, em conversa a dois, vão abandonando progressivamente as suas reservas até atingirem um estado de disponibilidade que não os inibe de descrever os seus momentos de solidão, dedicados muitas vezes à consideração destes profundos problemas. Basta, no entanto, a chegada de uma terceira pessoa para começarem a balbuciar, a falar por meias frases, para o outro não entender qual o tema da conversa. De qualquer modo, em muitos subsiste a convicção de que não se pode falar seriamente do inferno. Outros, porém, vão dizendo que não acreditam, mas não deixam de fazer pequenas reservas, dando tempo ao tempo. Por agora, o problema não os afecta de perto; depois se verá.

Para não sermos acusados de descurar as fontes mais qualificadas, também nos dirigimos a um padre lisboeta, mas este recusou-se terminantemente a prestar-nos qualquer informação sobre o inferno. Tentámos outro, mas o resultado foi o mesmo: ambos nos sugeriram a leitura do catecismo e, para informações de pormenor, da «Divina Comédia».

Uma planície em brasa

Como não nos interessam os textos, mas apenas a opinião das pessoas, interrogámos duas criadas de uma pensão da Guarda, quando há tempos estivemos naquela cidade. A primeira, bonita e perfeitamente consciente dos seus encantos, respondeu-nos que só acreditava no inferno se pudesse mandar para lá os padres. A outra, feiote, mas ortodoxa, via o inferno como uma vasta planície em brasa, com os condenados a correr em todas as direcções, atormentados por multíssimos diabos. No que dizia respeito a Satanaz, estava convencida de que o tínhamos sempre no encalço, de atalaia às nossas pequenas fraquezas, na esperança de nos levar a alma.

Sentimo-nos a pisar um terreno mais seguro, deixámos as duas raparigas entregues ao seu «naniôra» e fomos interrogar o senhor T. S., funcionário público, o qual sustenta que o inferno não passa de um expediente para suavizar e conter a delinquência. Pessoalmente, o nosso funcionário é católico, e embora não frequente as igrejas (diz que não aceita «as martingalas dos padres»), por vezes, na rua, em casa ou na repartição, junta as mãos e reza. E não se envergonha de dizê-lo, acrescenta. Depois fala-nos da alma: entende-a como o centro de uma coisa, especificando, à guisa de exemplo, que até um sabonete tem alma; por isso mesmo, a alma deverá extinguir-se com o corpo. A sua religião — frisa o senhor T. S. — é muito superior às «prédicas artificiosas» da Igreja.

A senhora M., doméstica, está certa de que todos os mortos estão a dormir, e de que no momento do juízo final serão despertados ao som de cornetas; os bons transformar-se-ão em anjos e voarão para o paraíso; os maus serão destruídos. E o inferno? (perguntámos) Pelo menos de momento não lhe vê quaisquer aplicações práticas.

Outra senhora, mulher dum motorista de táxi, observa que as tribulações do presente não nos dão tempo para pensar nas agruras do futuro, por isso nunca teve vagar de reflectir sobre o inferno, mas tem a certeza de que deve haver, no fim da vida, uma forma de penitência qualquer. «A própria palavra inferno é isso mesmo que quer dizer», conclui com irrefutável lógica feminina.

Como tradicionalmente os barbeiros são peritos em coisas sobrenaturais, não quisemos deixar de ouvir o Figaro do nosso bairro, o qual começou por afirmar que o inferno se encontra na terra e que os ricos não vão para lá (tal como em relação aos outros lugares desagradáveis do nosso mundo, compram o direito de não ir para lá), podendo, portanto, viver tranquilos e despreocupados. «Quando, por acaso, têm alguma preocupação» — acrescenta o sagaz barbeiro — «oferecem mais dinheiro à Igreja e resolvem o problema». Os pobres, esses, além de serem pobres, isto é, condenados a sofrer desde que nascem, vivem na permanente e terrível preocupação do inferno, apesar de não serem os primeiros a merecê-lo.

«Seja como for, do que não tenho dúvidas é de que o inferno e o paraíso são coisas nossas, aqui da terra. Não existe além algum». E dito isto, o nosso barbeiro fez questão de esclarecer que era socialista. «Do PS?», inquirimos. «Não senhor! Socialista, já lhe disse...».

Não ver o altíssimo — eis o tormento infernal

Mesmo ao lado da barbearia existe um talho. Já agora, porque não ouvir o cortador? E calha mesmo bem, já que se trata de pessoa ilustrada e com prestígio na freguesia (creio que faz parte dos corpos



«Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate». Dante e Virgílio à entrada do Inferno (ilustração de Blake para a «Divina Comédia»)

gerentes da respectiva Junta, embora me tenha esquecido de esclarecer devidamente este ponto).

O provisor das carnes imagina o inferno como um lugar de expiação dos nossos pecados, mas apenas no espírito, não na carne, acabando por explicar que não se considera um grande pecador, já que nunca roubou nem matou ninguém. Em matéria de pecados, só provou disso quando era rapazinho e andava atrás das raparigas. De qualquer modo, é do parecer que a Igreja abuse um bocadinho na exploração deste negócio do inferno.

Uma freguesia que estava ali à espera de meio quilo de fressura para o gato, meteu-se na conversa e opinou que «realmente não deve haver no inferno esse fogo todo que dizem que há». Foi imediatamente mandada calar por uma simpática velhota: «Há fogo, sim, a dar com um pau, e azeite a ferver».

Já era tempo de tentarmos saber o que é que se pensava do assunto em casa dum operário. A mulher do obreiro que procurámos expendeu uma opinião absolutamente original: uma vez que todos seremos julgados no juízo final, deve concluir-se que o inferno, o purgatório e o paraíso (nos quais ela acrescentou acreditar firme e fervorosamente) se encontram completamente vazios. Provavelmente só estão no inferno aqueles que na vida tiveram um comportamento tão mau que nem há necessidade de juízo final para condená-los: vinte, trinta pessoas no máximo. Em relação ao paraíso, acontece a mesma coisa: neste momento, só lá estão os santos, e já é muita gente.

Quanto ao maridooperário da construção civil vindo do terrunho natal para Lisboa já depois de cumprido o serviço militar, pensa que o inferno consiste na impossibilidade de ver o altíssimo, como um amante que não consegue ver a mulher amada. No que se refere à versão corrente da Igreja, acha que se trata de invenções: como a gente não pode compreender a importância da verdadeira punição, os padres inventaram punições mais acessíveis à inteligência média dos fiéis. Em seu entender, o inferno é democrático: igual para todos, visto que não há punição maior do que ir lá parar.

E. S.